



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia

MARIA LUIZA IUSTEN DA SILVA

**RELAÇÃO ENTRE A PERSONALIDADE PATERNA E A
ABERTURA AO MUNDO EM PAIS DE CRIANÇA DE 4 A 6
ANOS**

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira

Florianópolis, 2017

Maria Luiza Iusten da Silva

**RELAÇÃO ENTRE A PERSONALIDADE PATERNA E A
ABERTURA AO MUNDO EM PAIS DE CRIANÇA DE 4 A 6
ANOS**

Dissertação submetida ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade Federal
de Santa Catarina, como requisito
parcial para obtenção de título de
Mestre em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Mauro Luís
Vieira

Florianópolis, 2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da
UFSC.

Silva, Maria Luiza Iusten
Relação entre a personalidade paterna e a
abertura ao mundo em pais de criança de 4 a 6 anos /
Maria Luiza Iusten Silva ; orientador, Mauro Luís
Vieira - SC, 2017. 136 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em,
Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. 2. Envolvimento paterno. 3. Parentalidade.
4. Personalidade. I. Vieira, Mauro Luís. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em. III. Título.

Maria Luiza Iusten da Silva

**A RELAÇÃO ENTRE A PERSONALIDADE PATERNA E A
ABERTURA AO MUNDO EM PAIS DE CRIANÇA DE 4 A 6
ANOS**

Esta pesquisa foi submetida como requisito parcial para obtenção do
Título de Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em
Psicologia.

Florianópolis, 15 de fevereiro de 2017.

Profa. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré, Dra.
(Coordenadora- PPGP/UFSC)

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mauro Luís Vieira, Dr.
(PPGP/UFSC – Orientador)

Profa. Dra. Maria Aparecida Crepaldi, Dra.
(PPGP/UFSC - Examinadora)

Prof. Dr. Roberto Moraes Cruz
(PPGP/UFSC - Examinador)

Profa. Dra Luciana Fontes Pessoa

(PUC- RJ - Examinadora)

Prof. Dr. Brígido Vizeu Camargo
(PPGP/UFSC - Suplente)

Dedico este trabalho aos meus pais e irmãos que sempre me apoiaram e contribuíram para que eu conseguisse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois, sem Ele, eu não teria chegado até aqui.

Agradeço aos meus pais por terem acreditado em mim, pelo incentivo, força e dedicação. Aos meus irmãos que me apoiaram e encorajaram a seguir em frente.

Agradeço ao apoio e estímulo dados pelas docentes da família: vovó Baixinha e tia Lara, as quais constituem minha inspiração e modelo de docência a seguir.

Ao Cleber, que esteve ao meu lado em todas as dificuldades, tanto de adaptação, quanto de estudos, torcendo e confiando nas minhas habilidades e no meu potencial.

Agradeço aos amigos que, mesmo à distância, me mandavam boas energias, me apoiavam e se preocupavam com meu bem-estar. Um agradecimento especial ao Renato, Alice, Camila e Luciana que escutavam com carinho e paciência meus desabafos e preocupações.

Agradeço aos amigos que fiz nessa cidade, que me acolheram e me ajudaram a enfrentar os desafios. Especialmente à Mariana Backes que alegrava e divertia meus dias com suas piadas, com seu jeito extrovertido e brincalhão de olhar para a vida. Obrigada, Mari por acolher minhas incertezas e dividir comigo as alegrias.

Obrigada também aos colegas do Nepedi e Labsfac, com os quais foi possível dividir opiniões e aprender sempre mais. Um agradecimento especial à Joyce, minha parceira de mestrado, à Rovana pelas suas belíssimas sugestões e à Carol pela disponibilidade em auxiliar e orientar minha pesquisa.

Ao meu orientador, professor Mauro Luís Vieira pelo conhecimento transmitido, pelos questionamentos, por te me instigado a buscar sempre mais, pela exigência e olhar crítico, pela escuta atenta e carinhosa, pelas discussões e, principalmente, pelo incentivo a publicações.

Agradeço à professora Maria Aparecida Crepaldi pela abertura e disponibilidade em esclarecer nossas dúvidas, em nos ensinar estratégias de como apresentar uma aula ou um trabalho, por ampliar minha visão de mundo, por proporcionar reflexões e por ser um modelo de coerência teórica e prática.

Ao programa de Pós-Graduação da UFSC e à CAPES por possibilitarem meu aperfeiçoamento profissional.

Às instituições de Educação Infantil e às famílias que nos receberam em suas casas e tornaram viável essa pesquisa.

Agradeço aos membros da banca pela atenção e por terem aceitado contribuir com esta pesquisa.

Agradeço imensamente a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse até aqui.

SILVA, M. L. I. 138 f. *Relação entre a personalidade paterna e a abertura ao mundo em pais de criança de 4 a 6 anos*. Florianópolis, 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Mauro Luís Vieira

Data da defesa: 15/02/2017

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo investigar a relação entre personalidade e abertura ao mundo de pais de crianças entre quatro a seis anos. Foram realizados dois estudos: o primeiro trata-se de uma revisão sistemática sobre personalidade parental e parentalidade cujo objetivo foi revisar artigos empíricos que relacionaram a personalidade de pais e/ou mães e a parentalidade. Analisou-se 18 artigos internacionais selecionados nas bases de dados Capes Periódicos, PubMed e BVS-Psi. Por meio da análise dos artigos encontrados, constatou-se que as características *extroversão* e *amabilidade* se relacionam a uma parentalidade calorosa e responsiva; a *extroversão* ao envolvimento do pai em atividades lúdicas; o *neuroticismo* à rigidez ou permissividade; a *abertura* a uma parentalidade flexível e aberta ao novo; e a *conscienciosidade* à imposição de limites na educação dos filhos. O segundo estudo teve delineamento exploratório, descritivo, inferencial e transversal. Acessou dados de 171 famílias biparentais heteroaletivas com pelo menos um(a) filho(a) com idades entre 4 a 6 anos. Foram utilizados três instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade e Questionário de Abertura ao Mundo, os quais foram respondidos pelo pai. Os dados obtidos foram submetidos a programas estatísticos e a análise de dados foi quantitativa, realizada a partir de estatística descritiva e inferencial. Realizou-se análise de cluster e modelagem de equação estrutural. Foram identificados quatro perfis de personalidade que foram relacionados com a abertura ao mundo por meio da modelagem de equação estrutural. Esses perfis foram caracterizados por: 1) Pais perseverantes e emocionalmente envolvidos; 2) Pais inconsistentes ou ambivalentes; 3) Pais envolvidos e estimuladores; e 4) Pais distantes e pouco envolvidos. Pode-se concluir

que a personalidade é um fator que pode interferir nos comportamentos do pai que visam a abertura ao mundo da criança, embora essa relação possa envolver outros determinantes. Assim, recomenda-se que estudos futuros investiguem a relação entre personalidade paterna e a abertura ao mundo considerando a relação conjugal, a coparentalidade e as características da criança.

Palavras-chave: parentalidade, relações pai-filho, relação de ativação, abertura ao mundo, envolvimento paterno, personalidade.

SILVA, M. L. I.138f. *Relationship between father personality and openness to the world in parents of children from 4 to 6 years old*. Florianópolis, 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina.

ABSTRACT

The current paper was developed aiming at analyzing the connection between personality and openness to the world in fathers of children between four and six years. Two studies were undertaken. The first one is a systematic literature review about parental personality and parenting which intends to reassess a variety of empirical articles that had investigated the relation between parent's personality and parenthood. It was analyzed a total of 18 articles selected among 138 which were founded in Capes Periódicos, PubMed and BVS-Psi data bases. The main outcomes from this analysis are: it wasn't found Brazilian paper or article about the relation between parent's personality and parenting, some characteristics as extroversion and agreeableness are associated to a warm and nurturance parenting; Extroversion is relational to how much the father is engaged in playing activities; Neuroticism is connected to rigidity and permissiveness; the openness to a flexible and open to new experiences parenting; and conscientiousness is connected to how parents impose limits and rules to their children during the education process. The second study is characterized as investigative, descriptive, inferential, cross-sectional and data collecting. It has involved information from 171 two-parent, hetero-affective families with at least one child aged 4 to 6 years. The used instruments were: a Sociodemographic Questionnaire, Inventory of the Five Great Personality Factors and the Opening to the World Questionnaire

(OWQ). The data were submitted to statistical programs and the data analysis was quantitative, based on descriptive and inferential statistics. We performed cluster analysis and structural equation modeling. Four personality profiles were identified that were related to an openness to the world through the modeling of the structural equation. These profiles were named as 1) Persevering, and emotionally involved parents; 2) Inconsistent or Ambivalent parents; 3) Involved and encouraging parents and IV) Distant and careless parents. It can be concluded that personality is a factor that can interfere in the father's behavior that wishes opening the children to the world, although this relation may involve other determinants. Thus, it is recommended that future studies investigate the the relationship between paternal personality and openness to the world considering other variables, like the marital relationship, co-parenting and the characteristics of the child.

Key-words: Parenting, father-child relation, activation relationship, openness to the world, father involvement, personality.

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

<i>Figura 1.</i> Modelo Processual dos Determinantes da Parentalidade.....	48
<i>Quadro 1.</i> Escalas ilustrativas dos Cinco grandes fatores da personalidade.....	53

Estudo 1

<i>Figura 1.</i> Esquema representativo do processo de seleção das publicações.....	64
<i>Quadro 1.</i> Descrição dos resultados sobre personalidade e atividades parentais.....	75

Estudo 2

<i>Figura 1.</i> Representação do modelo de equação estrutural gerado em torno do perfil 1.....	96
<i>Figura 2.</i> Dendograma obtido pela clusterização hierárquica dos dados.....	96

LISTA DE TABELAS

Estudo 1

<i>Tabela 1</i>	65
<i>Tabela 2</i>	67

Estudo 2

<i>Tabela 1</i>	87
<i>Tabela 2</i>	88
<i>Tabela 3</i>	91
<i>Tabela 4</i>	97
<i>Tabela 5</i>	97
<i>Tabela 6</i>	98

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPSH	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
CGF	Cinco Grandes Fatores
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LABSFAC	Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade
NEPeDI	Núcleo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento Infantil
PPCT	Modelo Processo-Pessoa-Contexto-Tempo
QOM	Questionário de Abertura ao Mundo
SAPSI	Serviço de Atendimento Psicológico
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TBDH	Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UQÀM	Universidade do Québec em Montreal
UM	Universidade de Montreal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	29
2.1 A Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano	29
2.2 O Envolvimento Paterno e sua Influência no Desenvolvimento Infantil.....	36
2.3 Teoria da Relação de Ativação pai-criança e Abertura ao Mundo	42
2.4 Modelo dos Determinantes da Parentalidade.....	46
2.5 Modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade.....	50
3 ESTUDOS, OBJETIVOS E HIPÓTESES	55
4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	58
5 ESTUDO 1	59
Introdução.....	59
Método.....	62
Resultados	64
Origem dos documentos	64
Ano de publicação	65
Delineamento metodológico.....	65
População estudada	66
Referencial teórico de personalidade.....	66
Temas investigados e principais resultados.....	67
Personalidade e parentalidade	67
Personalidade, parentalidade e comportamento dos filho(a)s	70
Personalidade e parentalidade mediadas por uma terceira variável.....	71

Discussão.....	72
Considerações finais.....	76
Referências.....	78
6 ESTUDO 2.....	79
Introdução.....	79
Método.....	85
Caracterização e delineamento da pesquisa.....	85
Contextos.....	86
Participantes.....	86
Instrumentos para coleta de dados.....	89
Objetivos, instrumentos e análise de dados.....	91
Considerações éticas.....	92
Procedimentos de coleta de dados.....	93
Procedimentos de tratamento e análise de dados.....	93
Resultados.....	96
Caracterização dos perfis de personalidade dos pais.....	96
Identificação dos perfis de abertura ao mundo em função da personalidade.....	98
Discussão.....	100
Considerações finais.....	106
Referências.....	107
7 DISCUSSÃO INTEGRADA.....	108
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	111
9 REFERÊNCIAS.....	115
10 ANEXOS.....	130
11 APÊNDICES.....	134

1 INTRODUÇÃO

A família é considerada o principal contexto do desenvolvimento da criança, sendo constituída por subsistemas que se relacionam e se influenciam mutuamente (Andolfi, Angelo, Menghi, & Nicolo-Corigliano, 1984; Minuchin, 1982). O subsistema parental, especialmente a relação pai-filho e o pai serão destacados na presente pesquisa, a qual abordará as possíveis relações entre as características individuais do pai – a personalidade, e a função de abertura ao mundo em pais de crianças de quatro a seis anos. Estes aspectos serão discutidos sob uma perspectiva bioecológica, que compreende o desenvolvimento humano como um processo multideterminado (Belsky, 1984; Bronfenbrenner, 1996).

As mudanças nas configurações familiares e a alteração do modelo tradicional de família (pai provedor e mãe responsável pelo cuidado do lar e dos filhos) para um funcionamento familiar em que pai e mãe passam a dividir as tarefas domésticas e os cuidados das crianças, ainda de forma não igualitária, são apontadas a partir da emancipação feminina. Pesquisadores (Wagner et al., 2005; Perucchi & Beirão, 2007; Jablonski, 2010) destacam que a maior participação da mulher no mercado de trabalho gerou modificações nos papéis parentais. A concepção de papel é aqui compreendida como uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade e de outros em relação àquela pessoa (Bronfenbrenner, 2002), sendo considerados construções culturais. Assim, diante das transformações socioculturais, há uma demanda maior de que o pai assuma um papel mais ativo na educação dos filhos e que se envolva em diferentes tipos de interações com a criança (Silva & Piccinini, 2007).

Os pais participativos além de proverem os recursos materiais e financeiros, também mantêm uma relação próxima e empática com os filhos, compartilhando com a mãe a função de cuidar das crianças e atendê-las em todas as suas necessidades (Jablonski, 2010). O padrão ideal que vem sendo constituído é de um pai participativo e envolvido com a família e com o filho. Isto demarca transformações nas funções paternas que passam a incluir o vínculo com a criança e a responsividade no cuidado parental (Bandeira, Goetz, Vieira, & Pontes, 2005).

O engajamento paterno na vida dos filhos começou a ser alvo de interesse dos pesquisadores a partir da década de 1970 (Lamb, 1992). Estudos sobre esta temática mostram que o pai tem se envolvido de diferentes formas nos cuidados e que isso tem repercutido positivamente em diversos aspectos do desenvolvimento infantil (Paquette, 2004b; Dubeau, Devault, & Paquette, 2009). Assim, tarefas que antes eram atribuídas apenas às mães passaram a ser exercidas também pelos pais, como trocar fraldas, dar banho, brincar, levar os filhos à escola e ao médico.

No presente estudo, o conceito de envolvimento paterno adotado é o proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985) que é o mais utilizado na literatura nacional e internacional (Bossardi, Gomes, Vieira, & Crepaldi, 2013; Silva & Piccinini, 2007). Ele é definido por meio de três dimensões: *interação* que se refere ao contato direto do pai com o filho e atividades de cuidados, brincadeira e lazer; *acessibilidade* que diz respeito à presença e à disponibilidade física e psicológica do pai para com a criança, sem que ocorra interação direta entre eles e, por fim, a *responsabilidade* que é o papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança (como levar o filho ao médico ou participar de reuniões na escola) (Lamb et al., 1985; Pleck, 1997)

Segundo Lamb (1997), Pleck (1997), Turcotte e Gaudet (2009), o envolvimento do pai com os filhos sofre influências de variáveis como: a) características do pai (relações com a infância, atitudes e crenças sobre o papel de gênero, personalidade, sentimento de competência e características sociodemográficas), b) características da família (relacionamento com a esposa), c) características da criança (gênero, idade, temperamento) e d) características do meio social (condições de vida, local de trabalho, cultura e políticas sociais). Assim, o engajamento paterno pode ser analisado por meio de um modelo bioecológico que o reconhece como um fenômeno resultante de um sistema de interrelações complexas e dinâmicas entre as características do pai e aquelas do seu ambiente distal e proximal.

Com o intuito de complementar essa temática e de diferenciar os papéis de pais e mães que visam promover o bem-estar e a saúde dos filhos, Paquette (2004a, 2004c) elaborou a Teoria da *Relação de Ativação*, que se refere ao vínculo afetivo entre pai (ou outro cuidador) e filho(a) que permite a criança a se *abrir para o mundo* externo e desenvolver sua autonomia. Esta relação está centrada principalmente no comportamento ativo do pai em estimular a criança a explorar o ambiente extrafamiliar. Ele atua como figura de apego, encorajando e

dando suporte à criança para correr riscos, tomar iniciativa, se aventurar, ultrapassar obstáculos e para ser mais corajosa na presença de estranhos. Essa teoria prediz que os pais irão estimular mais as crianças que as mães, e que os meninos são mais estimulados que as meninas (Paquette,& Bigras, 2010a; Paquette, Eugene, Dubeau, & Gagnon, 2009).

Essa relação é descrita por meio de duas dimensões diferentes e complementares: *estimulação e disciplina*. A estimulação se divide em *estimulação ao risco* e *estimulação à perseverança*. Ela diz respeito ao comportamento do pai em encorajar a criança a explorar o ambiente, assumir atividades de risco, perseverar nas adversidades e superar limites. A disciplina se refere ao pai estabelecer limites para garantir a segurança e a proteção da criança (Dumont,& Paquette, 2012). Assim, enquanto os pais¹ estimulam a criança a explorar o ambiente externo e a confiar nas suas próprias habilidades, desenvolvendo a noção de autonomia, estabelecem os limites e as regras que proporcionam a ela a segurança de que serão protegidas de possíveis perigos.

A relação de ativação é mais específica do pai, enquanto a mãe tende a zelar pelos cuidados básicos da criança (Paquette & Bigras, 2010a). Porém, isso não significa que a mãe também não exerça a função de ativar a criança, ou que o pai também não se envolva nos cuidados básicos. O que se verifica é uma complementaridade entre os papéis de pai e mãe (Paquette & Bigras, 2010a; Paquette, 2004a). Enquanto as mães tendem a ser mais compreensivas e dispostas a serem carinhosas, os pais apresentam maior facilidade em obter obediência da criança, além de estarem mais envolvidos na função de ativação para exploração do mundo extrafamiliar. Essa teoria destaca a agressividade masculina como um fator que permeia essa relação, pois por meio de brincadeiras que envolvem o contato físico e jogos de “lutinha”, a criança aprende a regular sua agressividade.

Estudos têm demonstrado os efeitos da relação de ativação sobre o comportamento da criança (Dumont & Paquette, 2012; Paquette, Bolté, Turcotte, Dubeau, & Bouchard, 2000; Paquette, Eugene, et al., 2009; Paquette, 2004b, 2004c). Verifica-se que ao ser encorajada a

¹O termo “pais” será utilizado referindo-se somente aos homens, ou seja, ao plural da palavra “pai”, e este pai se refere tanto a pais biológicos quanto pais não-biológicos. Quando se referir a “pais e mães”, será assim especificado.

assumir riscos sociais e físicos, a criança desenvolve confiança nela mesma e nos outros, e realiza a abertura ao mundo (relacionada à noção de autonomia). A estimulação que as crianças recebem dos pais costuma ser através de jogos físicos, como o brincar de “lutinha”, o qual pode auxiliar as crianças a lidarem em um mundo competitivo de modo socializado (Paquette, 2004b), pois aprendem a se autorregular, controlando sua frustração e respeitando a hierarquia (Paquette, 2004a). A disciplina também permite que a criança se sinta segura ao explorar o mundo (Paquette, 2004c), pois indica os limites e as regras estabelecidas de modo a garantir a segurança dela (Paquette et al., 2000).

Outro aspecto que influencia o envolvimento dos pais com os filhos é a personalidade. Estudos indicam que os homens que se descrevem como abertos, sociáveis e extrovertidos são mais dispostos a assumir a responsabilidade pelo cuidado e educação das crianças (Levy-Shiff & Israelashvili, 1988; Volling & Belsky, 1991), participam de atividades lúdicas e expressam sentimentos na interação com os filhos (Belsky, Crnic, & Woodworth, 1995) e são abertos a serem carinhosos, sensíveis e competentes no controle do comportamento das crianças (Pulkkinen & Metsapelto, 2003).

A personalidade de pais e mães, além de ser um fator pouco investigado na literatura, exerce influência sobre a maneira com que as figuras parentais criam e educam os filhos. De acordo com Belsky (1984), a parentalidade - o conjunto de atividades exercidas pelas figuras parentais (ou outros cuidadores) que visam assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança é influenciada por três determinantes: a personalidade de pais e mães, as características individuais da criança e o contexto social no qual a interação pai/mãe-criança ocorre (que inclui a relação conjugal, a rede social e o trabalho dos pais).

Uma parentalidade positiva pode ser definida como comportamentos dos pais baseados no interesse da criança, que asseguram a satisfação de suas principais necessidades e sua capacitação; envolve cuidar; proteger e guiar a criança para a trajetória até a maturidade. Isso envolve apego e relações positivas entre pais e filhos, provisão de recursos materiais de proteção e segurança da criança, acesso à saúde, disciplina, educação intelectual e moral e preparação para assumir responsabilidade visando a maturidade (Barroso & Machado, 2015).

A personalidade é reconhecida no modelo dos Determinantes da Parentalidade (Belsky 1984) como o fator que exerce maior influência

sobre a maneira como os pais criam os filhos, visto que ela afeta o modo como os pais se sentem, como pensam e a forma de agir. A influência dos atributos psicológicos dos pais (personalidade e/ou psicopatologia) ocorre através do seu impacto na qualidade da relação com os filhos. Assim, compreender as diferenças individuais no exercício da parentalidade é uma questão teórica que pode ter implicações a nível de intervenção e de prevenção. Por isso, Belsky (1984) sugere que os pesquisadores se questionem sobre as diferenças individuais dos pais, levantando as seguintes questões: por que os pais criam da forma como eles criam? Como as características individuais parentais influenciam a maneira de criar e educar os filhos?

Estudar esta relação é importante pois pode fornecer informações sobre como as características de personalidade se manifestam na criação dos filhos e como elas podem moldar o ambiente de desenvolvimento dos mesmos (Metsäpelto, 2003). Além disso, permite especular sobre as características individuais mais propensas a fornecer os cuidados parentais, e também prever os fatores de risco atrelados ao desenvolvimento infantil.

A definição e avaliação da personalidade depende da teoria adotada. Allport (1966) caracteriza a personalidade como uma organização dinâmica, dentro do indivíduo, de sistemas psicofísicos que determinam comportamentos e pensamentos adaptados ao ambiente. Segundo Trentini, Hutz, Bandeira, Teixeira, Gonçalves e Thomazoni, (2009), a personalidade se refere às características dos indivíduos, sendo única e o distinguindo dos demais a partir de padrões consistentes de sentimentos, pensamentos e comportamentos.

Um dos modelos mais difundidos para descrever a estrutura da personalidade dentro da teoria dos traços é o modelo dos Cinco Grandes Fatores da personalidade (CGF) (Silva & Nakano, 2011), o qual tem sido amplamente aceito por se mostrar útil em mediar a maior parte da variação da personalidade e conseguir organizar resultados de pesquisas em um número de domínios conceitualmente coerentes (Nunes, 2005).

De acordo com este modelo, os traços de personalidade representam tendências básicas de um indivíduo, que caracterizam a forma de pensar, sentir e atuar das pessoas. Essas tendências, relativamente estáveis, interagem com o ambiente, produzindo competências, crenças, atitudes que influenciam as relações interpessoais (McCrae & Costa, 1999). Os traços são classificados em

cinco domínios: Extroversão, Amabilidade, Conscienciosidade, Neuroticismo e Abertura (Andrade, 2008).

Um estudo de revisão de meta-análise aponta que as pesquisas que investigam a personalidade parental tendem a relacioná-la com aspectos da parentalidade. Dessa forma, por se tratar de uma forma de interação pai-filho(a) que tende a promover o desenvolvimento de habilidades sociemocionais, a função paterna de abertura ao mundo será compreendida como um fenômeno que constitui e permeia a parentalidade (Prinzle et al., 2009). Esse estudo de revisão aponta que pais e mães com alto nível de neuroticismo costumam ter uma parentalidade menos competente, caracterizada por ansiedade, instabilidade emocional, insegurança e superproteção, enquanto que altos níveis de extroversão, amabilidade e baixo neuroticismo estão associados a uma parentalidade mais responsiva, estimulante e que respeita a autonomia da criança (Prinzle et al., 2009).

Diante dos aspectos explicitados, infere-se que o presente estudo poderá contribuir na elaboração de estratégias que fomentam a saúde psicossocial das famílias e a promoção do desenvolvimento infantil. Esta pesquisa também possui relevância científica, pois a personalidade é um fator importante, pouco investigado em relação à abertura ao mundo e sua articulação com os dados culturais é fundamental. Por isso, salienta-se a necessidade de se fazer estudos dessa natureza em diferentes países, incluindo aqui o Brasil. A investigação da abertura ao mundo no Brasil ainda é recente, havendo um estudo que investigou a relação entre abertura e envolvimento paterno (Backes, 2015) e também um estudo que investigou a relação entre abertura ao mundo e abertura à experiência em jovens universitários (Schulz, 2015). Investigar a personalidade de pais poderá contribuir com reflexões sobre que características individuais são mais favoráveis a comportamentos paternos de abrir a criança ao mundo.

Dessa forma, este estudo tem o objetivo de investigar a *relação entre a personalidade paterna e a abertura do mundo em pais de crianças de quatro a seis anos*, a fim de verificar a influência das características individuais do pai nos comportamentos do pai na interação com a criança.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Conforme mencionado na introdução, o presente estudo articulará dois fenômenos: a personalidade e a abertura ao mundo exercida pelo pai. A revisão da literatura acerca da parentalidade e personalidade demonstrou a tendência de as pesquisas compreenderem o fenômeno como complexo e multideterminado, além de utilizarem estratégias metodológicas que procurem abarcar essa complexidade. O Modelo dos Determinantes da Parentalidade de Jay Belsky (1984) e o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano, de Urie Bronfenbrenner (2000) vão ao encontro dessa tendência ao compreenderem a relação entre pais e filho(a)s e o desenvolvimento humano, respectivamente, a partir da reciprocidade e influência de diferentes fatores. Além dessas perspectivas, também se incluiu a Teoria da Relação de Ativação como mais um suporte teórico para se compreender o envolvimento paterno.

Por meio da perspectiva bioecológica analisa-se como os fatores da pessoa em desenvolvimento (características do indivíduo) interagem com fatores do contexto, proporcionando uma compreensão dos aspectos das interações proximais entre a pessoa e os sistemas dos quais faz parte direta ou indiretamente (Bronfenbrenner, 2005). O modelo de Belsky (1984), influenciado pela bioecologia, compreende a parentalidade como um processo multiplamente determinado pelas características parentais individuais (personalidade), características da criança e características do contexto no qual a relação pais-criança está inserida. Dessa forma, este capítulo apresentará estes dois modelos teóricos, buscando sustentar a compreensão da abertura ao mundo como um fenômeno influenciado por diferentes fatores, entre eles, a personalidade parental. Para compreender a personalidade, será tomado como referência o modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade.

2.1 A Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano

A perspectiva Bioecológica busca compreender como fatores extrafamiliares influenciam o funcionamento intrafamiliar e como este influencia o desenvolvimento humano. Essa teoria considera que o desenvolvimento ocorre por meio de processos progressivamente mais complexos de interações recíprocas e ativas entre um organismo biopsicossocial em atividade e as pessoas, objetos e símbolos existentes

no seu ambiente imediato. As mudanças e estabilidades que ocorrem nas características biopsicológicas da pessoa, durante sucessivas gerações, são percebidas considerando as transformações operadas na pessoa e no seu ambiente (Bronfenbrenner, 1994, 1996, 1999).

Neste modelo, o desenvolvimento humano é concebido a partir de quatro núcleos dinâmicos e interdependentes, denominado modelo PPCT. Este modelo inclui o Processo de desenvolvimento, envolvendo a fusão e a dinâmica da relação entre o indivíduo e o contexto; a *Pessoa*, com seu repertório individual de características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais; o Contexto, definido como níveis ou sistemas entrelaçados; e o Tempo, conceituado como envolvendo as dimensões múltiplas da temporalidade, constituindo o cronossistema que modera as mudanças ao longo da vida (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner, 1986; Bronfenbrenner & Evans, 2000).

O *Processo* é a força motriz primária do desenvolvimento humano, e é definido como a troca de energia entre a pessoa em desenvolvimento e as pessoas, objetos e símbolos do ambiente externo imediato. Os padrões duradouros de interação no contexto imediato são denominados de processos proximais, que podem ser encontrados na amamentação ou no conforto do bebê, nas brincadeiras com uma criança pequena, nas atividades entre crianças, no grupo ou na ação solitária, na leitura, na aprendizagem de novas habilidades, na execução de tarefas complexas e na aquisição de conhecimentos ou experiência, entre outros (Bronfenbrenner, 2005).

Para que os processos proximais contribuam efetivamente para o desenvolvimento, cinco aspectos são necessários: a) a pessoa precisa estar engajada em uma atividade; b) a interação deve ocorrer regularmente, em períodos estendidos de tempo; c) a interação deve ser progressivamente mais complexa; d) deve existir reciprocidade e afeto nas relações interpessoais; e) as pessoas, objetos ou os símbolos com os quais a pessoa interage devem estimular a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2005).

É importante ressaltar que os processos proximais tanto podem ocorrer por meio de atividades solitárias, quando a criança interage com objetos e símbolos do meio, ou em atividades com outra pessoa, o que constitui os sistemas *diádicos*, *triádicos* e *poliádicos*. As díades constituem a unidade mínima primária de interação interpessoal, que podem assumir três formas (Bronfenbrenner, 1996):

- *Díade observacional*: se caracteriza por uma observação cuidadosa e contínua do que o outro participante da díade está executando como, por exemplo, a criança observa o pai consertando um brinquedo.
- *Díade de atividade conjunta*: ocorre quando duas pessoas participam de uma atividade conjunta, mesmo que não estejam fazendo a mesma coisa.
- *Díade primária*: são aquelas que continuam a existir mesmo quando os parceiros não estão juntos, mas os sentimentos gerados pelos participantes ainda influenciam o comportamento um do outro, como por exemplo, quando mãe e criança não estão juntas, mas estão pensando uma na outra ou sentem a falta uma da outra.

Bronfenbrenner (1996) identifica as díades não apenas como contextos de interações recíprocas, mas como sistemas de desenvolvimento recíproco. O poder das díades se relaciona a três propriedades: reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva (Bronfenbrenner, 1979). A propriedade de reciprocidade se refere à habilidade de coordenação das atividades entre os participantes da díade, o que propicia o desenvolvimento de capacidades de interação e estimula a interdependência. Além disso, a reciprocidade também exerce poderosa influência na aprendizagem, pois instiga os membros a se envolverem em estilos de relacionamento cada vez mais complexos (Bronfenbrenner, 1979).

A propriedade do equilíbrio de poder se refere à forma como o poder e domínio estão distribuídos entre os participantes. Em relações que um integrante domina o outro, a criança aprende a lidar com situações de desequilíbrio de poder e tem a possibilidade de, aos poucos, balancear o poder por meio de aprendizagens, possibilitando a aquisição de autonomia (Bronfenbrenner, 1979). A terceira propriedade das díades refere-se à relação afetiva. Ao envolver-se em uma díade, o integrante está propício a desenvolver sentimentos em relação a outra pessoa, os quais podem ser positivos, negativos, ambivalente ou assimétricos. Quanto mais recíprocos e positivos forem os sentimentos, maior será a probabilidade dos processos proximais serem efetivos e de se estabelecer uma díade primária (Bronfenbrenner, 1979).

Além disso, os processos proximais podem resultar em dois tipos de efeitos para o desenvolvimento: competência e disfunção, os quais dependem da exposição e extensão de contato mantido com os

processos proximais (Bronfenbrenner & Evans, 2000). *Competência* se refere à manifestação dos conhecimentos, habilidades e capacidades adquiridos que evidenciam a eficiência para conduzir e direcionar o próprio comportamento por meio de situações e domínios desenvolvimentais. Já a *Disfunção* se refere às dificuldades em manter o controle e a acomodação do comportamento por meio de diferentes situações e domínios do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Bronfenbrenner & Evans, 2000).

A *forma, força, o conteúdo e a direção* dos processos proximais variam em função das características da pessoa e do ambiente – remoto e imediato –, bem como de acordo com as continuidades e mudança sociais que ocorrem ao longo do ciclo de vida e no período histórico durante o qual a pessoa tem vivido. O ambiente imediato representa os locais onde o indivíduo participa das diferentes atividades em interações face a face, como na família, na escola, no trabalho ou no grupo de amigos, e o ambiente remoto refere-se a cultura, à classe social, à etnia e à subcultura da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 2005; Tudge, 2008).

O segundo núcleo do modelo Bioecológico refere-se às características socioemocionais, motivacionais e cognitivas da *Pessoa* que são concebidas como produtoras e produtos do desenvolvimento, pois, ao mesmo tempo em que influenciam os processos proximais, são também por eles constituídas. Estas características influenciam a forma, a força, o conteúdo e a direção dos processos proximais, e dizem respeito tanto às características determinadas biopsicologicamente quanto àquelas que foram construídas na interação com o ambiente. Há três grupos de características da pessoa que atuam no desenvolvimento e influenciam os processos proximais, denominadas de *força, recursos e demandas pessoais* (Bronfenbrenner, 1999; 2005).

A *força* ou *características dedisposições* descrevem elementos que colocam os processos proximais em movimento e os sustentam. Refere-se às características ou *disposições comportamentais ativas* que podem tanto colocar os processos proximais em desenvolvimento e sustentar sua operação quanto colocar obstáculos ou impedir que tais processos ocorram. Estão relacionadas às diferenças de temperamento, motivação, persistência, etc. Existem tanto as geradoras, que envolvem orientações ativas, tais como curiosidade, disposição para engajar-se nas atividades, quanto as desorganizadoras que são as dificuldades da pessoa em manter controle sobre seu comportamento e sobre suas

emoções (impulsividade, irresponsabilidade, desatenção, insegurança e timidez excessiva) (Bronfenbrenner, 1999).

As *características derecurso* não são imediatamente aparentes. Estão relacionadas com recursos cognitivos e emocionais, sociais e materiais. Envolvem experiências, habilidades e conhecimentos necessários ao efetivo funcionamento dos processos proximais ao longo dos diferentes estágios de desenvolvimento. Aqui estão incluídas as deficiências (prematuridade, deficiência física, doenças crônicas e dano cerebral) e habilidades psicológicas (capacidades, conhecimentos e experiências) que influenciam a capacidade da pessoa de engajar-se efetivamente nos processos proximais (Bronfenbrenner, 2005).

As *demandas pessoais* compõem o terceiro grupo de características que influenciam os processos proximais. Elas se referem aos aspectos que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social, favorecendo ou inibindo a ocorrência dos processos proximais no crescimento psicológico. Estas características englobam a aparência física (atrativa ou não atrativa) e características da personalidade da pessoa, tais como comportamentos ativos ou passivos. Como exemplos citam-se os bebês alegres que tendem a chamar mais a atenção dos outros para iniciar interações do que os bebês irritados, e as pessoas fisicamente atrativas que despertam mais interesse nos outros do que as não-atrativas (Bronfenbrenner, 2005).

Ainda sobre o modelo Biecológico, o terceiro núcleo diz respeito aos *contextos* de vida da pessoa. De acordo com Bronfenbrenner (1994; 1996), para compreender o desenvolvimento humano, é preciso considerar o contexto ecológico total em que o crescimento ocorre. O contexto ou ambiente é constituído por um conjunto de quatro sistemas interdependentes: *microssistema*, *mesossistema*, *exossistema* e *macrossistema*. Eles incorporam desde o ambiente imediato até o mais distante, predominando a inter-relação e a influência bidirecional entre e intra ambientes. Tais níveis estão articulados na forma de estruturas concêntricas, formando o meio ambiente ecológico.

O microssistema se refere ao meio imediato no qual se encontra a pessoa em desenvolvimento, como a família e a sala de aula. Nele ocorrem as interações face a face, os padrões de atividades, papéis e relações interpessoais experienciados pelos indivíduos, de forma que suas características físicas, sociais e simbólicas particulares funcionam de maneira a estimular ou inibir a relações interpessoais. Neste contexto

operam os processos proximais, que produzem e sustentam o desenvolvimento, cuja eficácia depende da forma, força e conteúdo dos mesmos (Bronfenbrenner, 2005). É onde ocorre, por exemplo, a relação de ativação entre pai e filho, que se dá pelas brincadeiras, pela estimulação, pelos “jogos de luntinha” e outras atividades que envolvem a estimulação ao risco e disciplina (Paquette, 2004a; Paquette & Dumont, 2013a).

Outro aspecto que pode ser considerado no elemento contexto é a etapa do ciclo vital familiar, pois cada etapa corresponde a expectativas e tarefas desenvolvimentais que as famílias “deveriam” atingir (Carter & McGoldrick, 1995). As famílias dessa pesquisa se encontram na etapa de “famílias com filhos pequenos. Nessa etapa, os adultos precisam cuidar da criança e fazer inúmeros novos ajustes em seu relacionamento, como a forma de divisão das responsabilidades, cuidados da criança e redistribuição de tarefas domésticas (Carter & McGoldrick, 1995). Esse estágio corresponde à fase de aquisição proposta por Cerveney e Berthoud (2009), pois nele há a aquisição da parentalidade e objetivos comuns. É esperado encontrar um maior envolvimento dos pais nessa etapa do ciclo vital, visto que é um período em que as crianças necessitam de mais atenção, cuidados e interação (Carter & McGoldrick, 1995).

O *mesossistema* compreende as interrelações entre dois ou mais ambientes dos quais a pessoa em desenvolvimento está inserida e participa de maneira ativa, como a família, a escola, a vizinhança. É considerado um conjunto de microsistemas que é formado e ampliado sempre que pessoa passa a frequentar um novo ambiente (Bronfenbrenner, 1979, 1996).

O *exossistema* se constitui por um ou mais ambientes onde o indivíduo em desenvolvimento não participa ativamente de interações face a face. Contudo, os acontecimentos que ocorrem nestes contextos desempenham influência indireta sobre o desenvolvimento e são também influenciados pelos ambientes onde se encontra a pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1979; 1996). É o caso, por exemplo, das relações entre escola e comunidade, da família e o local de trabalho dos pais.

Por fim, o *macrossistema* é o contexto mais amplo, composto por todos os outros ambientes, assim como pelo conjunto de ideologias, valores, crenças, religiões, formas de governo, cultura e subculturas presentes no cotidiano das pessoas que influenciam seu desenvolvimento. Constitui-se de uma rede de interconexões que se

diferenciam de uma cultura para outra (Bronfenbrenner, 1994; 1996). Assim, a pessoa em desenvolvimento sofrerá forte influência da cultura, dos valores e crenças segundo seus pais foram educados.

Bronfenbrenner (1996) salienta a importância de se considerar as interconexões que ocorrem entre os sistemas, e não apenas os eventos que ocorrem neles. Para o autor, as relações ocorridas nos subsistemas e entre eles podem ser mais decisivas para o desenvolvimento humano do que os próprios eventos que ocorrem nos mesmos. Além do exposto, ressalta-se que estes subsistemas não são fixos, tampouco estanques ou mutuamente exclusivos. Caracterizam-se pelo dinamismo ao longo do tempo que, por sua vez, compreende o quarto núcleo do modelo Bioecológico.

O tempo se constitui no quinto subsistema, o cronossistema, que permeia as mudanças e as consistências ao longo do desenvolvimento, levando em consideração a relação dinâmica entre as mudanças no interior da pessoa e no ambiente. As mudanças na estrutura da família, no status socioeconômico, na disponibilidade de emprego e no local de moradia são alguns exemplos de eventos no cronossistema (Bronfenbrenner, 1994; 1996).

Dessa forma, o modelo Bioecológico abarca as mudanças e continuidades que operam nos ambientes, nos processos proximais e nas características biopsicológicas da pessoa em desenvolvimento e das gerações anteriores. Considera o ser humano ativo e capaz de modificar-se e modificar seu ambiente, através de interações recíprocas, por meio das quais os aspectos hereditários da pessoa influenciam e são influenciados pelo ambiente. Destaca-se a importância de se considerar as transições ao longo do ciclo de vida ao mesmo tempo como produtos e como produtoras do desenvolvimento e crescimento psicológico (Bronfenbrenner, 1979; 1996).

Mudanças socioculturais e econômicas, tais como a ascensão de um novo modelo econômico industrial no ocidente e a consolidação do movimento feminista desencadearam intensas transformações na organização familiar. A inserção da mulher no mercado de trabalho, com carga horária e cargos semelhantes aos dos homens produziu mudanças na estrutura e nos padrões de funcionamento familiar, como por exemplo, uma certa pressão e necessidade de que os homens passassem a realizar tarefas antes exclusivas das esposas, com cuidar dos filhos e da casa. Com isso, a visão tradicional do pai como provedor

do lar vem se alterando e a figura paterna vai gradativamente sendo associada à maior participação no cuidado dos filhos e até mesmo com as tarefas domésticas (Pleck, 1997; Jablonski, 2010; Bandeira et al., 2005).

2.2 O Envolvimento Paterno e sua Influência no Desenvolvimento Infantil

As pesquisas que investigam a participação do pai no contexto familiar e cuidados dos filhos costumam usar as terminologias investimento, envolvimento e engajamento paterno (Bossardi et al., 2013). O termo investimento é derivado da biologia evolucionista e se caracteriza pelas atividades nas quais os pais se engajam a fim de contribuir com a sobrevivência da espécie e garantir o sucesso reprodutivo (Hewlett, 1992). Esse investimento pode ocorrer de duas formas: direto e indireto. O primeiro se refere a atividades e comportamentos dos pais que exerce influência imediata na vida da criança, tais como alimentar, prover recursos, transmitir conhecimentos; e o investimento indireto se caracteriza por atividades que beneficiam a criança sem que ela esteja presente, como defender, garantir o acesso a alimentação e providenciar suporte econômico e emocional à mãe. O termo engajamento paterno é o mais recente na literatura psicológica e surgiu de investigações que envolviam a observação e a descrição dos comportamentos dos pais em relação às crianças, com relação às mudanças referente à paternidade, bem como de seus efeitos sobre os filhos (Parke, 1996).

O termo envolvimento remete a um tipo de investimento e diz respeito à interação ou proximidade com a criança (Hewlett, 1992), e pode ser dividido em ativo – cuidar, fazer a higiene e falar com a criança; e passivo – atividade que engloba a proximidade com a criança, sem necessariamente implicar uma ação, como dormir junto e ficar perto. É um termo geralmente usado por psicólogos que investigam como a presença do pai e da mãe e seu nível de envolvimento com a criança podem influenciar seu desenvolvimento emocional, da personalidade, cognitivo, entre outros. De acordo com uma pesquisa de levantamento bibliográfico entre 2000 e 2010, os termos engajamento paterno e envolvimento paterno tendem a ser usados como sinônimos, sendo esse último o mais utilizado no Brasil. Assim, neste estudo será adotado o termo envolvimento paterno.

A relação entre pai e filho, ou ainda, o envolvimento paterno pode ser enquadrado dentro do conceito de processos proximais, por se

tratar de uma relação diádica que envolve interação recíproca e face a face. A definição mais utilizada na literatura sobre esse fenômeno remete ao conceito de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), que o definem a partir de três dimensões: interação, acessibilidade e responsabilidade.

Interação: refere-se ao tempo em que o pai estabelece interação direta com a criança, como por exemplo, ajudando-a em atividades escolares, alimentando-a ou em atividades compartilhadas de lazer e brincadeiras.

Acessibilidade: concerne à presença e disponibilidade do pai para com a criança, sem que ocorra interação direta entre eles, como por exemplo, quando o pai está em um cômodo da casa e a criança brinca em outro.

Responsabilidade: diz respeito às atitudes que o pai deve tomar para atender às necessidades da criança e assegurar o seu bem-estar, garantindo recursos e cuidados para criança. São exemplos dessas atividades: levar o filho ao médico, participar de reuniões na escola, contratação de babá, conversas com professores, monitoramento da criança em diferentes locais e atividades, entre outros (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Lamb et al., 1995; Lamb, 1992; Silva & Piccinini, 2007).

A equipe ProSPère (<http://www.graveardec.uqam.ca/prospere/>), sediada na Universidade de Québec a Montréal (UQÀM) no Québec (Canadá), formada por pesquisadores de diversas áreas, que há dez anos dedicam-se ao estudo da paternidade adota o termo “engajamento paternal” como sinônimo de envolvimento paterno e o define como a participação e a preocupação contínua do pai biológico ou substituto acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho. Segundo Dubeau, Devault, e Paquette (2009), o envolvimento se exprime de diferentes formas e se desenvolve considerando as seguintes características: a) Pai em interação (presença do pai para com a criança, direta ou indireta); b) Pai que cuida (compartilha as tarefas cotidianas); c) Pai afetuoso (através de gestos e palavras que tranquilizam e encorajam à criança); d) Pai responsável (realiza tarefas para o desenvolvimento da criança); e) Pai provedor (promove apoio financeiro para as necessidades da criança); e f) Pai evocativo (pai que pensa na criança).

No que se refere ao estudo da paternidade, Pleck (1997) salienta que para compreender esse fenômeno é necessário analisá-lo de acordo com as seguintes características: 1) Características da paternidade: experiências e características do envolvimento paterno, ciclo vital; 2) Determinantes da paternidade: a) Características das crianças e variáveis sociodemográficas do pai; b) Motivação: influência da história de vida, personalidade, características, crenças do pai; c) Habilidades e confiança: competência no cuidado da criança; d) Suporte social: relacionamento conjugal e ciclo de vida familiar (divórcio, famílias recasadas, adoção); e) Fatores institucionais, históricos, políticos e culturais: contexto da vivência em sociedade, padrões de emprego e 3) Consequências da paternidade: consequências para o pai e para o filho. Ainda com relação às variáveis que exercem influência sobre o envolvimento paterno, Turcotte e Gaudet (2009) reconhecem que o nível de participação paterna resulta da interação dinâmica de fatores como as características do pai, dos filhos, do contexto familiar (relacionamento com a mãe) e social.

Turcotte e Gaudet (2009) referem que o nível de envolvimento do pai sofre influência de determinadas características do pai, tais como os modelos de paternidade adquiridos na infância; as atitudes e crenças com relação aos papéis de gênero, o sentimento de competência parental e algumas características sociodemográficas. No que tange aos modelos vivenciados durante a infância, há controvérsias entre os estudos, pois alguns indicam que os homens que têm uma imagem positiva do pai tendem a se implicar ativamente e a se relacionar afetivamente com os filhos, enquanto outros apontam que os homens que foram expostos a um modelo negativo de paternidade são os pais que mais se envolvem com os filhos (Turcotte & Gaudet, 2009).

No que concerne às atitudes e crenças relacionadas aos papéis de gênero, pais que apresentam uma personalidade “andrógena”, ou seja, que conjuga traços socialmente qualificados de femininos (expressão de emoções e de sentimentos) e traços socialmente qualificados de masculinos (assertividade na vida profissional, valorização da competição e do sucesso) são mais propensos a se implicarem em cuidados físicos e na relação afetiva com as crianças, do que aqueles que se identificam apenas com características tradicionais de masculinidade (Lamb et al., 1988; Russell, 1982). O sentimento de competência parental é apontado por Turcotte e Gaudet (2009) como o determinante significativo da motivação dos homens para se envolverem com os filhos. Os pais tendem a participar dos cuidados e de atividades de lazer

quando se sentem seguros e com as competências necessárias para isso (McBride, 1989).

No tocante à influência das características sociodemográficas, Turcotte e Gaudet (2009) apontam a idade e escolaridade do pai. Pais adolescentes se envolvem com os filhos, apesar de encontrarem obstáculos no exercício da paternidade, como o baixo nível socioeconômico, desemprego, ruptura com a mãe da criança e pouco contato com os filhos. Com relação à escolaridade, Souza e Benetti (2008) verificaram que quanto maior a formação escolar do pai, mais ele participa nos cuidados de seus filhos. Bossardi (2011), por sua vez, constatou que o envolvimento paterno não apresentou relações com as variáveis sociodemográficas, mas identificou que os pais tendem a disciplinar mais os meninos.

Em relação aos fatores institucionais, os quais se referem ao ambiente de trabalho do pai e relacionamento do pai com colegas desse contexto, Cia e Barham (2006) afirmam que as condições de trabalho podem diminuir a participação do pai na rotina familiar. Alguns estudos mostram que quanto maior for a jornada de trabalho do pai, menos ele se engajará com os filhos (Beltrame & Bottoli, 2010; Gomes, 2011). Silva e Piccinini (2007) também verificaram que o tempo disponibilizado pelo pai para estar com os filhos está fortemente influenciado pelas exigências do trabalho dos pais. Apesar de se constatar que o trabalho pode reduzir o envolvimento direto do pai com a criança, é importante considerar que essa participação está ocorrendo de forma indireta, ou seja, por meio do provimento de recursos materiais, os quais proporcionam conforto e melhores condições de vida para a família e a criança.

Os aspectos do contexto familiar, em especial as características da criança, da mãe e da relação conjugal também vão interferir no grau de envolvimento do pai. A mãe emite comportamentos que podem inibir ou facilitar a maior participação e envolvimento do pai. Um estudo realizado com 110 famílias portuguesas que correlacionou variáveis sociodemográficas e o envolvimento revelou que as mães tendem a desejar uma partilha igualitária de tarefas com os pais e que a percepção que o pai tem de seu envolvimento encontra-se significativamente correlacionado com o que é desejado pela mãe (Monteiro et al., 2010). Assim, é importante considerar as crenças e percepções da mãe no

tocante à função do pai, já que elas vão permear os comportamentos que promovem ou inibem a participação dos pais.

Em contrapartida, uma revisão da literatura acerca da paternidade no contexto brasileiro (Vieira et al., 2014) mostrou que os estudos revisados não apresentavam consenso sobre as variáveis que influenciam a paternidade. Contudo, destacam algumas variáveis importantes, tais como: as características paternas (experiências de sua própria infância, atitudes e crenças, sentimento de competência e características sociodemográficas); características da família (relacionamento com a esposa, atitudes e comportamentos da mãe com relação à paternidade); características da criança (sexo, idade e temperamento); características do ambiente social (vida e condições de trabalho, a cultura e as políticas sociais). Apesar das evidências encontradas, os autores afirmam que vários estudos apresentavam resultados inconclusivos e contraditórios e que, por isso, é necessário investigar essas variáveis em profundidade.

Constata-se, assim, a multiplicidade de questões que norteiam o envolvimento paterno. Dessa forma, o pai pode assumir diferentes funções no sistema familiar e na interação com seus filhos, tais como: provedor de cuidados, cônjuge, companheiro, modelo, guia moral, provedor financeiro, professor, sendo que em todas essas atribuições ele exerce um impacto importante sobre o desenvolvimento da criança.

Segundo Lamb (1997), o pai não necessariamente desempenha todas as tarefas em igualdade com a mãe, mas espera-se dele que cuide, brinque, instrua, demonstre afeto e amizade por suas crianças. O padrão ideal que vem se constituindo é de um pai com múltiplas funções: participativo, envolvido, instrutor e que brinque. No entanto, os papéis desempenhados pelos pais estão relacionados com o contexto cultural em que estão inseridos, o qual é atravessado por modelos do que é ser pai e homem, por crenças, valores e ressignificações histórico-culturais. Dessen e Lewis (1998) distinguem três maneiras de ser pai, as quais podem estar associadas: a) *Pai tradicional*: é aquele que centra suas atividades no trabalho, caracterizando pouco envolvimento no cuidado com os filhos; b) *Pai moderno*: está mais envolvido no desenvolvimento dos filhos, enfatizando o papel sexual, desempenho acadêmico e no desenvolvimento moral destes; e c) *Pai emergente ou cogenitor*: é aquele que compartilha de forma mais igualitária as tarefas de cuidados dos filhos.

No que concerne à importância do pai para o desenvolvimento infantil, pesquisas apontam que uma boa interação entre pais e filhos

contribui para o estabelecimento de um relacionamento seguro entre eles, podendo no futuro, favorecer o relacionamento interpessoal das crianças com seus pais e a formação de um autoconceito satisfatório, aspectos essenciais ao desempenho acadêmico (Cia, D’Affonseca, & Barham, 2004). Pillegi e Munhoz (2010) buscaram compreender a importância da interação entre pai e filho para o desenvolvimento pessoal e social dos filhos/alunos demonstradas no desempenho escolar e na aquisição da aprendizagem dessas crianças. Os resultados desse estudo indicaram que filhos de pais presentes, participantes e exigentes apresentaram melhor desempenho escolar e maturidade pessoal e social.

Resultados semelhantes foram encontrados por Cia, Barham e Fontaine (2012), que buscaram investigar a relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico e autoconceito de escolares. Os resultados destacaram que quanto maiores a frequência de comunicação entre pai e filho, a participação do pai nos cuidados do filho e a participação do pai nas atividades escolares, culturais e de lazer, maior o desempenho acadêmico e o autoconceito das crianças. Esses dados ressaltam a importância do pai e a necessidade de se realizarem intervenções educativas dirigidas aos homens.

O pai também pode contribuir com o suporte material e emocional à mãe. Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2012) investigaram o envolvimento paterno aos três meses de idade do bebê. Os pais revelaram envolverem-se nas atividades de cuidado, embora nem sempre de maneira rotineira. Também relataram preocupações e envolvimento nas decisões relativas aos cuidados, educação e saúde do bebê. Contudo, consideravam que sua participação muito limitada em função das restrições impostas pelo trabalho.

Paquete (2004b) ressalta que o pai é mais do que um simples coadjuvante dessa relação, e que pai e mãe estão implicados de formas diferentes no desenvolvimento e criação dos filhos. Para o autor, as mães tendem a ser mais compreensivas e afetuosas, enquanto que os pais, por meio da autoridade e do controle, obtêm mais obediência da criança. A mãe geralmente assume a função de apego – conforta e acalma a criança. Já o pai tende a colocar a criança em situações em que ela tem que confrontar o ambiente, ao mesmo tempo em que oferece proteção e impõe limites. Essa confrontação com o ambiente possibilita a autodescoberta das próprias capacidades da criança, assim como o desenvolvimento de uma relação de confiança com o pai.

Além desses aspectos, o pai exerce influências que propiciam o desenvolvimento de competências sociais. Paquette (2004c) salienta que os homens por apresentarem maior tendência à agressividade auxiliariam os filhos no controle da agressividade, ensinando-os a expressá-la de forma socializada e com limites. Isso ocorre por meio de brincadeiras nomeadas de “jogos de lutinha” (*Rough and Tumble Play*) que proporcionam a diminuição da agressão física em grande parte das crianças maiores de dois anos. Além disso, por meio de brincadeiras turbulentas, os pais estimulam a obediência e o desenvolvimento de competências competitivas nas crianças (Paquette 2004a).

Assim, a diversidade de interações entre o pai e/ou mãe e a criança traz benefícios a esta, ao possibilitar oportunidades de aprendizagem. Uma teoria que tem procurado explicar as especificidades do envolvimento paterno com o desenvolvimento infantil é a Teoria da Relação de Ativação.

2.3 Teoria da Relação de Ativação pai-criança e Abertura ao Mundo

Existem diferentes maneiras dos adultos estimularem as crianças a explorar o ambiente. Cada um tem seu jeito próprio e marca a identidade da relação com a criança. Além disso, é possível identificar características gerais em função de certos agrupamentos, que não são fechados ou deterministas, mas nos ajudam a ter outra visão sobre o fenômeno da interação pai-criança. Por exemplo, estudos têm mostrado que a mãe exerce mais uma figura de conforto e segurança enquanto os pais tendem a estimular mais a criança a correr riscos e se abrir para o mundo (Paquette, 2004c; Brussoni & Olsen, 2011). No que se refere à ligação estabelecida entre a mãe e a criança, Bowlby (1990) desenvolveu a Teoria do Apego que preconiza que o vínculo estabelecido entre a criança e seus cuidadores, especialmente a mãe, é o que proporciona o suporte para a sobrevivência e o desenvolvimento da criança. Esta teoria descreve que a criança regularmente procura contato com suas figuras de apego quando se sente insegura, ansiosa, pois essa figura lhe acalma, proporcionando-lhe conforto e confiança necessários para a criança explorar o ambiente.

A relação de apego entre mãe e criança tem sido verificada e validada pela Situação Estranha, durante a qual a crianças ficam dois minutos sozinhas em uma sala com uma pessoa estranha. O tipo de reação da criança determina a qualidade da relação de apego. As reações

podem ser de crianças seguras, inseguras com esquiwa, inseguras com resistência e inseguras com desorganização. Este procedimento foi validado principalmente com a mãe, figura que geralmente mais se envolve em atividades relacionadas ao cuidar, como trocar fraldas, dar banho, alimentar e vestir a criança (Ainsworth & Bowlby, 1991).

No que se refere à relação de apego entre o pai e a criança, esta ocorre por meio de outros mecanismos (Paquette, 2004a). Os pais são geralmente mais envolvidos em atividades de jogos que em atividades de cuidado (Lamb, 1977). Eles tendem a brincar de forma diferente com os filhos, engajando-se em jogos físicos e desafiadores, como a brincadeira turbulenta que envolve jogar a criança para o ar, brincar de lutinha, entre outras. Segundo Paquette et al. (2000), os homens seriam as figuras mais adequadas para ajudar as crianças a lidarem com suas emoções de forma socialmente aceitável, por serem fisiologicamente mais agressivos que as mulheres. Isso ocorre por meio de brincadeiras que envolvem o contato físico, o desafio e o risco, as quais propiciam excitação e uma oportunidade para as crianças lidarem com a estimulação e o estabelecimento de limites ao mesmo tempo (Dumont & Paquette, 2012).

A Teoria do Apego enfatiza o vínculo afetivo estabelecido entre mãe (ou outro cuidador) e a criança, caracterizado por conforto e proteção em situações estressantes. De acordo com essa teoria, pai e mãe asseguram a proteção da criança, com uma diferença no equilíbrio entre segurança e abertura: a mãe primeiramente tende a acalmar a criança quando estressada, enquanto o pai tende a colocar a criança em situações nas quais ela é confrontada com o ambiente ao mesmo tempo em que proporciona proteção por meio da imposição de limites. No entanto, a teoria do apego não aprofunda o papel das figuras parentais durante a *exploração* da criança (Paquette et al., 2000). Com o intuito de investigar a complementaridade entre os papéis maternos e paternos, Paquette (2004a) desenvolveu a dimensão *exploração* da Teoria do Apego de Bowlby (1990) e propôs uma nova teoria sobre a relação de apego entre pai e criança, denominada de “*Activation Relationship Theory*”, Teoria da Relação de Ativação.

Essa teoria diz respeito ao vínculo afetivo entre o pai e a criança que permite a ela se *abrir para o mundo*, uma função paterna que envolve dois papéis: estimulação à autonomia e controle ou disciplina. A estimulação se refere ao pai incentivar a criança a explorar o

ambiente, assumir atividades de risco, perseverar nos obstáculos e superar limites. A disciplina está relacionada ao papel do pai em estabelecer limites para garantir a segurança e a proteção da criança (Dumont & Paquette, 2012). Assim, ao estimular a criança a se abrir para o mundo (estimulação), enquanto estabelece os limites apropriados para a sua segurança (disciplina), o pai fomentaria o vínculo afetivo necessário para desenvolver a sensação de autoconfiança e segurança. (Paquette, 2004a; Paquette, 2004c). Essa teoria põe ênfase sobre os comportamentos parentais durante a exploração do ambiente pela criança, enfatizando a *estimulação* (especialmente a estimulação ao risco) e a disciplina (Gaumon, 2013).

Os autores salientam que a abertura ao mundo se desenvolverá especialmente quando o progenitor, geralmente o pai, está bastante envolvido em atividades de brincadeiras com as crianças. Graças a essas interações, a criança aprenderá a ter confiança em suas próprias capacidades para lidar com as ameaças e riscos do ambiente, pois seu pai a estimulará a ousar ir mais longe durante a exploração em um contexto seguro. O comportamento paterno de excitar, desestabilizar e de provocar a criança permite que ela aprenda a confiar em si mesma durante a exploração do ambiente e a reagir aos imprevistos de um ambiente em constante mudança. Mas essa estimulação deve ser enquadrada, contornada por limites que asseguram a proteção da criança, evitando os possíveis riscos e perigos (agressão, acidentes), daí, então, a importância da disciplina (Paquette, Eugène, Dubeau, & Gagnon, 2009).

Assim, jogar a criança para cima, brincar de cavalinho, fazer cócegas, brincar de lutinha são formas de interação que exercem o papel de ensinar as crianças a se relacionarem de modo socializado em um mundo competitivo (Paquette, 2004a), pois aprendem a se autorregular, controlando sua frustração e respeitando a hierarquia (Flanders, Leo, Paquette, Pihl, & Séguin, 2012; Paquette, Carbonneau, Dubeau, Bigras, & Tremblay, 2003a). Estas atividades visam *abrir a criança para o mundo exterior*, e envolvem incitá-la a tomar a iniciativa em situações desconhecidas, a superar obstáculos, a se aventurar, a ser corajosa na presença de estranhos e a se afirmar diante dos outros (Paquette, 2004a; Paquette, 2004c).

Essa relação que promove a abertura ao mundo é mais específica do pai, mas isso não significa que a mãe não apresente uma relação de ativação com a criança ou que o pai não seja o principal provedor de cuidados básicos à criança. O que se observa é uma

complementariedade nos papéis de pais e de mães (Paquette & Bigras, 2010a; Paquette, 2004b), com relação às necessidades de segurança/apego e de exploração. Essa complementariedade é importante para atender as necessidades da criança, mas não é sinônimo de exclusividade: a mãe pode ativar seu filho, enquanto um pai pode representar uma base segura para o mesmo (Gaumon, 2013).

A relação de ativação pode ser verificada por meio do procedimento observacional denominado de Situação de Risco (*Risk Situation*), que classifica a criança em ativada, subativada e superativada. Este procedimento foi elaborado por Paquette e Bigras (2010) e constitui-se de uma observação estruturada de aproximadamente 20 minutos, dividida em seis etapas. Através dele é possível analisar o desenvolvimento socioemocional da criança, por meio de comportamentos dela frente ao risco social (com uma “pessoa estranha”), físico (exposição à uma escada) e disciplina (obediência ao pai) (Dumont & Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010).

As crianças *ativadas* são confiantes e prudentes na exploração do ambiente, autônomas, e obedientes aos limites estabelecidos por seus pais (Dumont e Paquette, 2013). Isso pode estar relacionado a pais que tendem a estimular a criança a perseverar, a correr riscos controlados, com a definição clara dos limites. Essa relação possibilita que as crianças sejam menos depressivas, menos ansiosas, menos isoladas de seus pares (amigos), menos dependentes e inseguras (Dumont & Paquette, 2012).

As crianças *subativadas* exploram o ambiente com cautela e obediência, demonstrando mais medo e hesitação com relação à escada e à pessoa estranha. Isso pode acontecer quando o pai é superprotetor, impõe muitos limites e não estimula a criança a correr riscos; ou quando ele é pouco envolvido (não estimula, nem protege) (Brussoni & Olsen, 2011). Este tipo de relação pode levar a criança a ter baixa autoestima, excesso de insegurança, medo do diferente, falta de iniciativa e submissão a figuras de autoridade (Dumont & Paquette, 2012). Podem desenvolver, posteriormente, problemas internalizantes, como ansiedade e depressão (Paquette & Dumont, 2013b).

Já as crianças *superativadas* são bastante sociáveis com o estranho, sem demonstrar sinais de hesitação ou medo. Elas tendem a explorar a escada de forma arriscada, com alguns sinais de imprudência, agressividade e desobediência aos seus pais, correndo mais risco de se

machucar. Estas características podem estar relacionadas a uma parentalidade inconsistente, de pais que estimulam ao risco sem proteger a criança (Brussoni & Olsen, 2011). Crianças superativadas tendem a desenvolver problemas de comportamento, como agressão, baixa tolerância à frustração e desafio à autoridade. (Paquette & Bigras, 2010; Paquette et al., 2000; Paquette & Dumont, 2013).

Deste modo, por meio da relação de ativação, o pai exerce o papel de orientar e direcionar o comportamento da criança para a assunção de riscos e o desenvolvimento de autonomia e habilidades sociais. Isso pode ocorrer de forma diferente de acordo com a personalidade dos pais, ou seja, dependendo das características de personalidade paterna (e também de outros fatores), o pai poderá promover a ativação da criança de forma diferente. A personalidade está relacionada às características de demandas pessoais, e influencia a maneira como o pai interage com o filho, assim como a resposta deste para com o pai (Bronfenbrenner, 2005). De acordo com o modelo Bioecológico, as características das pessoas que estão em interação exercem influência sobre a força e a direção dos processos proximais e, conseqüentemente, sobre o desenvolvimento da criança e dos adultos que interagem com ela. Com relação a este aspecto, Belsky (1984) enfatiza a influência exercida pela personalidade parental sobre a parentalidade, ao desenvolver o modelo processual dos Determinantes da Parentalidade.

2.4 Modelo dos Determinantes da Parentalidade

O conjunto de atividades e práticas propositadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) que visam assegurar a sobrevivência da criança, num ambiente seguro, de modo a promover a socialização e o desenvolvimento de sua autonomia caracterizam e constituem a parentalidade (Hoghughy, 2004; Maccoby, 2000). Os critérios que definem uma parentalidade competente e suficiente são socialmente construídos, uma vez que as concepções, crenças e práticas da parentalidade são significativamente diferentes de uma cultura para outra.

Um modelo para avaliar e determinar as práticas, capacidades e competências parentais foi desenvolvido por Hoghughy (2004), que se baseou nas propostas teóricas de Bronfenbrenner (1979) e de Belsky (1984). Esse modelo preconiza a existência de onze dimensões da parentalidade, que se referem a *Atividades Parentais* (atividades que

visam garantir a sobrevivência dos filhos), que se subdivide em cuidado (físico, emocional e social), controle (disciplina) e desenvolvimento; *Pré-requisitos* necessários para o desenvolvimento da atividade parental, tais como compreensão, motivação, recursos e oportunidades; e *Áreas funcionais* que se referem a aspectos do funcionamento da criança (saúde física, intelectual, comportamento social e saúde mental) que requerem a atenção de pais e mães (Hoghughi, 2004).

Assim, para que o desenvolvimento da criança seja possível é necessário a presença de pessoas que assumam determinados comportamentos que visam o cuidado (em várias dimensões) e o desenvolvimento dos filhos. No entanto, esses comportamentos podem ser condicionados e comprometidos por vários fatores, os quais são delineados por Belsky (1984) no modelo dos determinantes da parentalidade.

O termo determinante diz respeito a qualquer fator demográfico e psicológico que se encontre relacionado com o comportamento parental e pode ser usado para pedizê-lo. Belsky (1984), influenciado pela teoria bioecológica do desenvolvimento de Bronfenbrenner, desenvolveu um modelo processual da parentalidade a partir de estudos sobre a etiologia do abuso infantil e de seu interesse em entender as diferenças individuais parentais. Os maus-tratos caracterizam uma deficiência na qualidade dos cuidados, sendo considerados o ponto extremo negativo do cuidado parental. Dessa forma, o autor considerou que os mesmos determinantes que influenciam os maus-tratos e o abuso da criança agem também sobre o funcionamento parental saudável.

O autor observou que os maus tratos infantis podiam ser explicados por três perspectivas gerais: 1) o modelo psiquiátrico que enfatiza o papel da história do desenvolvimento infantil dos pais e as características de personalidade dos mesmos; 2) o modelo dos efeitos da criança, argumentando que as características de temperamento difícil da criança poderiam provocar reações abusivas por parte dos pais e 3) modelo sociológico, que reconhece o papel das condições sociais mais vulneráveis que aumentam a probabilidade de os pais maltratarem os filhos. Por meio de suas pesquisas sobre os maus tratos infantis, Belsky (1984) desenvolveu um modelo geral dos determinantes da parentalidade.

Ao examinar o impacto de fontes influentes no abuso infantil, como a história passada de abuso parental, status socioeconômico,

qualidade conjugal, psicopatologia e características de dificuldades da criança, o autor propôs que a parentalidade é multiplamente determinada por três fontes de influência: a) a personalidade e os recursos psicológicos dos pais (além do grau de escolaridade e a idade); b) as características individuais da criança (temperamento, saúde física, idade e sexo); c) e as fontes de stress e de apoio do contexto no qual a relação pais-criança está inserida, incluindo a relação conjugal, a rede social e o trabalho dos pais, os quais podem fornecer apoio emocional e instrumental ou estresse, bem como orientações para a relação entre pais e filhos. A figura a seguir ilustra a dinâmica desse modelo.

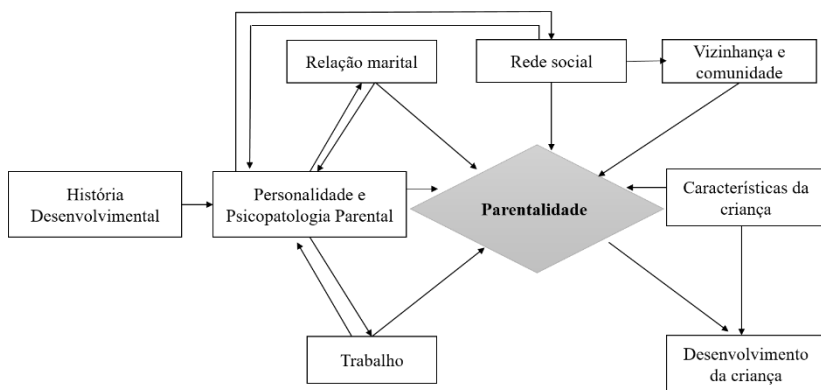


Figura 1. Modelo Processual dos Determinantes da Parentalidade. Fonte: Belsky (1984).

O modelo presume que a parentalidade é influenciada por forças que emanam das figuras parentais (a personalidade), da criança (características individuais da criança) e do contexto social. O modelo assume que as histórias do desenvolvimento, a relação conjugal, as relações sociais e os trabalhos influenciam a personalidade e o bem estar psicológico dos pais e, assim, o funcionamento parental, que, por sua vez, influencia o desenvolvimento da criança (Belsky, 1984).

Ainda que Belsky (1984) tenha verificado três domínios de determinantes, ele enfatizou o papel central das características individuais dos pais no exercício da parentalidade. O autor justifica que mesmo que as características da criança e os fatores contextuais contribuam para a promoção da parentalidade, eles são influenciados pela personalidade e pelo bem-estar psicológico de pais e mães. Além disso, os aspectos contextuais e as características da criança influenciam indiretamente a parentalidade por afetarem o bem-estar psicológico dos

pais. Ele também se refere ao nível de escolaridade e à idade como fatores que refletem os recursos psicológicos e a maturidade dos pais, fatores que também podem ter impacto sobre a parentalidade (Belsky, 1984).

Esse modelo propõe que a personalidade é diretamente moldada pela história do desenvolvimento dos pais (experiências que tiveram durante a própria infância; forma como foram criados pelos próprios pais) e que os fatores contextuais como o trabalho, relação conjugal e o suporte social exercem influência recíproca sobre a personalidade. Além disso, supõe-se que os recursos psicológicos dos pais exercem influência significativa sobre o desenvolvimento da criança, pois para que os pais se comportem de forma sensível e responsiva aos filhos, eles precisam possuir maturidade psicológica suficiente para serem capazes de se colocar no lugar do outro e, assim, perceberem a perspectiva da criança (Belsky & Barends, 2012). Esses aspectos são importantes para a parentalidade, na medida em que os pais devem continuar sendo responsivos e firmes, mesmo quando for necessário frustrar o comportamento da criança.

A personalidade se desenvolve a partir da interação entre uma disposição inata e a experiência de desenvolvimento, e é definida por Lerner (1988) como “um padrão duradouro de perceber, sentir, pensar e se comportar ao longo do tempo e do espaço que distingue uma pessoa da outra” (como citado em Morse, 2010, p.19). Portanto, a personalidade pode moldar a forma como os pais executam as atividades parentais, por meio de sua influência sobre os sentimentos, os pensamentos, as crenças, e maneira de se relacionar no mundo.

A parentalidade ótima é definida como um estado dinâmico que poderá variar em grau entre os três determinantes da parentalidade (características da criança, dos pais e do contexto), em função do que permitir uma melhor qualidade de cuidados à criança. Ao apontar a personalidade como o determinante crucial, esse modelo descreve que um funcionamento parental competente continuará a ocorrer mesmo se dois dos três determinantes estiverem em risco, desde que os recursos pessoais e psicológicos parentais permaneçam intactos (Belsky, 1984).

No entanto, não se deve presumir que o modo de ser e de agir dos pais são os únicos fatores determinantes que vão influenciara direção do desenvolvimento dos filhos. Outros aspectos estão implicados, como as características da criança, o temperamento dela, a relação conjugal, a

coparentalidade e aspectos extrafamiliares, tais como contexto socioeconômico, o suporte da rede social, entre outros.

Observa-se que os pesquisadores que investigam a personalidade têm utilizado instrumentos fundamentados no modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade.

2.5 Modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade

O modelo dos Cinco Grandes Fatores, também conhecido como *Big Five* propõe a análise da personalidade a partir de cinco grandes dimensões. A origem desses fatores ocorreu a partir de inúmeros estudos na teoria dos traços e em teorias da personalidade ao longo da história. Ela já foi contada em algumas obras (John & Srivastava, 1999; Sancineto, Nunes, & Hutz, 2006), e o importante a se ressaltar aqui são as duas abordagens que guiaram seus estudos: estudo lexical e o estudo de questionários que avaliam a personalidade.

O pressuposto lexical se refere ao estudo da linguagem natural, cujo objetivo era extrair de dicionários os termos relevantes que as pessoas utilizam para descrever a si mesmas e os outros. A hipótese léxica era de que a maioria das características socialmente relevantes que as pessoas utilizam em suas interações diárias estavam codificadas na linguagem natural e nos dicionários. Por meio dessa perspectiva, vários autores (Allport & Odber, 1936; Norman, 1967; Cattell, 1970; Fiske, 1949; Tupes & Christal, 1961; Goldberg, 1981 citados por John & Srivastava, 1999) realizaram buscas em dicionários a fim de selecionar termos adjetivos, descritores da personalidade.

Já o estudo dos questionários tinha o objetivo de elaborar um quadro integrativo, pois havia muita discrepância entre os questionários que avaliavam a personalidade. Assim, dando continuidade aos estudos anteriores, foram realizadas análises fatoriais dos termos selecionados, que conduziram ao desenvolvimento de instrumentos para avaliar a personalidade na perspectiva dos cinco grandes fatores (McCrae & Costa, 1987; John & Srivastava, 1999).

O nome dado a este modelo, *Big Five*, enfatiza que cada um dos fatores é extremamente amplo. A sua estrutura não implica que diferenças de personalidade possam ser reduzidas a apenas cinco traços. Ao contrário, as cinco dimensões representam a personalidade no nível mais amplo de abstração e cada fator resume um grande número de características específicas e distintas da personalidade. McCrae e Costa (1999) apresentaram quatro justificativas de que os cinco fatores

representam dimensões básicas da personalidade: (1) os estudos longitudinais e de observação cruzada têm demonstrado que os cinco fatores são disposições duradouras que se manifestam em padrões de comportamentos; (2) os traços relatados para cada fator são encontrados em uma variedade de teorias de personalidade, bem como na linguagem usual; (3) os fatores são encontrados em diferentes idades, sexos, raças e nacionalidades, embora eles variem em algum grau nas diferentes culturas; e (4) evidências de hereditariedade sugerem que os fatores possuem uma base biológica.

Outro ponto que tem chamado atenção em relação aos CGF vem de estudos transculturais, que foram realizados para verificar se o modelo pode ser aplicado em diferentes línguas e sociedades. McCrae e Costa (1997), usando a versão adaptada do NEO-PI-R (um instrumento para a avaliação da personalidade criado a partir do modelo dos CGF) para seis línguas diferentes (Alemão, Português, Hebreu, Chinês, Coreano e Japonês), constataram que, em todas as versões, o instrumento indicou a replicabilidade do modelo dos Cinco Grandes Fatores.

Atualmente, o *Big Five* tem gerado um crescente interesse por parte da comunidade científica por representar uma possibilidade de descrição da personalidade de forma simples, elegante e econômica, e também devido ao acúmulo de evidências de sua universalidade e aplicabilidade em diferentes contextos (Nunes, 2005). As cinco dimensões da personalidade não representam uma perspectiva teórica particular, mas são derivadas de análises dos termos da linguagem que os indivíduos usam em seus ambientes naturais para descrever a si próprios e os outros (John & Srivastava, 1999).

Com base nestes resultados, McCrae e Costa (2004) consideram os Cinco Grandes Fatores como características biopsicológicas da nossa espécie, que representam tendências relativamente estáveis na forma de pensar, sentir e atuar das pessoas. Estas características, em interação com o ambiente, se expressam por meio de competências, crenças, atitudes e relações interpessoais.

Dessa forma, considera-se os CGF um modelo hierárquico medido a partir de cinco fatores amplos. No Brasil, as cinco dimensões têm sido denominadas Extroversão, Amabilidade (também chamado por alguns autores de Sociabilidade), Conscienciosidade (também denominado Realização), Neuroticismo e Abertura (Andrade, 2008).

Eles serão descritos a seguir, sendo que suas respectivas descrições foram tiradas de Andrade (2008) e Nunes (2005).

(I) *Extroversão*: refere-se à quantidade e à intensidade das interações interpessoais, nível de atividade, necessidade de estimulação e capacidade de alegrar-se. Está relacionado com atividade e energia, dominância, expressividade e emoções positivas. Pessoas que são altas em Extroversão tendem a ser sociáveis, ativas, falantes, dominantes, otimistas e afetuosas. Indivíduos com escores baixos em Extroversão tendem a ser reservados (mas não necessariamente inamistosos), sérios, indiferentes, independentes e quietos. Introversos não são necessariamente pessoas tímidas, infelizes ou pessimistas, só não são enérgicos como os extrovertidos.

(II) *Amabilidade* (ou Sociabilidade): refere-se às características de relacionamento interpessoal direcionadas aos outros. Pessoas que são altas em socialização tendem a ser generosas, cooperativas, amáveis, bondosas, afáveis, prestativas e altruístas. São pessoas preocupadas em ajudar os outros, que tendem a ser responsivas, empáticas, e acreditam que as outras pessoas irão agir da mesma forma. Baixo nível em amabilidade pode indicar pessoas cínicas, não cooperativas e irritáveis e, às vezes, manipuladoras e vingativas.

(III) *Conscienciosidade* (ou realização): representa o grau de organização, persistência, controle e motivação para alcançar objetivos. Pessoas que são altas em Conscienciosidade tendem a ser organizadas, perseverantes, ambiciosas, trabalhadoras, decididas e escrupulosas. Em contrapartida, pessoas com níveis baixos neste fator apresentam comportamentos hedonistas (voltados para o prazer), costumam não ter objetivos claros, tendem a ser desorganizadas, descuidadas e pouco confiáveis.

(IV) *Estabilidade Emocional* (versus Neuroticismo): é o fator que mais abrange as características emocionais. Refere-se a níveis contínuos de instabilidade e ajustamento emocional. Altos valores em Neuroticismo indicam sujeitos propensos a sofrimento psicológico e que podem apresentar níveis elevados de ansiedade, depressão, hostilidade e baixa tolerância à frustração. Possuem crenças de que devem fazer tudo corretamente e tendem a experimentar irritação, melancolia e vergonha. Pessoas com baixo nível de Neuroticismo são geralmente calmas e satisfeitas.

(V) *Abertura*: refere-se a comportamentos exploratórios, busca por novas soluções e reconhecimento da importância de ter novas experiências. Indivíduos altos nessa dimensão são curiosos,

imaginativos, criativos, artísticos e divertem-se com novas ideias. Experienciam as emoções mais vivamente do que pessoas fechadas, que são baixas nesse fator. Estas tendem a ser convencionais nas suas crenças e atitudes, conservadoras nas suas preferências e costumam ser menos responsivas emocionalmente.

Pervin e John (2004) apresentam um quadro bastante didático com o significado de cada um dos fatores, bem como diversos adjetivos relacionados aos traços individuais que descrevem indivíduos com altos e baixos escores em cada fator. O quadro 1 resume essas características.

Características do indivíduo que apresenta um score alto	Fatores e características	Características do indivíduo que apresenta um score baixo
Preocupado, nervoso, inseguro, inadequado, hipocondríaco.	NEUROTICISMO (N) Avalia ajustamento versus instabilidade emocional. Identifica indivíduos propensos a perturbações emocionais	Calmos, desconfiado, não-emotivo, forte, seguro, auto-satisfeito
Sociável, ativo, falante, orientado para as pessoas, otimista, divertido, afetuoso.	EXTROVERSÃO (E) Avalia a quantidade e intensidade de interações interpessoais; nível de atividade; necessidade de estimulação; e capacidade de se alegrar.	Reservado, sóbrio, contraído, indiferente, orientado para tarefas, desinteressado, quieto.
Curioso, interesses amplos, criativo, original, imaginativo, não-tradicional.	ABERTURA (O) Avalia a atividade proativa e a apreciação da experiência por si só; tolerância e exploração do que não é familiar.	Convencional, sensato, interesses limitados, não-artístico, não-analítico.
Generoso, bondoso, confiante, prestativo, clemente, crédulo, honesto.	AMABILIDADE (A) Avalia a qualidade da orientação interpessoal do indivíduo ao longo de um contínuo da compaixão ao antagonismo em pensamentos, sentimentos e ações.	Cínico, rude, desconfiado, não-cooperador, vingativo, irritável, manipulador.
Organizado, confiável, trabalhador, autodisciplinado, pontual, escrupuloso, asseado, ambicioso,	CONSCIENCIOSIDADE Avalia o grau de organização, persistência e motivação do indivíduo no comportamento dirigido para os objetivos. Compara	Sem objetivos, não confiável, preguiçoso, descuidado, negligente, relaxado,

perseverante

pessoas confiáveis e obstinadas
com aquelas que são apáticas.

fraco.

Quadro 1. Escalas ilustrativas dos cinco grandes fatores da personalidade.
Fonte: Pervin e John (2004).

Algumas críticas são feitas em relação a este modelo. Apesar de fornecer uma taxonomia descritiva que organiza a linguagem natural em conceitos científicos, ele não é capaz de capturar todas as variações da personalidade humana (Block, 1995; McAdams, 1992). Com relação a esta objeção, John e Srivastava (1999) justificam que a personalidade pode ser conceituada em diferentes níveis de abstração e amplitude. Dessa forma, os autores apontam que a vantagem deste modelo é a amplitude dos fatores em acessar diferentes características, e que sua desvantagem, por conseguinte, é a baixa fidelidade.

Existem diversos questionários que avaliam a personalidade segundo este modelo (John & Srivastava, 1999). O instrumento adotado na presente pesquisa será o *Big Five Inventory*, que foi elaborado originalmente em língua inglesa por John, Donahue e Kentle em 1991 (John & Srivastava, 1999), adaptado para o contexto espanhol por Benet-Martínez e John (1998) e validado no Brasil por Andrade (2008).

Para concluir, o presente estudo abordará as interações entre pai e filho, especialmente a relação de ativação que promove a abertura ao mundo, a qual ocorre no microssistema familiar e as características de personalidade do pai (núcleo Pessoa). Estas características, serão analisadas sob a perspectiva dos Cinco Grandes Fatores. Justifica-se a escolha pelas características apenas do pai, por se tratar de uma relação específica do comportamento paterno (o que não impede que as mães também ativem as crianças) (Paquette, 2004a; Dumont & Paquette, 2012).

3 ESTUDOS, OBJETIVOS E HIPÓTESES

Dois artigos foram elaborados. O primeiro denominado “Parentalidade e personalidade de pais e mães: uma revisão sistemática da literatura” constitui-se de um artigo de revisão de estudos empíricos que buscou investigar as relações existentes entre a personalidade de pais e mães e a parentalidade. Não se optou por utilizar o termo *abertura ao mundo*, nem relação de ativação, pois se referem a uma teoria recente e são constructos que ainda não se encontram nas terminologias da BVS-Psi e das Ciências da Saúde. Realizou-se uma busca inicial com a combinação: “father involvement” OR “father-child relation” AND “parental personality” OR “father personality”, encontrando-se apenas dois artigos idênticos. Assim, baseado no artigo de publicação do modelo dos Determinantes da Parentalidade (Belsky, 1984), decidiu-se por realizar a busca com os descritores “parental personality” AND “parenting”, já que tais descritores são assim nomeados no modelo apresentado por Belsky (1984). Ainda sobre esse primeiro estudo, optou-se por incluir estudos sobre a mãe com o intuito de explorar possíveis diferenças nas características pessoais do pai e da mãe. Assim, pretendeu-se, por meio desse artigo, investigar os principais resultados dos estudos selecionados.

O segundo artigo, “Relações entre perfis de personalidade e abertura ao mundo em pais de crianças de 4 a 6 anos” se trata de uma pesquisa empírica, com abordagem quantitativa. Por meio da aplicação de questionários e escalas, acessou dados de 171 famílias, com o objetivo geral de verificar a relação entre a personalidade paterna e a abertura ao mundo de pais de criança de 4 a 6 anos. Os objetivos específicos desse estudo são:

- Descrever as características sociodemográficas da amostra
- Identificar perfis de personalidade dos pais.
- Caracterizar os perfis de personalidade dos pais.
- Relacionar os perfis de personalidade dos pais a abertura ao mundo.

As hipóteses específicas desse estudo são:

Hipótese 1:*Pais com maior escores nos fatores amabilidade, extroversão e abertura tendem a estimular a criança ao risco e à perseverança.*

Justificativa: Indivíduos com alto nível em extroversão possuem boa capacidade de interação e sociabilidade, e tendem ser muito envolvidos na parentalidade. Pais com esta característica exercem um alto grau de envolvimento parental, marcado por uma parentalidade mais estimulante e um comportamento ativo e assertivo em momentos disciplinares (Prinzle et al., 2009). Já aqueles que possuem alto nível em amabilidade tendem a ser responsivos, empáticos às necessidades da criança, com capacidade de fornecer proteção e respeito à sua autonomia (Jain, Belsky, & Crnic, 1996; Clark, Kochanska, & Ready, 2000). Além disso, pais abertos à experiência tendem a ser flexíveis e a se envolver em brincadeiras e atividades lúdicas, demonstrando sensibilidade aos sentimentos da criança. Assim, supõe-se que pais com níveis altos nessas dimensões apresentarão facilidade em estimular a criança ao risco e à perseverança.

Hipótese 2:*Pais com maior escores em conscienciosidade tendem a estimular a criança à perseverança e em níveis elevados, tendem a ser rígidos com relação a regras*

Justificativa: Conscienciosidade reflete pessoas que são bem organizadas, persistentes, orientadas para metas e que possuem um forte senso de propósito e de elevados padrões. Assim, é possível que pais com essas características tendam a estimular os filhos à perseverança, por terem a crença que esse valor deve ser passado aos filhos. Além disso, estudos mostram que os pais com muita conscienciosidade tendem a impor regras na parentalidade, proporcionando um ambiente de criação mais coerente e estruturado (Prinzle et al., 2009), além de estabelecerem mais limites na educação dos filhos (Oliver, Guerin, & Coffman, 2009). No entanto, pais com alto nível de conscienciosidade podem ser rígidos, controladores e extremamente organizados, o que pode levar esses pais a disciplinar a criança de forma rígida e inflexível.

Hipótese 3:*Pais com maior escores em neuroticismo tendem a punir a criança.*

Justificativa: Pais com alto nível de neuroticismo tende a ter a uma personalidade facilmente estressada, ansiosa, tensa, insegura, hostil e instável emocionalmente. São propensos a emoções negativas, as quais podem minar a capacidade de manter interação afetiva e positiva com a

criança, assim como, limitar a habilidade e disposição para responder adequadamente aos sinais dela. Estas características podem levar a dois tipos de parentalidade: intrusiva e superprotetora, e outra distanciada, sem estrutura e orientação (Kochanska, Clark, & Goldman, 1997; Clark, Kochanska, & Ready, 2000; Prinzie et al., 2009).

Na parentalidade intrusiva, devido ao medo e insegurança característicos do neuroticismo, pressupõe-se que os pais possam impedir que a criança explore o ambiente de forma autônoma, impondo muitos limites e superprotegendo-a. Já que esses pais tendem a apresentar instabilidade emocional, é possível que esses limites ocorram de forma hostil, por meio de punição e agressividade. Já na interação distanciada, pressupõe-se que o pai se envolverá pouco, não estimulando a criança a explorar o ambiente e nem a protegendo de possíveis perigos. (Prinzie et al., 2009).

Hipótese 4: *As dimensões de abertura ao mundo sofrem interferência de características individuais (idade, escolaridade) e características do ambiente social (jornada de trabalho) do pai.*

Justificativa: Turcotte e Gaudet (2009) apontam que essas variáveis interferem no nível de envolvimento dos pais com os filhos. Aliado a isso, Backes (2015), verificou em seu estudo, realizado no Brasil, que a idade, a escolaridade e jornada de trabalho do pai exercem influência sobre a *abertura ao mundo*. Quanto maior a idade do pai, mais ele estimula o filho a abrir-se ao mundo externo; quanto maior a escolaridade do pai, mais ele estimula a criança a ter perseverança; e quanto maior a jornada de trabalho do pai, mais punição ele tende a utilizar, assim como incentiva a interação da criança com o mundo extrafamiliar. Assim, espera-se que essas variáveis sociodemográficas interfiram nas dimensões de abertura ao mundo.

4 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente dissertação insere-se num contexto de pesquisa maior intitulado: “Relações entre envolvimento e práticas parentais, funcionamento familiar, coparentalidade e comportamento da criança pré-escolar” coordenado pelo professor Mauro Luís Vieira com participação das professoras Elisângela Böing, Maria Aparecida Crepaldi e Ana Maria Xavier Faraco, sendo pertencente à área de Saúde e Desenvolvimento Psicológico do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

O projeto é desenvolvido numa parceria entre o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) e do Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade (LABSFAC). Trata-se de uma continuidade e ampliação do projeto “*Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo 2*” desenvolvido pela mesma equipe, que pretende responder como o funcionamento familiar e a coparentalidade interferem no envolvimento e na interação dos pais com os filhos. Um dos objetivos específicos é investigar a relação entre personalidade do pai e envolvimento paterno.

Para tanto, foram aplicados diferentes instrumentos para avaliar diferentes dimensões do envolvimento paterno, tais como as práticas parentais, a coparentalidade, o comportamento infantil, o funcionamento familiar, entre outras. Para a presente dissertação, foram utilizados os seguintes instrumentos: Questionário Sociodemográfico, Questionário sobre Abertura ao Mundo e Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade.

5ESTUDO 1

Introdução

As características de personalidade permeiam o comportamento das pessoas de diferentes maneiras. Elas podem moldar a forma como o indivíduo experimenta e responde a uma variedade de tarefas desenvolvimentais, tais como a participação nas relações sociais, a forma como vivencia o divórcio e o luto (Roberts, Kuncel, Shiner, Caspi, & Goldberg, 2007), a realização profissional, a capacidade de liderança (Hendricks & Payne, 2007) e também a maneira com que pais e mães exercem a parentalidade (Prinz et al., 2009).

A parentalidade se refere ao conjunto de atividades propositadas pelas figuras parentais ou substitutas que visam assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança, num ambiente seguro, com o objetivo de socializá-la e torná-la progressivamente mais autônoma (Hoghugh, 2004). Esse autor, baseado nas propostas de Bronfenbrenner (1979) e Belsky (1984), preconiza a existência de onze dimensões da parentalidade que estão organizadas em *Atividades parentais*, *Áreas funcionais* e *Pré-requisitos*. As *Atividades parentais* envolvem atitudes que visam o *cuidado físico, social e emocional*, a *disciplina* e o *desenvolvimento da criança*. Os cuidados físicos compreendem atitudes que promovem a segurança, proteção, alimentação, vestimenta, higiene entre outros. Os cuidados emocionais integram comportamentos que asseguram o respeito à criança e que propiciam oportunidades para que ela possa gerir seus riscos e fazer suas próprias escolhas. Já o cuidado social está relacionado a promoção de competências sociais; a *disciplina* à imposição de limites e o *desenvolvimento* está intrínseco em todas as atividades e naquelas que visam o encorajamento e exploração de novas oportunidades (Hoghugh, 2004).

As *Áreas funcionais* englobam aspectos do funcionamento da criança, tais como a *saúde física*, o *funcionamento intelectual* (aquisição de competências educacionais), o *comportamento social* e a *saúde mental* (pensamentos, sentimentos e comportamentos). E os *Pré-requisitos* se referem às características e habilidades necessárias para o

desenvolvimento da atividade parental, no qual se incluem o *conhecimento* e compreensão das necessidades da criança; *motivação* *erecursos* que se referem às qualidades e competências parentais, *traços de personalidade*, *redes sociais* e recursos materiais; e as *oportunidades* que são, por exemplo, o tempo que os pais passam com os filhos (Hoghughí, 2004). Assim, verifica-se uma complexidade envolvida no exercício da parentalidade e sua importância para o desenvolvimento infantil.

Vários fatores condicionam e podem prejudicar os comportamentos parentais. Compreender porque algumas pessoas parecem ser mais adequadas na realização efetiva da parentalidade enquanto outras têm maiores dificuldades é uma questão que tem implicações em estratégias de intervenção e prevenção. Isso permeou os estudos de Belsky (1984) ao analisar os processos parentais que ocorrem nas situações de maus tratos e abuso infantil. Por meio de uma abordagem ecológica, Belsky e Jafee (2006) destacaram três determinantes que podem influenciar as práticas parentais: as características individuais dos pais (personalidade e psicopatologia), as características da criança (temperamento) e os fatores do contexto social no qual a relação pais, mães e criança está inserida (relações maritais, ocupação profissional parental, redes de suporte social).

Esse modelo considera que as histórias do desenvolvimento dos pais, o relacionamento conjugal e a sua posição profissional influenciam as suas personalidades, que, por sua vez, afetam o processo de parentalidade e este, conseqüentemente, produz efeitos no desenvolvimento infantil. Do mesmo modo, o funcionamento psicológico parental, promovido em parte pela sua história desenvolvimental, influencia direta e indiretamente a relação conjugal, o funcionamento das redes sociais e as próprias experiências ocupacionais. E a nível social e contextual, a vizinhança e a comunidade também podem interferir na parentalidade (Belsky & Jaffee, 2006).

Belsky e Jafee (2006) sugerem que uma parentalidade eficaz seria um estado dinâmico que pode variar em grau entre os três determinantes da parentalidade em função do que permitir uma melhor qualidade de cuidados à criança (Belsky, 1984). Destaca-se que os três determinantes não possuem o mesmo peso na manutenção do sistema. A personalidade parental é considerada o determinante crucial, pois ela afeta o modo como os pais geralmente se sentem (a propensão para ter humor positivo ou negativo), como pensam e os tipos de pensamento (atribuições aos comportamentos dos filhos) e a forma de agir (como por

exemplo, o grau de expressividade, de ansiedade e insegurança expressos na relação com os filhos) (Beslky, 1984; Morse, 2010).

Pesquisas sobre a personalidade têm aumentado nas duas últimas décadas (Caspi, Roberts, & Shiner, 2005; John & Srivastava, 1999; Prinzie et al., 2009) em busca de um consenso sobre um modelo que abarque a infinidade de traços da personalidade. Entre os modelos mais conhecidos e respaldados está o modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (*Big Five* ou *The five-factor model*) (DeYoung, Quilty, & Peterson, 2007; McCrae & Costa, 1999; Natividade & Hutz, 2015), o qual caracteriza cinco grandes fatores que abrangem disposições mais específicas. Eles são tradicionalmente numerados e rotulados como: (I) Extroversão (energia, impulsividade, afeto positivo), (II) Amabilidade (sociável, amável, prestativo), (III) Conscienciosidade (restrição), (IV) Estabilidade Emocional (versus Neuroticismo ou afeto negativo), (V) Abertura à experiência (autonomia, intelecto, curiosidade e imaginação) (Caspi et al., 2005; McCrae & John, 1992; McCrae & Costa, 1999).

Os estudos que investigam a relação entre personalidade de pais e mães e a parentalidade tendem a enfatizar a personalidade da mãe (Metsäpelto, 2003), em virtude de esta continuar sendo a principal responsável pelo cuidado das crianças e das tarefas da casa (Bossardi, 2011; Staudt & Wagner, 2008). No entanto, o interesse pelo estudo do papel do pai no contexto familiar e no desenvolvimento infantil aumentou nas últimas décadas (Bandeira, Goetz, Vieira, & Pontes, 2005; Bueno & Vieira, 2014; Silva & Piccinini, 2007), o que pode estar relacionado a mudanças ocorridas nas configurações familiares, tais como maior flexibilidade na divisão de tarefas, o aumento do número de mulheres que trabalham fora de casas, e o aumento do número de famílias constituídas por apenas um membro parental (Goetz & Vieira, 2009; Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). Dessa forma, salienta-se a importância de se investigar a personalidade paterna e sua possível influência na forma como o pai participa dos cuidados dos filhos e das tarefas domésticas.

Verifica-se, por meio de uma pesquisa exploratória, o uso do termo *personality* e *parental personality* nos resumos e títulos das pesquisas que buscaram investigar a personalidade de pai e mães. Observa-se que os resultados descritos nos resumos não diferenciam as práticas parentais de acordo com a personalidade dos diferentes genitores, mas envolvem-nas em uma descrição única e geral. Esse dado

deve ser questionado, em virtude da literatura já nos mostrar que pais e mães se relacionam de forma diferente com os filhos, sendo as mães mais envolvidas no suporte emocional, disciplina, cuidados básicos e tarefas escolares (Bossardi, 2011), e os pais no suporte econômico (embora isso esteja mudando), em jogos físicos e na disciplina (Backes, 2015; Goetz & Vieira, 2009).

Investigar a personalidade de pais e mães e a relação dessa variável com aspectos do comportamento parental pode permitir reflexões sobre porque alguns pais e mães conseguem se envolver, brincar, cuidar, se divertir e se sentir à vontade com os filhos e outros sentem-se mais retraídos, inibidos, inseguros de fazer parte dessa interação. Destaca-se que existem diversos fatores que influenciam esse envolvimento, como as características da criança, a relação conjugal, o trabalho dos pais, entre outros (Backes, 2015; Bossardi, 2011; Lamb, 1992). No entanto, o que se espera do presente estudo é levantar as principais características pessoais de pais e mães predominantes no exercício da parentalidade. Assim, a pergunta que norteia esse estudo é: O que existe na literatura sobre a relação entre personalidade e parentalidade de pais e mães em família biparentais? Justifica-se o foco em famílias biparentais, pois podem haver especificidades em outras configurações familiares, e a proposta dessa revisão não é fazer uma análise comparativa entre as configurações familiares.

Dessa forma, o objetivo dessa revisão sistemática da literatura é apresentar um panorama abrangente e detalhado da produção nacional e internacional de artigos derivados de pesquisas sobre a parentalidade e a personalidade parental em famílias biparentais, com o objetivo geral de apresentar e enfatizar os aspectos relacionados a pais e mães. Ressalta-se que a presente revisão envolve, além da análise dos resumos, a apreciação dos artigos na íntegra, tendo em vista que nem todos os resumos disponibilizam informações sobre as escolhas metodológicas. Além disso, a leitura integral dos textos permitiu uma análise mais aprofundada dos resultados apresentados.

Método

Para a realização da busca por publicações sobre a personalidade de pais e mães e as relações entre pai, mães e filhos, primeiramente se fez a escolha dos descritores nas Terminologias da Biblioteca Virtual (BVS-Psi) e nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Foram encontrados os descritores em inglês para personalidade e parentalidade

no DeCS e para personalidade na BVS-Psi. Assim, optou-se por “parenting” e “parental personality”. Esse último foi escolhido pois observou-se na literatura que é o termo mais utilizado para se referir à personalidade de pais e mães. Os termos utilizados estão na língua inglesa porque nas publicações brasileiras submete-se as palavras-chave também em inglês. Buscou-se por não restringir o período de apublicação das obras.

A busca desses descritores foi realizada em fevereiro de 2016 nos sítios BVS-Psi, Capes Periódicos e PubMed. As justificativas para a escolha desses portais e bases são as seguintes: A BVS-Psi é um portal que permite o acesso a diferentes bases de dados referentes à Psicologia, à saúde e a áreas afins, entre elas a PePSIC, SciELO, IndexPsi e LILACS; o Portal de Periódicos da CAPES permite o acesso a 33 bases de dados, possibilitando uma busca abrangente, e, por fim, a PubMed é uma base de dados com foco em literatura biomédica e em ciências da vida. Todas permitem o acesso gratuito (Koller, Clara, & Couto, 2014).

Como critério de inclusão, optou-se por a) obras revisadas por pares que se referiram a aspectos da relação entre pais, mães e filho (a)s e à personalidade do pai e/ou da mãe em famílias biparentais; b) obras nos idiomas inglês, francês, espanhol e português. Não se restringiu a idade dos filhos. Foram critérios de exclusão: a) estudos teóricos e de revisão; b) obras que envolviam psicopatologia e/ou distúrbios de personalidade; c) estudos sobre deficiência; d) pesquisas realizadas em outras configurações familiares.

Após a realização do levantamento da produção científica ocorreram os seguintes procedimentos: retirada do material duplicado, leitura dos títulos, resumos e seleção dos artigos relacionados ao objetivo dessa revisão; leitura integral dos artigos para apreciação das categorias de análise. Foram excluídos livros, capítulos de livros, teses, dissertações, e artigos teóricos. Por fim, os artigos lidos integralmente foram classificados com relação à origem do estudo: nacional ou internacional; ano de publicação; delineamento metodológico (método, técnica de coleta de dados, tipo do estudo, análise de dados); população estudada; referencial teórico de personalidade e principais resultados. A escolha desses critérios para análise dos documentos foi fundamentada em outros estudos de levantamentos bibliográficos (Cordazzo, Martins, Macarini, & Vieira, 2007; Vieira et al., 2014). Posteriormente à leitura dos artigos, os resultados dos estudos foram organizados em categorias

temáticas criadas após a leitura dos mesmos. O passo a passo da escolha dos artigos é ilustrado no esquema abaixo.

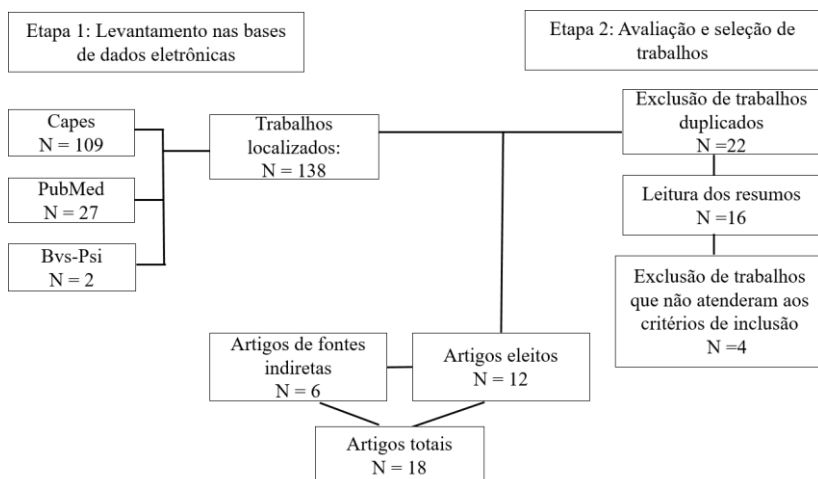


Figura 1. Esquema representativo do processo de seleção das publicações.

Resultados

Encontrou-se um total de 138 referências, sendo 109 da Capes Periódicos, 27 no PubMed e 2 da Bvs-Psi, as quais foram analisadas pela leitura dos títulos e em seguida pelos resumos. Foram excluídos 22 trabalhos duplicados. Após a leitura dos resumos, foram selecionadas 12 referências que atenderam ao critério de inclusão. Durante a leitura dos artigos, encontrou-se mais 6 estudos que se enquadravam no critério de inclusão. Dessa forma, serão analisados 18 artigos na íntegra. Os resultados descritos a seguir se referem a esses artigos que foram analisados.

As obras que foram excluídas da análise por não contemplarem os critérios de inclusão se referem à outras temáticas, tais como: desempenho escolar, transição para a parentalidade, coparentalidade, divórcio, transtornos de personalidade, déficit de atenção e hiperatividade, autismo, uso de drogas, síndrome de down, conflito na relação entre família e trabalho, entre outros.

Origem dos documentos

Com relação à origem dos documentos analisados, 10 eram norte-americanos (Estados Unidos e Canadá) e oito europeus (Holanda, Portugal, Bélgica, Finlândia). Constata-se que não foram localizados artigos nacionais sobre a temática da personalidade de pais e mães e que a prevalência dos estudos se situa em países norte-americanos e europeus. Os dados assinalam a relevância de incluir os artigos internacionais na revisão de literatura e a necessidade de produzir estudos sobre esta temática em diferentes contextos sociais, culturais e econômicos, tanto em países industrializados como em países em desenvolvimento.

Ano de publicação

O ano de publicação das obras ficou distribuído entre os períodos de 1991 a 1998 (quatro artigos), de 1999 a 2009 (oito artigos) e de 2010 a 2012 (seis obras). Observa-se uma constância no número de publicações ao longo dos anos. E supõe-se que o início de publicações sobre a temática da personalidade parental tenha ocorrido após 1984, pois este foi o ano da publicação do modelo dos determinantes da parentalidade (Belsky, 1984), no qual foi salientado a influência da personalidade de pais e mães no exercício da parentalidade.

Delineamento metodológico

O método mais empregado nos estudos foi o levantamento de dados (que utiliza instrumentos como questionários, escalas e/ou entrevistas para acessar o fenômeno em questão). A maioria das pesquisas foi de natureza longitudinal e recorreu à análise quantitativa dos dados.

Tabela 1

Caracterização metodológica dos artigos publicados sobre personalidade e parentalidade

Variável	N
Método	
Levantamento de dados	9
Levantamento e Observação	9
Técnica utilizada	
Questionários ou escalas	9

Questionários/escala e Observação	9
Tipo de estudo	
Transversal	8
Longitudinal	10
Tipo de análise de dados	
Quantitativa	18

População estudada

Predominaram estudos que focaram em uma combinação de pai, mãe e filhos (11 artigos), sendo que destes, sete investigaram pai, mãe e criança e quatro tiveram como foco pai, mãe e adolescente. Também houve estudos que investigaram apenas o pai e a criança (três), sendo um deles com bebês e outro com crianças pré-escolares, dois que abordaram apenas a mãe e a criança e dois que investigaram apenas o pai e a mãe. Verifica-se uma preferência por estudos com toda família nuclear, especialmente em estudos de observação.

Referencial teórico de personalidade

No que se refere aos modelos teóricos sobre personalidade, o modelo dos Cinco Grandes Fatores predominou na maioria dos estudos, enquanto quatro artigos utilizaram perspectivas teóricas diferentes. Essas perspectivas se referem ao modelo de personalidade proposto por Jackson (1976 *apud* Levy-shiff & Israelashvili, 1988; Volling & Belsky, 1991), o qual é dividido nas dimensões de Autonomia (indivíduos livres, que não gostam de restrições e obrigações), Autoestima (o quanto a pessoa se percebe como socialmente adequada e digna de interesse e cuidado dos outros), Orientação emocional e intelectual (sensibilidade e abertura a novas experiências) e Afeto interpessoal e afiliação (o quanto o indivíduo se preocupa com o sentimento dos outros); ao modelo de Eysenck, composto por três fatores da personalidade com polos opostos: Extroversão/Introversão, Neuroticismo/ Estabilidade e Psicoticismo/Superego (Afonseca, Martins, & Pires, 2011); e também o modelo multidimensional proposto por Tellegen (1982 *apud* Wilson & Durbin, 2012), composto por três dimensões e traços específicos: emocionalidade positiva (bem estar, proximidade social, realização), emocionalidade negativa (reações de estresse, alienação e agressividade) e restrição (autocontrole, convencionalismo e prevenção de danos).

Temas investigados e principais resultados

A fim de organizar a apresentação dos resultados das pesquisas, foram criadas categorias temáticas, conforme similaridades nos temas dos artigos. Dentro de cada categoria serão apresentados os principais resultados dos estudos, buscando articulá-los. A tabela 2 traz os temas abarcados pelas categorias e a quantidade de estudos pertencentes a elas.

Tabela 2
Distribuição dos estudos por categoria temática

Categoria temática	Principais temas	Quantidade de artigos
Personalidade e parentalidade	Estilo parental, influência do contexto socioeconômico, cuidados físicos, atividades lúdicas, apego seguro pai-filho.	9
Personalidade, parentalidade e comportamento do(a)s filho(a)s.	Práticas parentais negativas, comportamento de externalização das crianças, limites, estabilidade emocional dos pais.	5
Personalidade, parentalidade e outras variáveis	Risco demográfico, nível socioeconômico, senso de competência, humor parental, stress e desafios no contexto familiar.	4

Personalidade e parentalidade

Os artigos que fazem parte dessa categoria buscaram correlacionar traços da personalidade e aspectos relacionados à parentalidade, tais como: estilo parental, interação em atividade lúdicas, relação de apego entre pai e filhos e participação de pais nos cuidados básicos.

No que se refere à temática do estilo parental, um estudo realizado com adolescentes verificou que a combinação das características extroversão, amabilidade e estabilidade emocional pode estar relacionada a pais e mães que tendem a exercer um estilo autoritativo, caracterizado por demonstração de afeto, carinho e também

por controle e disciplina (Baumrind, 1996). Extroversão e amabilidade estariam ligadas à capacidade de os pais darem suporte emocional aos filhos, e a estabilidade emocional com baixo controle e disciplina. Os resultados desse estudo sublinham a relação entre extroversão, amabilidade e parentalidade, evidenciando a importância dessas características da personalidade para aspectos afetivos da parentalidade (Huver, Otten, de Vries, & Engels, 2010).

A relação da extroversão com aspectos emocionais e de cuidado também foi evidenciada em outro estudo sobre estilos parentais, realizado com pais, mães e crianças. Pais e mães com níveis altos em extroversão e níveis altos a moderado em abertura à experiência também demonstraram um estilo autoritativo. Essas características podem estar relacionadas a pais e mães que são sociáveis, alegres, afetuosos, curiosos e flexíveis, capazes tanto de dar suporte aos filhos quanto de colocar limites necessários. O estilo parental autoritário foi presente em pais e mães com níveis baixos em abertura à experiência e em extroversão, o que pode estar associado a uma dificuldade em demonstrar afeto e suporte emocional, estimular experiências positivas e ser flexível e aberto a novas experiências (Pulkkinen & Metsapelto, 2003).

O estilo permissivo, que se caracteriza por pouca imposição de limites, regras e restrições, mas também por demonstração de afeto e cuidado aos filhos (Baumrind, 1996) esteve presente em pais e mães que apresentaram níveis elevados em neuroticismo, extroversão e abertura. Esses traços podem estar relacionados a pais e mães que dão suporte emocional, que são carinhosos, porém muito flexíveis e com ausência de limites. A característica conscienciosidade não foi significativa para nenhum dos estilos parentais, porém exerceu influência diferente entre os pais e as mães (Pulkkinen & Metsapelto, 2003). Outro estudo verificou que pai alto em conscienciosidade tende a dar suporte, ser sensível e menos assertivo, enquanto que mães fortes nesse traço descreveram sua relação com os filhos adolescentes com muito envolvimento e comunicação, além de demonstrarem mais facilidade em colocar limites na educação deles (Huver et al., 2010).

A capacidade dos pais em estimular e participar de atividades lúdicas também esteve relacionada a algumas características da personalidade. Esse aspecto foi investigado apenas entre os pais. Um dos estudos revelou que pais cuidadores e lúdicos tendem a ter menos neuroticismo, possuem abertura, são mais educados e possuem melhor prestígio ocupacional na profissão (Jain et al., 1996b). Outra pesquisa

apontou que pais com afeto interpessoal, os quais demonstram consideração pelo sentimento da criança, também se envolvem em atividades lúdicas (Volling & Belsky, 1991).

Outra característica associada às atividades lúdicas é a extroversão, que se refere a pessoas sociáveis, enérgicas, alegres, impulsivas. Um estudo feito apenas com o pai e a criança encontrou que pais de crianças seguras são mais extrovertidos e amáveis que pais de crianças inseguras, além de terem casamentos mais positivos, e vivenciarem relações positivas entre trabalho e família (Belsky, 1996). Extroversão também foi presente em pais que expressam sentimentos na interação com os filhos. Assim, as características de extroversão e abertura à experiência parecem estar relacionadas a pais que estimulam o comportamento social, que se envolvem em brincadeiras e jogos lúdicos e que demonstram sensibilidade e sentimentos aos filhos (Belsky et al., 1995).

No entanto, parece haver divergências entre os resultados acerca da influência da extroversão. Outro estudo apontou que apesar dessa característica ter sido forte em mães que se sentiam envolvidas com os filhos, com relação aos pais, a introversão foi mais predominante, aparecendo relacionada com comportamentos de interação centrados na criança (Metsapelto & Pulkkinen, 2005). Isso pode ser explicado em parte pela baixa assertividade e em parte pelo firme controle dos impulsos, que são atributos da introversão. Nesse estudo, pais e crianças tinham que resolver palavras cruzadas, tarefa que exigiu baixa assertividade e alto controle de impulso por parte do pai, de modo a permitir liberdade à criança para explorar a construção das palavras. Pais extrovertidos se comportaram de uma forma mais dominante e com poder assertivo e foram, assim, considerados menos aptos a compartilhar sentimentos e experiências com os filhos, em demonstrar aceitação e capacidade de resposta às necessidades e opiniões da criança.

No que se refere à participação dos pais nos cuidados, um estudo revelou que pais altos em neuroticismo tendem a prestar cuidados ao bebê, além de demonstrarem maior preocupação com as consultas pré-natais (Afonseca et al., 2011). Parece que essa característica da personalidade está relacionada a pais que tendem a ser inseguros e/ou preocupados se algo está errado com a criança. No entanto, o fato de esses pais prestarem cuidados ao bebê vai de encontro ao resultado

encontrado por Pulkkinen e Metsapelto (2003), que verificaram que pais e mães de personalidade marcada por neuroticismo demonstram uma parentalidade caracterizada por insegurança, inibição e desconforto na interação com as crianças.

Personalidade, parentalidade e comportamento dos filho(a)s

Os aspectos emocionais que compõem a personalidade exercem influência nas práticas parentais, na maneira como os pais se relacionam com os filhos e no próprio comportamento destes. Fazem parte dessa categoria artigos que investigaram como a personalidade e/ou o comportamento dos filhos podem moldar o comportamento parental, e como a personalidade dos pais pode moldar o comportamento dos filhos.

A extroversão e a amabilidade se mostraram significativas em modelar dois tipos de comportamento parental: reativo e amoroso. Embora tenham conotações diferentes, essas características da personalidade se referem a comportamentos de interações sociais. Verificou-se que enquanto a extroversão em adolescentes (indivíduos enérgicos, sociáveis, impulsivos) tendia a provocar mais comportamentos reativos dos pais, a amabilidade e a estabilidade emocional de ambos promoviam uma relação mais calorosa e amorosa (de Haan, Deković, & Prinzie, 2012)

Contudo, um estudo verificou que a personalidade dos pais não é capaz de prever o comportamento dos filhos, mas que seu efeito pode ser mediado pelas práticas parentais (Van Aken et al., 2007). Observou-se que a instabilidade emocional materna pode prever comportamentos agressivos na criança quando mediada por pouco suporte materno dado aos filhos. Ou seja, quando a mãe apresenta muita instabilidade emocional (neuroticismo) e ainda fornece pouco suporte, esses fatores podem eliciar comportamentos agressivos nos filhos. Enquanto que para os pais, ocorre uma relação direta entre instabilidade emocional e o comportamento agressivo dos filhos, ou seja, a própria instabilidade emocional dos pais (insegurança, estresse, etc) pode estar relacionada a comportamentos agressivos dos filhos.

A capacidade dos pais em colocar limites na educação apareceu relacionada à característica da conscienciosidade. Pais e mães altos nessa dimensão possuem maior facilidade em impor limites aos filhos os quais, por sua vez, tendem a apresentar menos problemas de

comportamento externalizante², agressividade e dificuldades de atenção (Oliver et al., 2009).

Personalidade e parentalidade mediadas por uma terceira variável

Esta categoria é composta por quatro estudos que investigaram o envolvimento de uma terceira variável na relação entre personalidade e parentalidade. Um deles examinou a personalidade como um moderador do impacto do risco demográfico sobre a parentalidade (Kochanska, Aksan, Penney, & Boldt, 2007). Esse risco estava relacionado a experiências instáveis e infelizes durante a infância dos pais. Verificou-se que a personalidade dos pais moderou o impacto do risco demográfico sobre a parentalidade: pais ricos em neuroticismo e mães com níveis baixos em extroversão, que tiveram experiências instáveis durante a infância manifestaram mais comportamentos de afirmação de poder, enquanto que não houve nenhuma ligação com o risco para os pais e mães que recordaram experiência felizes da infância.

Além disso, os aspectos socioeconômicos e o trabalho dos pais parecem mediar a relação entre a personalidade e a participação dos pais nas tarefas familiares. Um estudo verificou que o pai com autoestima e sensível aos sentimentos das pessoas tende a ser responsável e a se envolver com a criança apenas em famílias nas quais um genitor trabalha. Já em famílias nas quais ambos os pais trabalham isso tende a não ocorrer devido a maior divisão de tarefas e aos conflitos provenientes da relação entre família e trabalho (Volling & Belsky, 1991).

Também foi investigado o papel mediador do senso de competência na relação entre os cinco fatores da personalidade (*big five*) e duas dimensões da parentalidade: “superreatividade” (*overreactivity*) e amabilidade e carinho (*warmth*). O senso de competência se refere à crença de auto eficácia dos pais em se sentirem efetivamente capazes de gerenciar as tarefas parentais. Ele se mostrou um importante mecanismo que pode mediar a relação entre personalidade e parentalidade. Quanto mais forte foi o senso de competência de pais e mães, e quanto mais

²Comportamentos marcados por oposição, agressão, hiperatividade, manifestações antissociais, em oposição a padrões de comportamento internalizantes – disforia, retraimento, medo e ansiedade (Achenbach & Edelbrock, 1978).

extrovertidos e amáveis eles foram, menos comportamentos de “superreatividade” (reatividade excessiva) foram eliciados e mais envolvimento e afeto foram demonstrados na relação com os filhos. Essa associação foi semelhante para pais e mães (de Haan, Prinzie, & Deković, 2009).

O humor parental (positivo e negativo) e os aborrecimentos diários também foram investigados como aspectos mediadores da relação entre personalidade e parentalidade. Os resultados apontaram que a extroversão exerceu maior influência sobre a paternidade, enquanto que a amabilidade exerceu maior influência sobre a maternidade. Essa diferença pode estar relacionada aos diferentes papéis exercidos por pais e mães. O fato de os pais se envolverem mais em jogos e brincadeiras seria reforçado pela característica da extroversão, pois essa se refere a indivíduos ativos, sociáveis, dominantes e que tendem a expressar mais afeto positivo para a criança. Já no que se refere às mães, a dimensão amabilidade - que descreve pessoas confiáveis, sensíveis e compassivas - estaria relacionada à tendência das mães em se dedicarem mais aos cuidados, a confortar os filhos e a serem carinhosas e responsivas com eles. E, por fim, o neuroticismo mostrou-se como o preditor da parentalidade de ambos os pais, influenciando o humor, os aborrecimentos diários e os comportamentos parentais (Belsky et al., 1995).

Discussão

Foi possível constatar, a partir dos resultados obtidos, a existência de publicações exclusivamente internacionais concernentes às interrelações entre personalidade parental e parentalidade. Além disso, observa-se uma tendência a se investigar a personalidade de pais e mães sem diferenciá-los, e verificou-se que apenas três obras analisaram exclusivamente as características individuais do pai. Isso pode ser devido a um contexto em que é recente a temática sobre a importância do pai no desenvolvimento infantil. O baixo número de estudos que investigam apenas a personalidade do pai deve servir de incentivo para a exploração do assunto, visto que tem se mostrado cada vez mais importante a participação paterna e sua contribuição para aspectos essenciais do desenvolvimento da criança, como a autonomia, desempenho acadêmico, entre outros.

Em termos metodológicos, constatou-se o predomínio da abordagem quantitativa. Em consequência dessa escolha epistemológica,

foi evidenciada a preferência pelo levantamento de dados, com abordagem multimétodos, utilizando questionários e/ou entrevistas combinados com observação. Com relação à população estudada, nota-se que há uma tendência internacional em se investigar a relação entre os integrantes da família nuclear, especialmente em estudos de observação.

No que se refere à perspectiva teórica utilizada nos estudos, verificou-se a predominância do modelo ecológico dos determinantes da parentalidade (Belsky, 1984), o qual sugere a inter-relação do comportamento parental com diferentes fatores: personalidade e os recursos psicológicos dos pais, características da criança e fontes de stress e de apoio do contexto no qual a relação pais-criança está inserida. Foi possível verificar a articulação de alguns desses fatores no delineamento dos estudos, como a relação entre personalidade parental e comportamento da criança; personalidade, comportamento parental e trabalho dos pais e também a influência do contexto social que pode envolver a condição socioeconômica da família, fatores de risco e a vulnerabilidade social.

Dessa forma, essa perspectiva permite uma compreensão ampla acerca da parentalidade, além de fundamentar a importância de se investigar as características individuais dos pais e a contribuição que elas podem exercer nas práticas parentais. Além disso, no que se refere ao quadro teórico utilizado para se investigar e discutir a personalidade, predominou o modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (*Big Five*), o qual é confirmado pela literatura como o modelo cientificamente mais aceito e consistente (McCrae & Costa, 1999; McCrae & John, 1992).

No que diz respeito às características de personalidade e aos comportamentos específicos de pais e mães observou-se que a maioria das pesquisas analisadas tende a englobar pais e mães nos mesmos resultados, sem diferenciá-los. Com o intuito de propiciar essa diferenciação, atentou-se mais para os estudos que investigaram só o pai ou só a mãe. No que se refere à figura paterna, verificou-se que os traços de amabilidade e extroversão estão ligados a uma relação de apego seguro entre pai e criança (Belsky, 1996), mas que também pais introvertidos se mostraram envolvidos e responsivos, organizando o próprio comportamento a partir da perspectiva da criança. Amabilidade e extroversão refletiram pais amáveis, sociáveis, afetuosos e

dominantes, que se envolvem com a criança proporcionando a ela uma relação segura. A extroversão esteve relacionada com o envolvimento em atividades lúdicas. A introversão paterna refletiu comportamentos de baixa assertividade e controle de impulsos, os quais por sua vez estavam relacionados ao respeito às opiniões da criança, liberdade para exploração e incentivo à sua autonomia. O envolvimento do pai em atividades lúdicas esteve relacionado ao fator da abertura à experiência, que pareceu também mediar uma parentalidade flexível.

Com relação a mãe, as características de amabilidade e extroversão se relacionaram a uma parentalidade calorosa e envolvida. A instabilidade emocional (neuroticismo) foi influente de forma semelhante para ambas as figuras parentais: quando combinado com outras características, pode tanto propiciar uma parentalidade permissiva, com suporte, cuidado, pouco controle e disciplina, e também uma parentalidade autoritária, rígida e coercitiva. Com relação às mães, o neuroticismo apareceu relacionado com comportamentos de afirmação de poder, com pouco suporte proporcionado aos filhos e também com a manifestação de comportamento agressivo por esses. Ao contrário disso, o neuroticismo mostrou-se relacionado ao envolvimento do pai nos cuidados do bebê. Por fim, pais e mães conscienciosos se mostraram emocionalmente envolvidos e aptos a colocar limites na criação dos filhos.

Dessa forma, com o propósito de tornar os resultados mais claros e objetivos, pretendeu-se resumir as relações encontradas entre os traços de personalidade e os comportamentos de pais e mães por meio de um quadro esquemático que articulasse a dimensão *Atividades Parentais e suas subdimensões*, propostas por Hoghughi (2004) e as características de personalidade de pais e mães. Optou-se por focar nessa dimensão da parentalidade, pois ela tende a englobar os comportamentos parentais em interação direta com a criança, que visam o cuidado e o desenvolvimento da mesma. O Quadro 1 apresenta, esquematicamente, a articulação entre as subdimensões – *cuidados físicos, cuidados emocionais, controle e disciplina, cuidado social e atividades lúdicas* - e as características da personalidade.

Cuidados Físicos	Controle e Disciplina
Extroversão: pai e mãe extrovertidos participam dos cuidados básicos.	Baixa abertura e baixa extroversão: pais e mães tendem a ter um estilo parental autoritário.
Alto neuroticismo: Pai se preocupa com consultas pré-natais de seus filhos bebês.	Alto neuroticismo, extroversão e abertura: pais e mães tendem a ter um estilo parental permissivo.
Baixo neuroticismo: pai sensível e	

com realização profissional se envolve em cuidados físicos. Alta amabilidade: mães se envolvem nos cuidados físicos e são calorosas.	Alto neuroticismo para o pai: afirmação de poder. Baixa extroversão para mãe: afirmação de poder. Conscienciosidade: capacidade de impor limites na educação dos filhos.
Cuidados Emocionais	Cuidado social e atividades lúdicas
Extroversão e abertura à experiência: pai e mãe tendem a dar suporte emocional, serem flexíveis, calorosos e afetuosos. Extroversão: pai tende a promover apego seguro na relação com a criança. Mas essa característica também está relacionada à hostilidade em pais e mães. Introversão: pai sensível aos sentimentos da criança. Amabilidade e estabilidade emocional: mãe tende a estabelecer uma relação amorosa e calorosa com os filhos. Alto neuroticismo: afeta o humor de pais e mães e há pouco envolvimento emocional.	Baixo neuroticismo e realização profissional: pai se envolve em atividades lúdicas Extroversão: pai interage com os filhos em brincadeiras. Abertura: pai é sensível aos sentimentos da criança, se envolvendo em atividades lúdicas e interagindo de acordo com a perspectiva da criança.

Quadro 1. Descrição dos resultados sobre personalidade e atividades parentais

No que concerne à subdimensão *cuidados físicos*, foram incluídos os resultados referentes às relações entre as características de personalidade e os tipos de cuidados físicos, os quais incluem a proteção, a higiene, a ida a consultas pré-natais, entre outros. Os *cuidados emocionais* compreendem os aspectos encontrados nos estudos referentes a afeto, calor, amorosidade e apego seguro, por estarem atrelados a uma parentalidade calorosa, envolvida e também ao desenvolvimento emocional dos filhos. A subdimensão *controle e disciplina* engloba resultados alusivos ao controle, autoridade, afirmação de poder e imposição de limites na educação. E, por fim, a subdimensão *cuidado social* integra comportamentos que visam tornar a criança socialmente competente, como as atividades lúdicas e brincadeiras.

As limitações apontadas pelas pesquisas envolvem, principalmente, a impossibilidade dos estudos transversais em estabelecerem relações causais entre personalidade e outras variáveis, devido à mutabilidade dos traços da personalidade, que sofrem transformações ao longo do tempo. Dessa forma, os estudos sugerem a

investigação da temporalidade e variação da personalidade por meio de estudos longitudinais, e também estudos sobre a dinâmica e o desenvolvimento da personalidade.

Outra limitação apontada por alguns estudos foi a abordagem metodológica utilizada para analisar a relação entre personalidade e aspectos da parentalidade, que se restringiu a correlações entre dimensões, a investigar a relação entre dimensões da personalidade isoladas. Alguns estudos sugeriram que as pesquisas futuras utilizem uma abordagem da personalidade a partir da combinação de diferentes fatores, visando a identificação de protótipos de personalidade, que seriam tipos ou perfis que combinariam diferentes dimensões dos cinco grandes fatores da personalidade (Browne, Meunier, O'Connor, & Jenkins, 2012).

A maioria dos estudos analisados utiliza o termo personalidade parental (*parental personality*), tanto na introdução, quanto nos resultados e também não diferenciam o gênero da criança nos estudos de observação. Isso implicou em uma não diferenciação da parentalidade com relação ao gênero da figura parental e filial, o que leva a alguns questionamentos, já que pais e mães e mães se relacionam de forma diferentes com os filhos e filhas (Backes, 2015; Bossardi, 2011; Paquette & Dumont, 2013b).

As relações estabelecidas entre personalidade e comportamento parental não podem ser compreendidas de forma tão direta. Inúmeros fatores permeiam essa relação, como o senso de competência e eficácia dos pais (de Haan et al., 2009), o risco demográfico (Harris, Furstenberg, & Marmer, 1998), o comportamento e a personalidade dos filhos (Haan & Dekovic, 2011; Prinzie, Onghena, Hellinckx, & Grietens, 2005; Van Aken et al., 2007). Nota-se que personalidade e parentalidade são conceitos muito mais complexos que as formas como eles têm sido tratados. Assim, o exame de dimensões é apenas uma estratégia informativa, que oferece uma visão sobre a parentalidade e a personalidade em um nível básico e estruturado (Huver et al., 2010).

Considerações finais

O objetivo do presente estudo foi verificar as relações estabelecidas entre as características de personalidade de pais e mães e a parentalidade em famílias biparentais. Verificou-se que as características de personalidade exercem influência sobre a parentalidade quando combinadas entre si. De maneira geral, pode-se indicar que amabilidade

está mais relacionada a pais e mães calorosos, cuidadosos e envolvidos; a extroversão a atividades lúdicas, descontraídas; a introversão a pais envolvidos e que respeitam as opiniões e perspectivas da criança; a conscienciosidade à habilidade de impor limites e disciplina; a abertura à capacidade de ser flexível e por fim, o neuroticismo pode estar relacionado tanto à rigidez, insegurança e também à permissividade ou ao envolvimento nos cuidados básicos.

A análise realizada indica que há uma tendência de as pesquisas não diferenciarem as práticas parentais de acordo com as características individuais maternas e paternas, englobando-as em dimensões gerais da parentalidade, como afetuosidade (*warmth*), restrição, coerção, entre outros. Dessa forma, aponta-se a necessidade de se focar nas diferenças entre as figuras parentais, tanto de personalidade quanto de parentalidade, a fim de verificar em que medida as discrepâncias de personalidade estão relacionadas com as diferenças de parentalidade entre elas. Aponta-se a relevância da utilização de estudos longitudinais e observacionais, que investiguem o fenômeno de modo direto e em situações específicas, testando relações e repercussões entre diferentes variáveis. Sugere-se que estes estudos de observação atentem para as características da criança e para a maneira diferenciada com que pais e mães interagem com meninos e meninas.

Como limitação dessa revisão, verifica-se que os descritores utilizados podem ter restringido os resultados da busca. Por isso, sugere-se que revisões futuras utilizem descritores mais específicos, tais como “father personality”, “mother personality”, “parents-child relations” e construam combinações maiores como estratégia de busca. Sugere-se também que outras bases de dados sejam acessadas e que se incluam teses, dissertações e estudos de revisão.

Recomenda-se que investigações futuras explorem a personalidade sob uma perspectiva bioecológica, abarcando vários determinantes da parentalidade, especialmente os aspectos sociais, econômicos, educacionais, emocionais e transgeracionais, em virtude de esses promoverem repercussões sobre a forma como pais e mães executam as práticas parentais e se relacionam com filhos e filhas.

Sugere-se estudos teóricos ou de revisão que englobem pesquisas sobre os seguintes temas: psicopatologia e/ou distúrbios de personalidade, deficiência, desempenho escolar, transição para a parentalidade, coparentalidade, divórcio, autismo, uso de drogas,

conflito na relação entre família e trabalho, outras configurações familiares, entre outros.

Salienta-se a necessidade de ampliar os estudos nas diversas configurações familiares, especialmente naquelas em que o pai está presente fisicamente e/ou emocionalmente. Por fim, os resultados desse estudo podem servir de estímulo para futuras pesquisas e também intervenções que atentem para a identificação da personalidade como um fator que pode colocar em risco a parentalidade e o desenvolvimento saudável da família e dos filhos.

Referências

(Observação: Optou-se por inserir as referências ao final de dissertação a fim de não tornar a leitura repetitiva e cansativa).

6ESTUDO 2

Introdução

O interesse pelo estudo do papel do pai e de sua importância para o desenvolvimento infantil tem crescido nas últimas décadas. Isto se deve a sua maior participação no contexto familiar, caracterizada por um maior envolvimento do pai nos cuidados dos filhos e no suporte emocional à mãe. O pai, assim como a mãe e outros cuidadores podem apresentar especificidades na forma de cuidar e interagir com as crianças. No caso específico do pai, espera-se dele que cuide, brinque, instrua, demonstre afeto e amizade pelos filhos. O padrão ideal que se vem se constituindo é de um pai com várias funções: participativo, envolvido, instrutor e que brinque. Compreender a especificidade do envolvimento dos pais com os filhos envolve investigar a influência das características individuais paternas, a relação conjugal, as características da criança e do contexto no qual a relação pai-criança está inserida. O presente estudo focará nos aspectos individuais, tais como a personalidade, que envolve pensamentos, sentimentos, ações, valores e expressão das emoções, os quais interferem na qualidade do cuidado e da interação com os filhos (Belsky, 1984; Pulkkinen & Metsapelto, 2003).

O envolvimento paterno é definido como a participação e a preocupação contínua do pai biológico ou substituto acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho. Constitui-se de três dimensões: *interação* (que se refere ao tempo em que o pai estabelece interação direta com a criança), *acessibilidade* (presença e disponibilidade do pai para com a criança) e *responsabilidade* (atitudes que o pai deve tomar para atender às necessidades da criança e assegurar o seu bem-estar) (Lamb, Pleck, Charnov, & Levine, 1985; Lamb, 1992; Dubeau, Devault, & Paquette, 2009). O estudo sobre a maior participação do pai no contexto familiar é recente, tendo surgido a partir da década de 1970 em estudos de Michael Lamb. Dessa forma, considera-se que a transformação do papel do pai é atravessada por modelos histórico-culturais distintos do que é ser pai e homem. Assim, em uma mesma cultura ou mesmo indivíduo podem estar associadas diferentes maneiras de ser pai: pai tradicional, moderno e emergente/cogênitor (Dessen & Lewis, 1998).

O *pai tradicional* é aquele que concentra suas atividades no trabalho e se envolve pouco no cuidado com os filhos. Por sua vez, o *pai moderno* está mais envolvido no desenvolvimento dos filhos, participando na instrução da sexualidade, no desempenho acadêmico e no desenvolvimento moral dos mesmos. E por fim, o *pai emergente* ou cogenitor é aquele que compartilha de forma mais igualitária as tarefas de cuidados dos filhos (Dessen & Lewis, 1998).

O pai moderno e emergente são modelos mais recentes, que surgem após transformações sócio-históricas, como a entrada da mulher no mercado de trabalho e os movimentos feministas, e que começaram a ser revelados a partir da década de 70. Dessa forma, ao estudar o pai e a família, é importante considerar a coexistência dessas três formas de ser pai no contexto atual.

A importância do papel paterno tem sido vinculada a diferentes aspectos do desenvolvimento infantil, como o desenvolvimento socioemocional (Paquette, 2004c) e o desempenho acadêmico dos filhos (Cia et al., 2004). Autores salientam que esse envolvimento pode sofrer interferência de diferentes fatores, tais como a idade, a escolaridade e a jornada de trabalho do pai (Turcotte & Gaudet, 2009).

Com o propósito de aprimorar os estudos sobre o envolvimento paterno, pesquisadores canadenses desenvolveram uma teoria específica acerca do comportamento do pai que promove o desenvolvimento de autonomia e da autoconfiança na criança. Trata-se da teoria da Relação de Ativação que se refere ao vínculo afetivo entre o pai e a criança, que tende a ocorrer durante a exploração do ambiente pela criança, cuja função é promover a *abertura ao mundo* da criança (Dumont & Paquette, 2012; Paquette, 2004a; Paquette, 2004c).

A abertura ao mundo pode ser descrita por meio de duas dimensões diferentes e complementares: *estimulação* e *disciplina*. A estimulação se refere ao pai encorajar a criança a explorar o ambiente, assumir atividades de risco, perseverar nas adversidades e a superar limites. A disciplina diz respeito ao pai estabelecer limites para garantir a segurança e a proteção da criança (Dumont & Paquette, 2012). Assim, enquanto o pai estimula a criança a se abrir ao mundo, fornece os limites necessários para que a criança se sinta segura e protegida.

Estas dimensões podem ser acessadas por meio de três tipos de comportamentos. Para acessar a estimulação, pode-se observar a estimulação ao risco (incentivar a criança a realizar atividades de risco e permitir que ela tenha autonomia para explorar o ambiente) e a estimulação à perseverança (incentivar a criança a realizar as coisas

difíceis, superar limites pessoais, e perseverar em face à adversidade, incentivando-a no esporte e convidando-a a explorar ou iniciar o contato com uma criança desconhecida). Já a disciplina pode ser acessada por meio da punição (punir ou repreender a criança se ela desobedece, não se esforça ou quebra algo).

Os pais (homens) geralmente estimulam as crianças por meio de atividades que envolvam o contato físico e o risco, como jogos físicos, “brincar de lutinha”, jogar a criança para o alto, fazer cócegas. Estas atividades ensinam as crianças a se autorregular, pois na medida em que elas vivenciam a existência de hierarquia e de limites, aprendem a controlar a frustração e, assim, a lidar em um mundo competitivo de modo socializado (Paquette, Carbonneau, Dubeau, Bigras, & Tremblay, 2003). Já a disciplina permite que a criança se sinta segura ao explorar o mundo, pois indica os limites e as regras estabelecidas de modo a garantir a segurança dela, o que contribui para que criança se sinta amada e confortada (Paquette et al., 2000).

Pesquisadores enfatizam o papel dos traços de personalidade e de certas características psicológicas do pai na predição do envolvimento paterno. Estudos indicam que os homens que se descrevem como abertos, sociáveis e extrovertidos são mais propensos a se envolver em vários domínios de atividades com seus filhos (Levy-Shiff & Israelashvili, 1988), mais dispostos a assumir a responsabilidade pelo cuidado e educação das crianças (Volling & Belsky, 1991) e mais propensos a adotar uma parentalidade positiva, ou seja, serem carinhosos, sensíveis e competentes no controle do comportamento das crianças (Belsky, Crnic, & Woodworth, 1995).

Além desses dados, outros estudos apontam que pais que apresentam uma personalidade constituída pela combinação de traços socialmente femininos (por exemplo: expressão das emoções e de sentimentos) e socialmente masculinos (assertividade na vida profissional, valorização da competição e de sucesso) são mais suscetíveis de se implicar nos cuidados físicos e na relação afetiva com os filhos do que aqueles que se identificam apenas com características tradicionalmente masculinas (Lamb et al, 1988; Russell, 1982; Palkovitz, 1984).

Traços da personalidade representam tendências básicas de um indivíduo, as quais em interação com o ambiente produzem características adaptativas, como habilidades, crenças, atitudes e

relações interpessoais (Costa & McCrae, 1994). O modelo dos cinco grandes fatores da personalidade é considerado um quadro teórico compreensivo para a categorização da personalidade (Digman, 1990). Ele consiste dos seguintes traços: Neuroticismo (ansiedade hostilidade, insegurança, depressão), Extroversão (aconchegante, agregador, ativo, assertivo, comunicativo), Abertura à experiência (curiosidade, interesses artísticos, imaginação, perpicaz), Amabilidade (confiante, altruísta, modesta, tímida) e Conscienciosidade (organização, persistência, disciplina) (McCare & John, 1992).

Os estudos que investigam a personalidade de pais e mães tendem a correlacioná-la com a parentalidade e o modo os pais criam e educam os filhos. Resultados indicam, de modo geral, que o neuroticismo está relacionado a uma parentalidade menos competente, caracterizada por instabilidade emocional, hostilidade, insegurança, permissividade ou superproteção. Pais fortes nessa característica são propensos a emoções negativas, as quais podem minar a capacidade de manter interação afetiva e positiva com a criança, assim como, limitar a disposição para responder adequadamente aos sinais dela. Esses fatores podem levar a dois tipos de parentalidade: intrusiva e superprotetora, a qual pode limitar a interação da criança com o mundo extrafamiliar; e outra distanciada, sem estrutura e orientação, caracterizada por permissividade (Kochanska, Clark, & Goldman, 1997; Clark, Kochanska, & Ready, 2000; Prinzie et al., 2009).

Por outro lado, extroversão e amabilidade estão associadas a uma parentalidade mais responsiva, estimulante e respeitosa à autonomia (Prinzie et al., 2009). Pais fortes em extroversão possuem boa capacidade de interação e sociabilidade, estimulando a criança a interagir com colegas e em atividades de brincadeiras, além de serem envolvidos e assertivos em momentos disciplinares. Já a amabilidade reflete pais descontraídos, responsivos, empáticos às necessidades da criança, com capacidade de fornecer proteção e respeito à sua autonomia (Jain, Belsky, & Crnic, 1996; Clark, Kochanska, & Ready, 2000). A abertura se caracteriza por curiosidade, imaginação, por comportamentos exploratórios e artísticos. Está relacionada a uma parentalidade envolvida em atividade lúdicas, brincadeiras e empática às necessidades da criança (Jain, Belsky, & Crnic, 1996; Clark, Kochanska, & Ready, 2000). A conscienciosidade se refere a características de organização, persistência, foco no trabalho e em metas. Pais fortes nessa característica tendem a impor regras na parentalidade, proporcionando um ambiente de criação mais coerente e

estruturado (Prinzle et al., 2009), além de terem facilidade em estabelecer limites na educação dos filhos (Oliver et al., 2009).

Estudos sobre a personalidade (Asendorpf, Borkenau, Ostendorf, & Aken, 2001; De Fruyt, Mervielde, & Van Leeuwen, 2002; Asendorpf, 2013) apresentam duas abordagens: uma centrada nas variáveis (traços) e outra centrada no indivíduo. A abordagem centrada nas variáveis é nomotética e envolve a descrição da estrutura da personalidade por meio de traços isolados, examinando relações estatísticas entre os traços de indivíduos em um mesmo grupo. Ela fornece informações sobre a estrutura do traço, estabilidade e validade, os quais são mensurados por correlação. A correlação informa uma associação entre variáveis que é idêntica para todos os indivíduos da amostra, ignorando as diferenças interindividuais (Asendorpf, 2013). Essa abordagem é a mais tradicional em estudos sobre a parentalidade, tendo sido útil em identificar associações entre os traços de personalidade e variáveis da parentalidade (Belsky, 1996; Huver, Otten, de Vries, & Engels, 2010; Browne, Meunier, O'Connor, & Jenkins, 2012). Porém, ela não oferece informações sobre a organização intraindividual dos processos e comportamentos psicológicos específicos, oferecendo pouca sustentação de como os traços de personalidade estão distribuídos em determinados tipos de parentalidade.

Já a abordagem centrada no indivíduo busca compreender a dinâmica e o desenvolvimento da personalidade por meio de uma perspectiva tipológica, que estuda a configuração dos traços da personalidade em um mesmo indivíduo. Visa identificar grupos de indivíduos com características similares – em termos de scores nas dimensões do *Big Five* – e examinar se esses padrões são representados em outras amostras, com o objetivo de organizar e estipular tipos ou protótipos de personalidade (Gangestad & Snyder, 1985; Donnellan & Robins, 2010; Asendorpf et al., 2001). Assim, permite identificar distintas configurações dos traços da personalidade que caracterizam o funcionamento de cada indivíduo (Pulkkinen & Metsapelto, 2003).

Em uma recente revisão Mervielde e Asendorpf (2000) concluíram que as duas abordagens são complementares, embora diferentes conceitualmente. Os autores argumentam que os cinco fatores fornecem uma descrição útil do conjunto de traços, por meio dos quais os padrões de personalidade podem ser derivados. Dois métodos têm sido usados para derivar protótipos de personalidade: Q-sort e análise de

cluster dos scores de traços múltiplos. O método usado no presente estudo foi a análise de cluster, que é comumente usada em estudos com múltiplas variáveis (questionários, escalas, testes). Cada indivíduo é descrito pelo perfil de score nas variáveis. Esses perfis são agrupados pela análise de cluster em grupos relativamente homogêneos. Cada cluster consiste de indivíduos com perfis similares, ou seja, cada cluster representa um tipo de personalidade. O perfil médio dos membros do cluster descreve um modelo protótipo de personalidade (Caspi & Silva, 1995). Esses protótipos podem ser diferenciados se uma medida de similaridade for usada para compará-los, como a distância euclidiana entre os perfis. Esse método já foi usado em outros estudos sobre personalidade parental (Belsky, 1996; Jain et al., 1996; Pulkkinen & Metsapelto, 2003; Morse, 2010), os quais serviram de modelo para o delineamento da presente pesquisa.

A relação entre personalidade paterna e abertura ao mundo será compreendida sob a perspectiva Bioecológica do desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1999; Bronfenbrenner & Evans, 2000). Essa teoria define toda interação face-a-face que ocorre no ambiente imediato (família) como um processo proximal, que é o motor do desenvolvimento. Concebe-se o desenvolvimento a partir de quatro núcleos dinâmicos e interdependentes: processo, pessoa, contexto e tempo. Este modelo inclui o Processo de desenvolvimento, envolvendo a fusão e a dinâmica da relação entre o indivíduo e o contexto; a Pessoa, com seu repertório individual de características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais; o Contexto, definido como níveis ou sistemas entrelaçados; e o Tempo, conceituado como envolvendo as dimensões múltiplas da temporalidade, constituindo o cronossistema que modera as mudanças ao longo da vida (Bronfenbrenner, 1994, 1996, 2005; Tudge, 2008).

Neste estudo foram investigadas duas dimensões desse modelo: o *Processo* que constitui a interação entre o pai e a criança que visa a abertura ao mundo da mesma, e o núcleo *Pessoa* do pai, que inclui as características de força, recurso e demandas pessoas, concebidas como produtoras e produtos do desenvolvimento. Estas características influenciam a forma, a força, o conteúdo e a direção dos processos proximais, e dizem respeito tanto às características determinadas biopsicologicamente quanto àquelas que foram construídas na interação com o ambiente. A personalidade está incluída nas demandas pessoais, aspectos que estimulam ou desencorajam as reações do ambiente social,

favorecendo ou inibindo a ocorrência dos processos proximais (Bronfenbrenner, 2005).

A personalidade é amplamente discutida nos estudos de Belsky (Belsky, 1996; Jain et al., 1996; Volling & Belsky, 1991) que, influenciado por Bronfenbrenner, elaborou o modelo dos determinantes da parentalidade. Neste modelo, o autor destaca a personalidade como um dos determinantes que tem maior influência sobre a parentalidade, visto que ela afeta o modo como as figuras parentais se sentem, como pensam, os tipos de pensamento e a forma de elas agirem, produzindo impactos na qualidade da relação com os filhos. (Belsky, 1984; Morse, 2010).

Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa é verificar a relação entre a personalidade paterna e a abertura ao mundo de pais de criança de 4 a 6 anos. Como objetivos específicos têm-se: a) descrever as características sociodemográficas da amostra; b) identificar perfis de personalidade dos pais; c) caracterizar os perfis de personalidade dos pais; d) relacionar os perfis de personalidade dos pais a abertura ao mundo.

Com base na literatura apresentada, tem-se como hipóteses que pais fortes nas características amabilidade, extroversão e abertura estimularão a criança ao risco e à perseverança; pais fortes em conscienciosidade estimularão à perseverança e serão rígidos com relação a regras e, por fim, os pais fortes em neuroticismo vão punir mais a criança. Diante do exposto, investigar a personalidade e a abertura ao mundo tem relevância, pois o pai, ao exercer esta função, contribui para o desenvolvimento socioemocional das crianças. Além disso, essa pesquisa pode fornecer dados para a identificação de possíveis fatores de risco ao desenvolvimento infantil – atributos e recursos psicopatológicos dos pais, e assim, promover a saúde psicossocial dos membros familiares.

Método

Caracterização e delineamento da pesquisa

Essa pesquisa se trata de um estudo descritivo, exploratório e inferencial, cujo objetivo foi tornar familiar o problema investigado, possibilitando a descrição das características de determinada população

ou fenômenos e a criação de relações entre variáveis e fatos. De acordo com Sampieri, Collado e Lucio (2006), uma abordagem multidimensional pode permitir uma complementaridade de dados e uma melhor compreensão do fenômeno. A pesquisa é exploratória por investigar um tema pouco destacado na literatura especializada, conforme observado na revisão de literatura, buscando, dessa forma, aumentar a familiaridade com o assunto; descritivo, pois visa descrever as características da população e do fenômeno estudado e inferencial pois visa relacionar variáveis e comparar grupos (Creswell, 2007).

Caracteriza-se pela utilização de métodos quantitativos, abordando os sujeitos por meio de questionários e escalas (Creswell, 2007). Estes serão compostos por questões fechadas que contêm informações sobre variáveis sociodemográficas, abertura ao mundo e a personalidade do pai. Por fim, trata-se de uma pesquisa do tipo transversal, pois o foco não é verificar o efeito do tempo sobre o fenômeno, sendo os dados coletados em um momento específico da vida dos participantes (Sampieri et al., 2006).

Contextos

A coleta de dados aconteceu simultaneamente em três cidades da região da Grande Florianópolis, duas cidades do Vale do Itajaí, nove do Paraná e quatro do Rio Grande Sul. Na região da Grande Florianópolis, uma das cidades participantes desta pesquisa caracteriza-se por população de cerca de 400 a 450 mil habitantes, e as outras duas possuem cerca de 160 a 200 mil habitantes. As regiões do Vale do Itajaí que participaram da pesquisa possuem cerca de 200 mil habitantes e outra com uma população cerca de mais de 100 mil habitantes (IBGE, 2016).

No que se refere às cidades do Rio Grande do Sul, uma delas possui população de cerca de 230 mil habitantes, outra com 35 mil, 23 mil e outra com 6 mil habitantes (IBGE, 2016). Apesar de não serem cidades com população representativa, foram incluídas por acessibilidade dos pesquisadores do grupo de pesquisa e com a finalidade de promover maior variabilidade da amostra.

Participantes

Participaram dessa pesquisa 171 famílias biparentais heteroafetivas (ou seja, 171 pais/padrastos e 171 mães/madrastas) de

crianças de 4 a 6 anos, distribuídas em três estados do sul do Brasil: Santa Catarina (N=126), Paraná (N= 30) e Rio Grande do Sul (N= 15). Essas cidades foram escolhidas por conveniência. Os critérios de inclusão dessas famílias foram: a) ter pelo menos um(a) filho(a) de quatro e seis anos de idade; b) pais/padrastos e mães/madrastas deveriam ter tido a criança focal após seus 18 anos de idade; c) o casal deveria coabitar há pelo menos seis meses³. A escolha pela idade da criança se justifica por dois motivos: após os três anos de idade, embora ainda dependentes de cuidados, elas estão mais abertas para relacionamentos e menos dependentes das mães, o que possibilita ao pai maior aproximação, participação e interação (Lamb et al., 1985); e porque em função da sua dependência e imaturidade, a criança ainda necessita de cuidados de um adulto para garantir sua sobrevivência (Manfroi, Macarini, & Vieira, 2011).

As famílias foram acessadas através de instituições de educação infantil, escolhidas por conveniência e acessibilidade. A amostragem denominada bola de neve também foi utilizada, por meio da qual as famílias que participaram da pesquisa, indicaram outras famílias como possíveis participantes (Gray, 2012), e também os próprios membros da equipe indicaram possíveis participantes. Essa técnica foi a que teve maior eficácia no recrutamento dos participantes. Trata-se de uma amostra intencional, pois só participaram da pesquisa as famílias que preencheram os requisitos de inclusão, aceitaram participar e tiveram disponibilidade para a coleta de dados (Gray, 2012). Salienta-se que apenas os dados do pai serão usados para esse estudo. Os dados sociodemográficos das famílias estão apresentados nas tabelas 1 e 2.

Tabela 1

Idade, escolaridade, jornada de trabalho e idade da criança

Variável	N	Média (DP)	Mínimo	Máximo
Idade do pai (anos)	171	37,94 (6,77)	19	59
Escolaridade do pai (anos)	166	15,33 (5,85)	0	40
Jornada de trabalho do pai (horas)	168	40,56 (13,42)	0	90
Idade da criança (meses)	170	61,58 (7,95)	48	83

³ O tempo mínimo de coabitação foi eleito para que as relações familiares estejam melhor estabelecidas.

Nota: Os dados de escolaridade e jornada de trabalho estão com N menor que os outros devido à presença de missings nessas questões.

Tabela 2

Estado de residência, composição familiar, sexo da criança e escolaridade do pai

Variável		Frequência (%)
Estado de residência	SC	126(73,7%)
	RS	15 (8,8%)
	PR	30 (17,5%)
Composição familiar	Família nuclear pais biológicos de todos os filhos	139(81,3%)
	Família nuclear pais adotivos da criança alvo	1 (0,6%)
	Família recasada com pais biológicos da criança alvo	15 (8,8%)
	Família recasada com padrasto da criança alvo	9 (5,3%)
	Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos	6 (3,5%)
	Família nuclear pais biológicos da criança alvo e com criança adotada	1 (0,6%)
	Sexo da criança	Masculino
Feminino		78 (45,6%)
Escolaridade Do pai	Não alfabetizado	1 (0,6%)
	Ensino fundamental incompleto: primário incompleto	4 (2,3%)
	Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto	7 (4,1%)
	Ensino fundamental completo	5 (2,9%)
	Ensino médio incompleto	6 (3,5%)
	Ensino médio completo	38 (22,2%)
	Ensino superior incompleto	15 (8,8%)
	Ensino superior completo	41 (24,0%)
	Pós-graduação	54 (31,6%)

Em média, os pais apresentaram 37,94 (DP= 6,77) anos de idade, sendo que o mais novo tinha 19 anos e o mais velho 59 anos. Os pais não divergiram muito em termos de escolaridade, apresentando uma média de 15,33 (DP= 5,85) anos concluídos, sendo que a maioria 54(31,6%) tinha Ensino Superior completo com Pós-graduação e também pais com Ensino Superior Completo 41(24%). Esse dado indica uma amostra com alto nível de escolaridade. A média de jornada de trabalho foi de 40,56 (DP=13,42) horas por semana, sendo que cinco pais apresentaram jornada nula, pois estavam desempregados ou já

tinham se aposentado, enquanto um pai apresentou 90 horas semanais, pois trabalhava em bar, tendo uma rotina frequente de 24 horas.

As crianças apresentaram média de 61,58 (DP= 7,65) meses, o que corresponde a mais ou menos 5 anos e 1 mês de idade, sendo que a menor tinha 48 meses (4 anos) e a maior 83 meses (6 anos e 9 meses). Com relação ao sexo das crianças, 93 (54,4%) eram do sexo masculino e 78 (45,6%) crianças do sexo feminino. No que se refere à composição familiar, 139 (81,3%) constituíam família nuclear de pais biológicos de todos os filhos, 15 (8,8%) eram famílias recasadas com o pai biológico da criança focal, 9(5,3%) famílias recasadas com padrasto da criança alvo, 6 (3,5%) eram famílias estendidas compostas por pais biológicos e outros parentes ou amigos, 1 (0,6%) família nuclear com pais adotivos da criança alvo (0,6%) e 1 (0,6%) família com pais biológicos da criança alvo e com criança adotada. Portanto, constata-se o predomínio de famílias nucleares de pais biológicos de todos os filhos, pais com alta escolaridade, com média de 37 anos de idade e de jornada de trabalho de 40 horas semanais em média.

Instrumentos para coleta de dados

Os instrumentos utilizados foram: Questionário Sociodemográfico; Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (*BFI*) e Questionário sobre abertura ao mundo (*Questionnaire d'Ouverture au Monde - QOM*).

a) *Questionário Sociodemográfico*: foi desenvolvido por pesquisadores vinculados ao NEPeDI⁴ da UFSC e adaptado para ser utilizado na presente pesquisa. Ele aborda questões que se referem aos dados da família (como idade e escolaridade) e renda familiar (como profissão e jornada de trabalho).

b) *Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (Big Five)*: Foi respondido apenas pelo pai. Este instrumento foi elaborado originalmente por John, Donahue e Kantle (1991 citado em John, & Srivastava, 1999), adaptado para o contexto espanhol por Benet-

⁴ Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina.

Martínez & John, 1998). É um instrumento psicológico construído para a avaliação da personalidade a partir do modelo dos Cinco Grandes Fatores, que inclui as dimensões extroversão, amabilidade (socialização), conscienciosidade (realização), neuroticismo e abertura. Consiste em frases curtas, de vocabulário relativamente acessível, que acessa a personalidade de forma multidimensional. A bateria originalmente era composta por 44 itens, e a versão validada para o Brasil por (Andrade, 2008) possui 32 itens, divididos em cinco fatores, que são respondidos em uma escala tipo Likert de cinco pontos, a qual indica o nível de identificação das pessoas com características descritas nos mesmos, variando de 1 “discordo totalmente” a 5 “concordo totalmente”.

Ainda que o BFI tenha validação no Brasil, optou-se por realizar a avaliação fatorial desse instrumento para verificar as propriedades psicométricas na amostra estudada. O uso imediato da Análise Fatorial Confirmatória (CFA- *Confirmatory Factor Analysis*), no lugar de uma análise exploratória ou qualquer outro método de análise preliminar, é justificado pelo fato da escala ser amplamente testada e ter uma estrutura a priori bem estabelecida. A análise fatorial confirmatória foi ajustada com auxílio do pacote Lavaan, versão 0.5-22 (Rosseel, 2012) disponível para a linguagem de programação R, versão 3.1. O algoritmo de otimização utilizado para o ajuste foi o “Diagonally Weighted Least Squares” (DWLS), em conjunto com sua versão robusta, para obtenção de estatísticas mais fidedignas.

Por meio dessa análise, verificou-se a presença de cargas fatoriais cruzadas em dois itens: 37 (“Gera muito entusiasmo”), que deveria ter cargas fatoriais em *Abertura* e *Amabilidade*; e o item 29 (“É cheio de energia”) que deveria carregar também em *Amabilidade*, *Conscienciosidade* e *Abertura*. Para manter o caráter congênico da escala, optamos pela remoção desses itens. Os valores de alfa de Cronbach e do ômega obtidos para cada fator da personalidade foram respectivamente 0,81 e 0,78 para *Abertura*, 0,74 e 0,72 para *Conscienciosidade*, 0,79 e 0,79 para *Extroversão*, 0,81 e 0,78 para *Amabilidade* e 0,79 e 0,75 para *Neuroticismo*. Assim, os 30 itens da estrutura final ficaram divididos da seguinte forma, sendo que aqueles com R se referem a itens invertidos:

- (I) Extroversão: oito itens: 01, 05, 12R, 16R, 26, 42R;
- (II) Amabilidade (ou Sociabilidade): três itens: 08, 15, 18;
- (III) Conscienciosidade: seis itens: 04, 06, 17R, 19R, 22R, 38R;

(IV) Neuroticismo (versus Estabilidade Emocional): – seis itens: 10, 14R, 21R, 23R, 34, 36.

(V) Abertura: nove itens: 09, 11, 13, 25, 33, 35, 39, 43, 44.

c) *Questionário sobre abertura ao mundo (QOM)*: foi elaborado por D. Paquette, M., Dubeau e Gagnon (2009), validado no Canadá com uma amostra de 266 pais de crianças pré-escolares com idades entre dois a cinco anos, e se refere a abertura ao mundo proporcionada pelo pai ao seu filho durante a infância. Constitui-se em uma escala de frequência de atividades que o pai realiza com crianças pré-escolares que tem as opções “nunca”, “raramente”, “às vezes”, “frequentemente”, “muito frequentemente” e “não é possível avaliar”. Contém 27 itens que estão distribuídos em três dimensões (Estímulo à perseverança, Estímulo a correr riscos e Punição). Esse instrumento foi validado no Brasil e seu manuscrito encontra-se submetido para publicação. Os valores de alfa de Cronbach e do ômega obtidos para cada dimensão da abertura ao mundo foram respectivamente 0,74 e 0,74 para Perseverança, 0,74 e 0,73 para Estímulo ao Risco e 0,69 e 0,74 para Disciplina. Assim, por meio da carga fatorial obtida, nove itens saíram e a distribuição dos itens por dimensão ficou da seguinte maneira:

-Punição: 7, 8, 11, 18, 25;

-Estímulo ao Risco: 1, 3, 6, 10, 13, 15

-Estímulo à Perseverança: 2, 14, 16, 19, 22, 24, 27.

Objetivos, instrumentos e análise de dados

A correspondência entre os objetivos, instrumentos e o tipo de análise de dados estão apresentados na tabela 3.

Tabela 3

Correspondência entre objetivos específicos, instrumentos e análise de dados

Objetivos	Instrumentos	Análise de dados
1- Caracterizar a amostra dos pais	Questionário Sociodemográfico	Análise descritiva dos participantes (Frequências, Médias, Desvio Padrão)
2- Identificar os perfis de personalidade dos pais.	Inventário dos Cinco Grandes	Análise Cluster de aglomeração hierárquica para agrupar casos

	Fatores (BFI)	semelhantes e construir perfis de personalidade
3- Caracterizar os perfis de personalidade dos pais.	Inventário dos Cinco Grandes Fatores (BFI)	Análise descritiva com a exposição das médias dos fatores da personalidade obtidos no dendograma
4- Relacionar a abertura ao mundo com os perfis de personalidade do pai	Questionário de abertura ao mundo + BFI (perfis de personalidade)	Análise Descritiva e Modelagem de Equação Estrutural do tipo MIMIC (<i>Multiple Indicators, Multiple Causes Model</i>)

Considerações éticas

A pesquisa foi desenvolvida com base em parâmetros éticos, atendendo à resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde. Este estudo insere-se no âmbito de um projeto maior, intitulado “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo II”. Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH/UFSC), sob o parecer consubstanciado de nº 1.514.798, no dia 26 de abril de 2016.

A fim de atender a referida resolução, foram elaborados os TCLEs, redigidos em linguagem acessível aos participantes. Na leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, pais e mães foram informados sobre os objetivos da pesquisa, a garantia do anonimato, a participação voluntária, o direito de desistir de participar da pesquisa a qualquer momento e o contato dos pesquisadores. O termo foi lido com os participantes, e duas vias foram assinadas, uma ficando com o participante e outra com o(a) pesquisador(a).

Tendo como base a resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, parte-se do pressuposto que todas as pesquisas com seres humanos possuem riscos. Assim, é possível que a aplicação dos questionários propicie aos participantes reflexões acerca de suas vivências e sentimentos, podendo gerar algum desconforto. Caso isso ocorra, eles serão acolhidos pela pesquisadora e, se necessário, encaminhados para o Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina (SAPSI/UFSC).

Durante a pesquisa, foram elaboradas cartilhas informativas às famílias que foram entregues na coleta de dados, nos grupos de pais que foram oferecidos aos participantes e à comunidade, como forma de devolução dos resultados e de agradecimento pela participação.

Também foi elaborada uma Autorização Institucional destinada às escolas de educação infantil. Esta autorização foi assinada pelos

diretores que foram informados sobre os objetivos e as justificativas da pesquisa, assim como sobre as propostas de devolutivas, como palestras e trabalhos oferecidos às escolas.

Procedimentos de coleta de dados

Para o recrutamento dos participantes, entrou-se em contato com a direção de escolas para expor os objetivos da pesquisa e solicitação da autorização institucional (APÊNDICE 1) para a realização do estudo. Com a autorização das mesmas, foram enviados cartas-convites (APÊNDICE 2) aos pais dos alunos. Após a devolução das cartas assinadas, entrou-se em contato telefônico com as famílias que se enquadravam no perfil da pesquisa para o agendamento da coleta de dados, que ocorreu conforme a disponibilidade dos participantes (residência, escola da criança ou Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade Federal de Santa Catarina - SAPSI/UFSC).

Inicialmente, foi lido em voz alta o TCLE (APÊNDICE 3), o qual foi assinado em duas vias por participante. Posteriormente, foi aplicado os questionários com o pai/padrasto e com a mãe/madrasta. Essa aplicação geralmente aconteceu de modo paralelo quando dois pesquisadores estavam disponíveis para a coleta, um aplicando com a mãe/madrasta e o outro com o pai/padrasto em locais separados. Salienta-se que para o presente estudo, serão utilizados apenas os resultados referentes ao pai.

Procedimentos de tratamento e análise de dados

Os resultados obtidos com os questionários foram tabulados e submetidos a análises formais através dos programas estatísticos “*Statistical Package for Social Sciences*” (SPSS) – versão 22.0 e R. A análise dos dados foi quantitativa, realizada a partir de: estatística descritiva, que visou caracterizar uma única variável por meio de informações e valores de suas modalidades, com a descrição de frequências, médias, desvio-padrão (Sampieri et al., 2006), e estatística inferencial, a qual buscou examinar o grau de relação entre as variáveis envolvidas no estudo por meio da modelagem de equação estrutural (Fleith & Costa, 2005), mais especificamente o modelo MIMIC (*múltiplos indicadores e causas múltiplas*) que permite a especificação

de uma ou mais variáveis latentes com uma ou mais variáveis observadas como preditores das variáveis latentes.

O procedimento de limpeza dos dados ocorreu por meio de estatística descritiva para verificar os valores máximos e mínimos das variáveis, a fim de buscar os que extrapolavam o limite superior e inferior de cada uma das escalas. Isso permitiu a correção de possíveis erros de digitação. Além disso, com essa estatística, descreveu-se os valores para cada variável com a exposição da distribuição das frequências e de porcentagens para as variáveis categóricas, bem como a média e o desvio padrão. Assim, foram caracterizadas as variáveis concernentes à abertura ao mundo, à personalidade do pai e às características sociodemográficas.

No que concerne ao tratamento dos *missings*, aqueles referentes aos dados sociodemográficos foram substituídos pelas médias gerais de cada item do questionário sociodemográfico. O único *missing* do QOM e os dois do BFI foram substituídos pelas médias das dimensões por sujeito excluindo-se o item faltante. E os valores do QOM referentes aos itens “não é possível avaliar” foram substituídos por 1 pela compreensão da equipe de que se o pai afirmou não poder avaliar, significa que não realiza a ação proposta pelo item com a criança.

Para análise dos dados, primeiramente foi aplicada a análise de cluster hierárquic na tentativa de encontrar e agrupar os dados em subgrupos referentes à personalidade paterna. Com o objetivo de identificar diferentes perfis de personalidade dos pais, foi utilizada a técnica de aglomeração hierárquica, que consiste em uma série de sucessivos agrupamentos que visa obter uma homogeneidade dentro dos grupos e heterogeneidade entre eles. Neste tipo de agrupamento, não se pressupõe quantos clusters existem, o que indica que foi realizada uma análise exploratória dos dados para identificar o número de agrupamentos possíveis (James, Witten, Hastie, & Tibshirani, 2015).

Essa análise permite a criação de um dendograma (diagrama bidimensional, em formato de árvore) que organiza os grupos hierarquicamente, sendo cada ramo um elemento e a raiz o agrupamento de todos os elementos (James, Witten, Hastie, & Tibshirani, 2015). O critério utilizado para aglomeração hierárquica foi a minimização da variância (critério de Ward) da distância euclidiana dos escores. A análise do dendograma é determinada por uma distância de corte que define quais serão os grupos formados. Essa decisão é subjetiva, e deve ser feita de acordo o objetivo da análise e o número de grupos desejados.

Posteriormente à identificação dos grupos, realizou-se estatística descritiva das variáveis sociodemográficas em função dos perfis de personalidade. Em seguida, foram utilizadas as informações dos perfis de personalidade dos pais para avaliar suas características em termos das dimensões de abertura ao mundo. Para isso, aplicou-se as equações estruturais, mais especificamente, o modelo MIMIC (*Multiple Indicators, Multiple Causes Model*), o qual foi desenvolvido por Joreskog e Goldberg (1975) e pertence à classe mais ampla de Modelos de Equações Estruturais (MEE). O MIMIC é um tipo de modelo de equação estrutural que permite inferir variáveis latentes (as dimensões de abertura ao mundo) por meio das variáveis observáveis (perfis de personalidade) (Schumacker & Lomax, 2010), levando em consideração o erro de medida. Combina análise fatorial e análise de regressão, permitindo testar estruturas fatoriais de instrumentos de medida psicométrica, por meio de análise fatorial confirmatória, e também analisar relações explicativas entre múltiplas variáveis simultaneamente.

Como o QOM foi avaliado por meio de análise fatorial confirmatória em outro estudo, o impacto dos perfis sobre as variáveis latentes mensuradas pelo instrumento (Punição, Estímulo ao risco e Perseverança) foi avaliado diretamente por meio da utilização de equações estruturais. Para cada dimensão, utilizamos o item com maior carga fatorial como variável indicadora, para estimar a escala das variáveis latentes, e fixamos a média dessas variáveis em zero para o Perfil 1. Assim, as estimativas das equações estruturais, portanto, indicam a comparação com relação ao Perfil 1. A representação do modelo está apresentada na Figura 1.

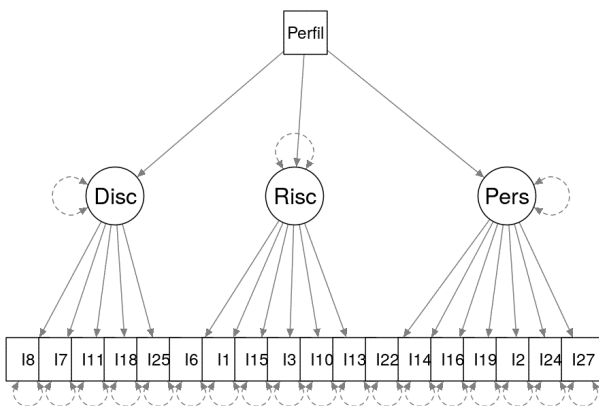


Figura 1. Representação do modelo de equação estrutural gerado em torno do perfil 1.

Resultados

Caracterização dos perfis de personalidade dos pais

Para caracterizar a personalidade dos pais, aplicou-se a técnica de aglomeração hierárquica da análise de cluster com o objetivo de identificar diferentes perfis de personalidade dos pais. O dendrograma obtido pode ser conferido no gráfico abaixo (James, Witten, Hastie, & Tibshirani, 2015).

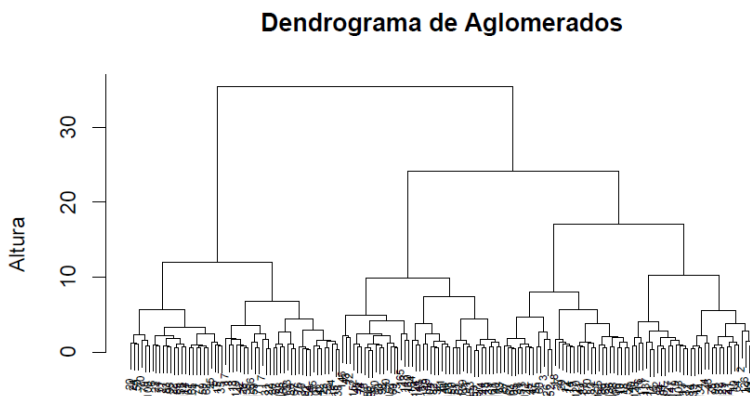


Figura 2: Dendograma obtido pela clusterização hierárquica dos dados

Na análise do dendograma, considera-se que a semelhança entre os grupos é medida pela altura da linha vertical, ou seja, quanto mais próximo da base maior a similaridade entre os participantes. A escolha do ponto de corte tende a ser aleatória. Nesse estudo, optou-se pelo valor 15, identificando-se quatro perfis de personalidade.

O valor médio dos fatores da personalidade para cada perfil pode ser conferido na tabela 4. Para tornar a comparação entre perfis mais intuitiva, os escores foram centralizados em zero e reescalados para desvio-padrão igual a um (James, Witten, Hastie, & Tibshirani, 2015).

Tabela 4

Média dos Fatores de Personalidade para cada Perfil

Perfi	Abertur	Coscienciosida	Extroversã	Amabilida	Neuroticis
l	a	de	o	de	mo
1	-0.07	0.35	0.52	0.36	-0.92
2	0.29	-1.31	0.21	-0.11	0.47
3	0.43	0.62	0.42	0.15	0.68
4	-0.46	0.06	-1.18	-0.51	0.30

Verifica-se que o primeiro perfil é caracterizado pelo neuroticismo bem abaixo da média da amostra – o menor dentre os quatro perfis – e com maior amabilidade e extroversão. O segundo perfil tem como característica mais saliente a conscienciosidade extremamente baixa e um nível um pouco elevado de neuroticismo. O terceiro perfil, por sua vez, possui o maior índice de neuroticismo, mas também maior conscienciosidade, abertura e extroversão. E, por fim, o quarto perfil se caracteriza por médias negativas de extroversão, amabilidade e abertura. Os perfis de personalidade dos pais foram relacionados com as médias obtidas nas variáveis sociodemográficas, cujos resultados seguem na tabela 5. Esses resultados serão descritos na identificação e descrição dos perfis de personalidade com características distintas em relação à abertura a mundo.

Tabela 5

Média (DP) das variáveis sociodemográficas do pai em função dos perfis

Perfil	N	Idade	Escolaridade	Jornada de trabalho
---------------	----------	--------------	---------------------	----------------------------

1	58	37,34 (6,89)	14,79 (5,23)	39,93 (14,61)
2	34	35,91 (5,62)	15,19 (5,15)	44,45 (11,90)
3	35	39,77 (7,41)	15,44 (4,24)	36,60 (15,09)
4	44	38,84 (6,59)	16,02 (7,91)	41,63 (10,63)

Nota: Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os perfis com relação às variáveis sociodemográficas no teste One-way ANOVA

Identificação e caracterização dos perfis de personalidade com relação às características de abertura ao mundo

Com o propósito de identificar as diferenças entre os perfis de personalidade com relação à abertura ao mundo, foi aplicada a equação estrutural, tendo como variáveis latentes as dimensões da abertura ao mundo influenciadas pela variável observável perfil de personalidade.

O método de estimação escolhido foi o DWLS (*Diagonally Weighted Least Squares*), em virtude do QOM ser mensurado em termos de itens ordinais. O ajuste global do modelo foi estatisticamente significativo (*Qui-quadrado* (177) = 326,75, $p = 0$), indicando um ajuste global ruim. Porém, como o teste de Qui-quadrado é sensível ao tamanho da amostra, a avaliação global do ajuste costuma ser melhor expressa em índices gerais para os quais não há teste de significância. O CFI (*Comparative Fit Index*), que compara o modelo ajustado com um modelo nulo de independência completa, foi de 0,94 – no limiar de um bom ajuste, já que valores acima de 0,95 são considerados bons. O RMSEA (*Root Mean Squared Error of Approximation*), que indica quão próximo o modelo ajustado está da matriz de covariância empírica, foi de 0,07, valor que costuma ser considerado bom – valores abaixo de 0,05 são considerados ótimos, mas entre 0,05 e 0,08 são aceitáveis. Por fim, o SRMR (*Standardized Root Mean Square Residuals*), uma medida geral para avaliar a matriz de resíduos obtida, foi de 0,09 – também no limiar de um bom ajuste, pois valores abaixo de 0,08 são considerados bons. Os resultados das estimativas podem ser conferidos na tabela 6, que indica a comparação entre o Perfil 1 e os demais em relação as variáveis latentes (Punição, Estímulo ao Risco e Perseverança, respectivamente).

Tabela 6

Resultado das estimativas da diferença entre os perfis

Dimensões QOM	Perfis	Estimativa	EP	Valor de p
Punição	Perfil 2-1	0,56	0,18	0,00*
	Perfil 3-1	0,23	0,18	0,20
	Perfil 4-1	0,07	0,16	0,66

	Perfil 2-3	0,32	0,20	0,11
	Perfil 2-4	0,48	0,19	0,01*
	Perfil 3-4	0,16	0,20	0,41
Risco	Perfil 2-1	0,43	0,22	0,05*
	Perfil 3-1	0,44	0,19	0,02*
	Perfil 4-1	0,27	0,20	0,16
	Perfil 2-3	-0,01	0,23	0,96
	Perfil 2-4	0,16	0,24	0,52
	Perfil 3-4	0,17	0,22	0,44
Perseverança	Perfil 2-1	-0,32	0,21	0,13
	Perfil 3-1	0,16	0,22	0,45
	Perfil 4-1	-0,15	0,18	0,41
	Perfil 2-3	-0,48	0,25	0,05*
	Perfil 2-4	-0,17	0,22	0,43
	Perfil 3-4	0,31	0,23	0,17

* Diferença estatisticamente significativa

As diferenças entre os perfis com relação à abertura ao mundo serão apresentadas juntamente com a descrição das outras características encontradas em cada perfil.

Perfil 1 - Pais perseverantes e emocionalmente envolvidos

O perfil 1 é composto por 58 pais, que apresentaram uma média de 37 anos de idade (DP=6,89), 14 anos de escolaridade (DP= 5,23) (com no mínimo o Ensino médio completo) e jornada de trabalho de 39 horas semanais (DP= 14,61). Esse perfil de personalidade é caracterizado por baixo nível de neuroticismo e por maior amabilidade e extroversão. Os pais desse perfil são os que **menos punem e mais estimulam à perseverança**.

Perfil 2 – Pais inconsistentes ou ambivalentes

O perfil 2 compreende 34 pais que possuem média de 35anos de idade (DP=5,62), 15 anos de escolaridade (com Ensino Superior) (DP= 5,15) e 44 horas de jornada de trabalho semanais (DP= 11,90), a maior entre todos os perfis. Esse perfil de personalidade é caracterizado por conscienciosidade extremamente baixa e um nível um pouco elevado de neuroticismo. Com relação a abertura ao mundo, os pais do perfil 2 **estimulam ao risco e são os que mais punem**, o que parece um pouco ambivalente, pois ao mesmo tempo que estimulam a criança a correr riscos, punem (mais que estimulam) os seus comportamentos.

Perfil 3 – Pais envolvidos e estimuladores

O perfil 3 foi presente em 35 pais, com média de idade de 39(DP= 7,47) anos, 15(DP= 4,24) anos de escolaridade e 36(DP=15,09) horas semanais de jornada de trabalho. O perfil de personalidade se caracteriza pelo maior índice de neuroticismo, conscienciosidade, abertura e extroversão. É um dos perfis que **mais estimula ao risco**, e também **estimula à perseverança**.

Perfil 4 – Pais distantes e pouco envolvidos

O perfil 4 constitui-se de 44 pais que apresentaram média de 38 anos de idade (DP= 6,59), 16 anos de escolaridade (DP= 7,91), o maior entre todos, e jornada de trabalho de 41 horas semanais. A personalidade se caracteriza por médias negativas de extroversão, amabilidade e abertura, o que pode estar indicando pais distantes emocionalmente, pouco afetuosos, otimistas, sociáveis, inflexíveis e pouco abertos a experiências. Esses pais não estimulam ao risco, nem à perseverança, e são os pais que **menos punem** os filhos.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal investigar a relação entre personalidade e abertura ao mundo de pais de crianças de 4 a 6 anos, por meio de instrumentos quantitativos e análises descritivas e inferenciais. A investigação da personalidade baseou-se na identificação de perfis por meio do agrupamento de pais com características semelhantes, que levou a identificação de quatro perfis de personalidade. Por meio de estatística descritiva e da modelagem de equação estrutural, constatou-se que as três dimensões de abertura ao mundo são exercidas de maneiras diferentes em função das características dos quatro perfis de personalidade.

Salienta-se que as relações estabelecidas entre a abertura ao mundo e as características de personalidade dos perfis podem tomar inúmeros caminhos e que a proposta desse estudo é promover reflexões sobre as características de personalidade do pai que se relacionam às dimensões da abertura ao mundo, sem a pretensão de esgotar o assunto ou de criar determinantes rígidos e categorias estanques. Assim, a discussão foi organizada de forma a apresentar os perfis de personalidade e de abertura ao mundo, articulando suas características com os dados já existentes na literatura, de forma a responder aos objetivos específicos do estudo.

Com relação à caracterização das famílias participantes, verifica-se que a maioria das famílias é do estado de Santa Catarina e se caracteriza por serem famílias nucleares de pais biológicos de todos os filhos. Com relação aos pais, observa-se que a maioria dos pais possuem alta escolaridade, média de 37 anos e trabalham em média 40 horas por semana. Ao contrário do que é apontado pela literatura (Cabrera et al., 2000) de que a idade e a jornada de trabalho do pai interferem no envolvimento paterno, e que tais variáveis influenciam as dimensões da abertura ao mundo (Backes, 2015), essa correlação não ocorreu no presente estudo. Isso pode ser devido à pouca discrepância com relação às medidas analisadas, ou seja, parece que houve certa homogeneização da amostra.

Por meio da análise de dados, encontrou-se quatro perfis distintos que mostram especificidades na abertura ao mundo quando se analisa a personalidade do pai. O perfil de *Pais perseverantes e envolvidos emocionalmente* foi presente na maioria dos pais e possui personalidade caracterizada por baixo nível de neuroticismo e por maior amabilidade e extroversão. Essas características podem estar indicando pais com estabilidade emocional, amáveis, afetuosos, carinhosos e capazes de darem suporte emocional aos filhos. A combinação desses fatores também ocorreu em um estudo que investigou a relação entre parentalidade e estilos parentais, cujos resultados indicaram que pais e mães altos em amabilidade e extroversão, e baixos em neuroticismo tendem a exercer um estilo autoritativo, caracterizado por demonstração de afeto, carinho e também por controle e disciplina (Pulkkinen & Metsapelto, 2003). Outro estudo também verificou que pais com score alto em amabilidade e baixo em neuroticismo tendem a apoiar mais a autonomia da criança que pais altos em neuroticismo, os quais costumam exercer disciplina coercitiva e atribuir intenções negativas aos comportamentos dos filhos (Jain, Belsky, & Crnic, 1996).

Os pais perseverantes e envolvidos emocionalmente foram nomeados dessa maneira pois são os que menos punem e mais estimulam à perseverança. É provável que o baixo nível de neuroticismo leve a menos comportamentos de punição, e que isso juntamente com amabilidade e extroversão contribuam com o estímulo à perseverança. Pressupõe-se que os pais desse perfil sejam amáveis, carinhosos, preocupados em ajudar os filhos a superarem os limites e a confiarem em si mesmos; assim como valorizam suas conquistas, incentivam-nos a

socializarem e a persistirem nos desafios. Esse resultado pode indicar transformações no padrão ideal de paternidade, apontando para pais envolvidos emocionalmente, os quais estão assumindo papéis de cuidado afetivo, antes pertencentes exclusivamente ao universo da maternidade (Lamb, 1977). Por fim, as características encontradas nesse perfil confirmam a hipótese de que pais com personalidade marcada por amabilidade e extroversão tendem a estimular a criança à perseverança.

O perfil de *pais inconsistentes ou ambivalentes* possui personalidade caracterizada por conscienciosidade extremamente baixa e um nível um pouco elevado de neuroticismo. A conscienciosidade representa o grau de persistência, determinação, organização, controle e motivação para alcançar objetivos. Já o neuroticismo indica preocupação, insegurança, ansiedade, instabilidade emocional, baixa tolerância à frustração (John & Srivastava, 1999; McCrae & Costa, 1999). Não se encontrou dados na literatura sobre como pais pouco conscienciosos exercem a parentalidade, mas resultados sobre a mãe indicam que, quando fortes nessa característica, elas tendem a promover um ambiente estruturado e coerente, além de colocarem limites na educação de filhos adolescentes (Oliver et al., 2009). Já o neuroticismo, quando alto, está relacionado a uma parentalidade pouco competente e autoritária (Kendler, Sham, & MacLean, 1997), com ações impulsivas e hostis, mas também pode ser caracterizada por insegurança e superproteção (Belsky et al., 1995; Prinzie et al., 2009). Assim, presume-se que esses pais sejam preocupados, desorganizados, descuidados e pouco persistentes, assim como tensos, impulsivos e um pouco hostis. (Kochanska, Clark, & Goldman, 1997; Clark, Kochanska, & Ready, 2000).

O nome dado a esse perfil se deve à ambivalência em relação aos comportamentos exercidos para promover a abertura ao mundo: ao mesmo tempo em que esses pais estimulam a criança a correr riscos (menos que punir), também punem demais quando a criança apresenta comportamentos inaceitáveis. Pressupõe que esses pais proporcionem um ambiente incoerente e que o neuroticismo possa estar contribuindo para comportamentos de punição, já que outros estudos encontraram que pais fortes nessa característica podem ser autoritários, ter ações impulsivas e hostis (Kendler et al., 1997; Belsky et al., 1995). As particularidades desse perfil confirmam a hipótese de que pais com maior score em neuroticismo tendem a punir a criança.

No entanto, no que se refere a estimulação ao risco, nota-se um resultado contrastante com os dados apontados pela literatura com

relação a pessoas de personalidade marcada por neuroticismo. Pais fortes nessa característica tendem a ser preocupados, ansiosos, inseguros, tensos e podem exercer a parentalidade de duas formas: superprotegendo a criança, por meio da imposição de muitos limites, ou pouco envolvida, interagindo pouco com os filhos (Prinzle et al., 2009). Como a estimulação ao risco envolve comportamentos de estimular o desenvolvimento da autonomia, tais como incentivar a criança a fazer uma atividade arriscada e a enfrentar desafios de ordem física (Paquette, 2004), indaga-se sobre como pais altos em neuroticismo exercem esses comportamentos. Assim, pressupõe-se que a presença das características abertura e extroversão, ainda que baixas, possam estar contribuindo para esse comportamento.

O perfil de *Pais envolvidos e estimuladores* possui índices altos em quase todos os traços de personalidade - neuroticismo, conscienciosidade, abertura e extroversão. Essas características se referem respectivamente a instabilidade emocional, nível de organização e persistência, flexibilidade e abertura, e nível de intensidade e energia dedicados às relações interpessoais. Os estudos que investigaram esses traços verificaram que pais extrovertidos e abertos à experiência demonstram um estilo parental autoritativo (demonstram afeto e colocam limites) (Pulkkinen & Metsapelto, 2003), participam de atividades lúdicas e expressam sentimentos na relação com os filhos (Belsky et al., 1995); quando abertos à experiência, se envolvem nos cuidados básicos dos filhos pois veem a experiência de ser pai como algo novo a ser vivido (Levy-shiff & Israelashvili, 1988); e que mães conscienciosas tendem a ser responsivas, assertivas e a colocarem limites na parentalidade (Clark et al., 2000). Assim, supõe-se os pais perseverantes e envolvidos sejam afetuosos, organizados, persistentes, flexíveis, criativos, ainda que expressem alguma instabilidade emocional.

Os pais envolvidos e estimuladores foram designados dessa forma, pois estimulam a criança ao risco e à perseverança, ou seja, se envolvem e participam ativamente do desenvolvimento da autonomia dos filhos. Por serem persistentes (característica da conscienciosidade), é possível que esses pais tenham a crença de que a determinação é importante para conquistar objetivos e, por isso, se preocupem em ensinar esse valor aos filhos, estimulando-os a perseverança. Já com relação à estimulação ao risco, supõe-se que por serem pessoas ativas,

otimistas, abertas e flexíveis, esses pais estimulem a criança a experimentar situações novas que a coloquem diante de desafios, nos quais ela tenha que se virar sozinha, com objetivo de que vivenciem a autonomia, a frustração e as consequências de suas ações. As características desse perfil confirmam a hipótese de que pais com maior score em extroversão e abertura tendem a estimular a criança ao risco e à perseverança.

Por fim, o perfil de *Pais distantes e pouco envolvidos* possui personalidade marcada por médias negativas de extroversão, amabilidade e abertura. Esses pais não estimulam ao risco, nem à perseverança, e são os pais que menos punem os filhos. Um estudo que investigou a influência dos traços de neuroticismo, extroversão e abertura na parentalidade identificou que pais de personalidade com índices altos em extroversão e abertura tendiam a ser emocionalmente envolvidos, e aqueles com scores baixos nessas dimensões e alto em neuroticismo eram mais autoritários e demonstravam poucas emoções positivas (Pulkkinen & Metsapelto, 2003). Além disso, Prinzie et al., (2009) descrevem que pais e mães com índice alto de neuroticismo podem exercer uma relação distante com os filhos, com pouco interação, estrutura e orientação. Esses fatores podem resultar em comportamentos parentais imprevisíveis e inconsistentes. Assim, as características desse perfil podem estar indicando pais distantes emocionalmente, pouco envolvidos, pouco afetuosos, quietos, retraídos, inflexíveis e pouco abertos a experiências novas e criativas.

Os pais desse perfil possuem o maior nível de escolaridade (16 anos) e a segunda maior jornada de trabalho semanal entre os pais dos outros perfis. Apesar de não haver relações significativas entre esses fatores e os perfis de abertura ao mundo, pressupõe-se que esses pais estejam mais focados nas questões profissionais, como trabalho e carreira, preocupando-se com o sustento da família e com os recursos necessários ao desenvolvimento dos filhos. De acordo com a definição de envolvimento paterno de Lamb (1977), esses pais parecem exercer mais a dimensão *responsabilidade* que se refere às atividades realizadas pelos pais que visam prover os recursos necessários à sobrevivência da criança e ao seu bem-estar. Esses dados podem estar indicando a presença de pais tradicionais, cujas atividades primárias centram-se ao redor do mundo do trabalho, provendo os recursos à família e se envolvendo pouco nos cuidados das crianças (Dessen & Lewis, 1998).

De acordo com Bronfenbrenner (1979/1996) a família é caracterizada como o primeiro ambiente do qual a criança participa

ativamente, interagindo através de relações face-a-face. O microsistema familiar é a maior fonte de segurança, proteção, afeto, bem-estar e apoio para a criança. As relações que se estabelecem nesse microsistema são caracterizadas por reciprocidade, afeto e equilíbrio de poder. Essas características promovem relações bidirecionais, positivas e calorosas, que oferecem à criança a oportunidade de aprender a lidar com relações de poder, o que tende a promover o desenvolvimento de sua autonomia. A abertura ao mundo compreende comportamentos do pai para com a criança que envolvem essas três características, tais como: reciprocidade nos comportamentos de estimular a criança a atividades arriscadas, a perseverar e tomar iniciativa do contato com colegas; afeto em incentivá-lo nas tarefas difíceis e a superar obstáculos, e equilíbrio de poder quando o pai pune ou disciplina (Bronfenbrenner, 1979).

Com relação ao equilíbrio de poder, ele deve gradualmente se alterar em favor da pessoa em desenvolvimento, a fim de que ocorra o desenvolvimento da autonomia. No entanto, essa graduação pode não ocorrer, em função do uso abusivo de poder que os pais têm sobre os filhos. Hoffman (1975) define o poder como o potencial que uma pessoa tem para compelir à outra a agir de maneira contrária à sua própria vontade. Existem duas formas pelas quais os pais podem utilizar o poder para mudar o comportamento dos filhos: por meio da disciplina indutiva que objetiva uma mudança voluntária no comportamento da criança e por meio de práticas coercitivas que reafirmam o poder parental. A disciplina indutiva envolve práticas educativas que comunicam à criança o desejo dos pais de que ela modifique seu comportamento, por meio de explicações sobre as consequências de suas ações, induzindo-a a lhes obedecer. A disciplina coercitiva caracteriza-se por práticas que utilizam a aplicação direta da força física e do poder dos pais, tais como punição física e privação de privilégios ou ameaças, compelindo a criança a adequar seu comportamento às reações punitivas das figuras parentais (Hoffman, 1975).

Em vista disso, ao verificar os itens do questionário de abertura ao mundo referentes à dimensão punição, validados no Brasil, observa-se que eles se referem a alguns comportamentos de uso de poder, tais como punir de forma severa e utilizar força física. Ainda que essas práticas ocorram e muitos contextos familiares, esses comportamentos são criticados e coibidos pelos direitos constitucionais brasileiros (Brasil, 1990- ECA). Assim, ao considerar que esse questionário foi

elaborado em outro contexto cultural distinto (Canadá), supõe-se que a disciplina esteja sendo mensurada baseada na educação e nas práticas parentais desse contexto e que, portanto, para o contexto brasileiro, é necessário o aprimoramento de estudos e instrumentos que busquem compreender e mensurar as diferentes formas de exercer a disciplina, as quais visam promover a segurança e a proteção da criança, aspectos fundamentais à abertura ao mundo.

Considerações finais

O presente estudo possibilitou a identificação de quatro perfis de personalidade com características distintas em relação a abertura ao mundo em pais de crianças de 4 a 6 anos. Esses perfis sugerem a coexistência de diferentes tipos de pais: uns mais envolvidos, estimuladores e aventureiros, outros mais distantes e pouco envolvidos e alguns mais inconsistentes e ambivalentes na interação com a criança. Esses resultados apontam para as mudanças que estão ocorrendo no comportamento dos pais no contexto familiar. Verifica-se tanto a presença de um modelo de pai mais tradicional quanto um modelo de pai mais participativo, que se engaja em atividades que visam estimular competências e habilidades nos filhos, como o senso de segurança e a autonomia.

Destaca-se que a maioria dos pais da amostra é envolvida e estimula a criança em pelo menos uma das dimensões da abertura ao mundo (risco e/ou perseverança). No entanto, a presença de pais pouco envolvidos ou com comportamentos inconsistentes não foi baixa, o que evidencia a necessidade de programas de intervenção e de grupos psicoeducativos que incentivem e despertem o interesse dos pais em participar das atividades familiares, e que também propiciem reflexões sobre a coparentalidade, oferecendo a oportunidade de as mães refletirem sobre o papel que elas exercem na relação entre o pai e a criança (permitindo ou inibindo a entrada do pai nessa relação).

Com relação às dificuldades encontradas para realizar essa pesquisa, em primeiro lugar pode-se citar a dificuldade de encontrar famílias que apresentassem as características delimitadas pelos critérios de inclusão, como casais com filhos de 4 a 6 anos vivendo juntos há pelos menos 06 meses. Devido à variedade de configurações familiares existentes, tiveram que ser contactadas muitas Instituições de Educação Infantil e, portanto, diversas famílias, para que fosse alcançado o número de participantes deste estudo. Em segundo, aponta-se as

condições do contexto em que a aplicação dos questionários ocorreu. Muitas coletas ocorreram na casa das famílias, no período da noite, após o trabalho dos pais. A presença da criança e o cansaço depois de um dia de trabalho podem ter contaminado a fidedignidade das respostas.

Outra limitação diz respeito ao questionário de abertura ao mundo, com relação aos itens invertidos e à mensuração dos indicadores de punição. Durante a aplicação desse instrumento, alguns participantes demonstraram dificuldade de compreensão nos itens invertidos e constrangimento ao responder os itens de punição referentes a práticas coercitivas. Além disso, levanta-se o questionamento sobre que tipo de disciplina está sendo investigada. Assim, sugere-se que estudos futuros atentem para essas questões, buscando alterar a sintaxe dos itens invertidos e propondo modos de avaliar a disciplina de forma qualitativa, seja por meio de entrevistas ou estudos de observação.

A perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano e o modelo dos determinantes da parentalidade contribuíram para a compreensão de que as características individuais parentais podem interferir na qualidade da interação com os filhos, podendo ser produto e produtoras do ambiente. No entanto, compreendendo esse fenômeno de forma multidimensional, não se pode afirmar que os comportamentos exercidos pelos pais se devem apenas às características de personalidade, mas também a outros fatores não investigados. Assim, recomenda-se que pesquisas futuras investiguem outros determinantes, levando em conta além das características individuais, a relação conjugal, a coparentalidade, as características da criança e os contextos envolvidos. Esses contextos podem envolver outras configurações familiares, em virtude do aumento do número de famílias binucleares e monoparentais, na atualidade. Sugere-se, por fim, estudos longitudinais e/ou de observação que explorem os processos ou mecanismos pelos quais os traços de personalidade influenciam a paternidade e a maternidade, com o intuito de verificar os fatores que possam mediar essa relação.

Referências

(Observação: Optou-se por inserir as referências ao final de dissertação a fim de não tornar a leitura cansativa e repetitiva).

7 DISCUSSÃO INTEGRADA

Esta dissertação apresentou com questionamento inicial a pergunta: Qual a relação entre a personalidade e a abertura ao mundo de pais de crianças de quatro a seis anos? Para respondê-la foram realizados dois estudos, um de revisão sistemática que buscou ampliar o conhecimento sobre a relação entre personalidade de pais e mães e a parentalidade e um outro estudo de caráter empírico que buscou identificar a relação entre perfis de personalidade e a abertura ao mundo em pais de crianças de 4 a 6 anos.

A revisão sistemática possibilitou realizar o mapeamento das relações já estudadas entre a personalidade de pais e mães e as dimensões que envolvem a parentalidade e/ou a relação entre pai, mães e filho(a)s. Esse estudo serviu como guia para compreender os artigos publicados e verificar possibilidades de investigação teórica e metodológica. Alguns estudos apontaram a necessidade de estudos com o pai, diante de sua maior participação no contexto familiar e também por haver poucos estudos sobre a personalidade paterna (Clark et al., 2000; Kochanska et al., 1997); outros indicam que as características extroversão, amabilidade e abertura indicam pais emocionalmente envolvidos (Pulkkinen & Metsapelto, 2003); e que a investigação de outros fatores, tais como a relação conjugal (Levy-shiff & Israelashvili, 1988), o nível socioeconômico (Kochanska et al., 2007), o trabalho dos pais (Jain et al., 1996b), o senso de competência (de Haan et al., 2009) e o humor parental (Belsky et al., 1995) é fundamental para um compreensão relacional e multideterminada, pois esses aspectos (e também outros) podem estar mediando a relação entre a personalidade e o comportamento dos pais.

Com relação a aspectos metodológicos, alguns estudos utilizaram a análise de cluster com o objetivo de identificar tipos de pais (Jain et al., 1996b; Pulkkinen & Metsapelto, 2003) e técnicas de análise multivariada para comparar os tipos de parentalidade em função dos fatores da personalidade. Esses estudos serviram como guia para a escolha do método de análise de dados do segundo artigo. A análise de cluster e a modelagem de equação estrutural possibilitaram a identificação de quatro perfis diferentes de abertura do mundo. Isso abre caminhos para se compreender os diferentes padrões de comportamentos dos pais que coexistem na atualidade, e levanta a problematização do que seria real e ideal nos modelos de paternidade.

Lamb (1997) sugere que o novo pai é aquele que troca fraudas, que leva à consulta médica e sabe o nome da professora do filho, mas pode ser que esse ideal ainda não seja a regra, e sim a exceção. Como aponta Goetz e Vieira (2009), os sujeitos frequentemente apresentam variações acerca do que consideram como ideal, possivelmente em virtude de aspectos econômicos, culturais e também transgeracionais. Por isso, é preciso saber se o pai aceita e pratica essas ações ditas ideais no contexto atual, e problematizar as noções que estão sendo compreendidas como papéis ideais. Dessa forma, a paternidade deve ser vista sob uma perspectiva cultural e histórica.

Segundo Bronfenbrenner (2011), o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos de interação recíproca de um organismo humano biopsicossocial com as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente imediato. A força, a forma e o conteúdo desses processos proximais variam como uma função articulada das características das pessoas em interação (ex: pai e filhos). Essas características, sejam elas físicas, cognitivas, comportamentais ou psicológicas podem ser tanto produtoras do desenvolvimento como também resultados do mesmo, isto é, qualidades das pessoas que surgem depois de um determinado tempo.

Os comportamentos paternos de estimulação e disciplina que visam promover a abertura ao mundo (Paquette, 2004) podem ser considerados como processos proximais, pois envolvem interações (algumas recíprocas e face a face) que visam a aprendizagem de novas habilidades nas crianças. A direção, a forma e a força dessas interações poderão variar em função das características pessoais tanto do pai quanto da criança. O desenvolvimento psicológico dos pais é influenciado pela conduta e pelo desenvolvimento dos filhos (Bronfenbrenner & Evans, 2000). Assim, ainda que o estudo dois tenha identificado quatro perfis de abertura ao mundo em função das características de personalidade paternas, não se pode afirmar que os comportamentos predominantes nesses perfis estejam sendo influenciados apenas pela personalidade do pai. As características da criança também podem estar influenciando o modo como os pais atuam na interação, seja de forma mais inibida, insegura, temerosa ou mais próxima, atrativa e brincalhona.

Além disso, ao considerar que o envolvimento paterno é influenciado por vários fatores (relação conjugal, trabalho do pai,

coparentalidade, variáveis sociodemográficas, aspectos sociais, culturais e políticos, características da criança), compreende-se que a personalidade é apenas um dos determinantes que pode estar relacionado ao comportamento parental, podendo ser usado para predizê-lo (Belsky, 1984). No entanto, outros aspectos devem ser investigados com o intuito de obter uma compreensão multideterminada e interrelacional.

De maneira geral, os resultados referentes aos dois artigos possibilitaram o destaque das características de personalidade como fatores determinantes para os comportamentos estabelecidos pelos pais na interação com os filhos, especialmente com relação às dimensões da abertura ao mundo: estimulação e disciplina. Salienta-se que os fatores extroversão, amabilidade e abertura da personalidade indicam pais mais envolvidos e estimuladores, e que o neuroticismo aponta pra comportamentos parentais punitivos, inconsistentes e/ou distanciados. Esses fatores serviram como variáveis psicológicas para a compreensão da parentalidade como um processo multideterminado.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os artigos apresentados enfatizam as relações entre a personalidade das figuras parentais e os comportamentos que os pais exercem na interação com os filhos, com destaque para as dimensões estimulação (ao risco e à perseverança) e disciplina da função paterna de abertura ao mundo. Ainda que os dois estudos tenham diferentes delineamentos de pesquisas, eles estão interrelacionados com a proposta geral dessa dissertação.

A revisão sistemática destacou o panorama das publicações, apontando para a ausência de estudos nacionais sobre a temática e também para o pouco investimento em estudos sobre a personalidade e o comportamento de pais e mães que visam o desenvolvimento dos filhos. Foi possível verificar a influência da personalidade parental nos estilos parentais, na relação de apego pai-criança, no envolvimento em atividades lúdicas, no comportamento dos filhos; assim como a mediação dela por outros fatores, tais como a história de desenvolvimento dos pais, o senso de competência, o nível socioeconômico e o humor dos mesmos. Esse estudo também permitiu a exploração dos resultados referentes aos traços de personalidade mais favoráveis a uma parentalidade positiva, em detrimento daqueles que apontam para pais mais distantes os quais talvez necessitem de um olhar cuidadosos dos profissionais que trabalham com famílias.

O estudo sobre os perfis de abertura ao mundo indicou que as características de personalidade podem interferir nas estratégias que os pais utilizam para abrir (ou não) a criança ao mundo. Isto é, a forma com que os pais se veem e se caracterizam se relaciona com diferentes comportamentos que os pais têm com a criança, seja estimulando mais ao risco, à perseverança e/ou punindo-a. Os quatro perfis identificados apontam para a coexistência de diferentes tipos de pais e salienta que uma nova paternidade (mais envolvida) encontra-se em transição.

É importante salientar algumas limitações que ocorreram no processo de execução do estudo. A primeira se refere à limitação do questionário sociodemográfico em acessar o nível socioeconômico das famílias. Como a maioria dos pais possuía nível superior e se enquadrava em classe média a alta, a renda familiar, na maioria dos casos, era muito superior ao limite de sete mil reais estabelecido no

questionário. Isso dificultou a análise descritiva com relação à renda das famílias participantes.

Além disso, é possível que a presença dos pesquisadores possa ter interferido nas respostas dos pais, os quais podem ter respondido o que acharam ser mais socialmente aceito. Contudo, a partir da perspectiva sistêmica, existem múltiplas versões da realidade, e os pais estavam falando sobre a percepção que possuem acerca da sua relação com os filhos. Essa é outra contribuição do presente estudo: ter sido realizado apenas com os pais, pois ainda são poucos os estudos que buscam explorar o que o pai tem a dizer sobre seu envolvimento no contexto familiar.

Para contornar o viés que possa ter havido nas respostas dos pais, devido à desejabilidade social, sugere-se que estudos futuros utilizem filmagens dos pais com seus filhos na residência da família, com a finalidade de constatar como a relação de ativação e a abertura ao mundo se manifestam. Outra alternativa pode ser entrevistando a esposa, visto que ela traria sua percepção sobre a relação do pai com os filhos.

Apesar dessas limitações, destaca-se que, no final de cada coleta de dados, os pais afirmaram ter gostado de participar da pesquisa e se colocaram à disposição para participar de pesquisas futuras. Alguns pais apontaram que as questões dos questionários fizeram-nos refletir sobre os comportamentos e tipos de interação que estabelecem com os filhos.

Em relação aos instrumentos da pesquisa, eles atenderam aos objetivos propostos. No entanto, sugere-se que pesquisas futuras utilizem delineamentos multimétodos e atentem, especialmente, para a elaboração de entrevistas que acessem a abertura ao mundo, especialmente questões que investiguem a diferença entre disciplina e punição. Ademais, a investigação de outros determinantes da parentalidade ou de outros contextos, para além do microsistema familiar, possibilitaria uma compreensão mais complexa da rede de interações entre relação de ativação, abertura ao mundo e personalidade paterna.

Estudos futuros que queiram aprofundar o tema sobre a personalidade e abertura ao mundo poderiam focar-se em estudos de observação que envolvam o pai, a mãe e a criança com a proposta de identificar como as características de personalidade dos pais interferem no comportamento da criança, explorando, inclusive, se tais características podem influenciar a classificação de ativação da criança, ou seja, se ela é ativada, subativada ou superativada. É importante incluir também a percepção da mãe e a coparentalidade, ou seja, como

pais e mães decidem juntos a educação, a formação e outros aspectos importantes sobre a vida dos filhos.

As contribuições dessa pesquisa para os profissionais que trabalham com famílias são: a) compreender a personalidade como um fator que pode interferir na eficácia e no funcionamento saudável da parentalidade, propiciando um olhar mais atento para as características individuais parentais, que podem envolver padrões de pensamento, comportamento e crenças; b) reflexões sobre práticas de cuidado e de intervenção que possam ampliar novas possibilidades de contato e interação dos pais com os filhos; c) reflexões para os terapeutas que trabalham com famílias; d) elaboração de grupos psicoeducativos e grupos multifamílias, nos quais possam ser discutidos e trocados formas distintas de lidar com os filhos. Essas contribuições visam, de maneira geral, contribuir com a promoção de saúde nas famílias e com o desenvolvimento saudável de todos os membros familiares.

As contribuições desse trabalho para a linha de pesquisa do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento Infantil (Nepedi) são:

- a) a escolha metodológica da análise dados – a análise de cluster pode ser usada em estudos futuros para a identificação de perfis de outros constructos (ex: perfis de coparentalidade, de envolvimento paterno, de abertura ao mundo de mães);
- b) a identificação de perfis de personalidade com características distintas em relação a abertura ao mundo – ampliação do conhecimento sobre A personalidade e de sua influência no envolvimento paterno.
- c) convite aos pesquisadores do grupo de pesquisa para que se dê continuidade aos estudos, por meio de diferentes delineamentos que incluam as mães, as crianças em estudos de observação e longitudinais.
- d) por fim, a constatação de que o trabalho em grupo de forma colaborativa é potente e transformador para a promoção e ampliação do conhecimento científico.

9 REFERÊNCIAS

- Achenbach, T., & Edelbrock, C. (1978). The classification of child psychopathology: a review and analysis of empirical efforts. *Psychological Bulletin*, 85(6), 1275–1301.
- Afonseca, S., Martins, A., & Pires, V. (2011). Influência da personalidade do pai na participação da prestação de cuidados ao bebê. *Revista inFormação*, 15(15), 14–38.
- Ainsworth, M. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(August 1990), 333–341. <http://doi.org/10.1037/0003-066X.46.4.333>
- Allport, G. W. (1966). *Personalidade padrões e desenvolvimento*. São Paulo: Herder; Editora da Universidade de São Paulo.
- Andolfi, M., Angelo, C., Menghi, P., & Nicolo-Corigliano, A. M. (1984). Por trás da máscara familiar. In *O indivíduo e a família: dois sistemas em evolução*. (pp. 17–26). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Andrade, J. M. de. (2008). *Evidências de Validade do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para o Brasil*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.
- Asendorpf, J. (2013). Person-centered Approaches to Personality. In *Handbook of personality processes and individual differences* (Vol. 1, pp. 1–18), Washington: American Psychological Association. <http://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- Asendorpf, J. B., Borkenau, P., Ostendorf, F., & Aken, M. A. G. V. A. (2001). Carving Personality Description at its Joints : Confirmation of Three Replicable Personality Prototypes for Both Children and Adults. *European Journal of Personality*, 15, 169–198.
- Backes, M. S. (2015). *A relação entre o envolvimento paterno e a abertura ao mundo em pais de crianças entre quatro a seis anos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Bandeira, M. S., Goetz, E. R., Vieira, M. L., & Pontes, F. A. R. (2005). O cuidado parental e o papel do pai no contexto familiar. In F. A. R. Pontes (Ed.), *Temas pertinentes à construção da Psicologia*

- Contemporânea*. (pp. 191–230). Pará: Editora da Universidade do Pará.
- Barroso, R., & Machado, C. (2015). Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. In *Fundamentos da família como promotora do desenvolvimento infantil: parentalidade em foco*. (1 ed., pp. 16–32), São Paulo: Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.
- Baumrind, D. (1996). Effects of authoritative parental control on child behavior. *Child Development*, 37, 887–907.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55(1), 183–96.
- Belsky, J. (1996). Parent , Infant , and Social-Contextual Antecedents of Father-Son Attachment Security. *Developmental Psychology*, 32(5), 905–913.
- Belsky, J., & Barends, N. (2012). Personality and Parenting. In *Handbook of Parenting: Being and Becoming a Parent* (pp. 415–438).
- Belsky, J., Crnic, K., & Woodworth, S. (1995). Personality and Parenting : Exploring the Mediating Role of Transient Mood and Daily Hassles. *Journal of Personality*, 63(4), 905–929.
- Belsky, J., & Jaffee, S. R. (2006). The multiple determinants of parenting. In D. Cicchetti & D. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology* (2nd ed., pp. 38–77). New York: Wiley.
- Beltrame, G. R., & Bottoli, C. (2010). Retratos do envolvimento paterno na atualidade. *Barbarói*, 32, 205–226.
- Benet-Martínez, V., & John, O. E. (1998). Los Cinco Grandes Across Cultures and Ethnic Groups : Multitrait Multimethod Analyses of the Big Five in Spanish and English, 75(3), 729–750.
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento*, Curitiba, 31(73), 237–246.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda* (2nd ed.). São Paulo: Martins Fontes.

- Brasil. Lei 8.069: Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990). Brasil.
- Bronfenbrenner, U. (1979). Contexts of child rearing: Problems and prospects. *American Psychologist*, 34(10), 844–850. <http://doi.org/10.1037/0003-066X.34.10.844>
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723–742. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.22.6.723>
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In M. Gauvain & M. Cole (Eds.), *Readings on the development of children* (2 ed., pp. 37-43). New York: Freeman
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: theoretical and operational models. In S. L. Friedman & T. D. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span: Emerging methods and concepts* (pp. 3–28). Washington: American Psychological Association Press.
- Bronfenbrenner, U. (2005). The bioecological theory of human development. In *Making human beings human: bioecological perspectives on human development* (pp. 3–15). California: Sage Publications.
- Bronfenbrenner, U. (2011). *Bioecologia do Desenvolvimento Humano: tornando os seres humanos mais humanos*. (A. de Carvalho-Barreto & S. H. Koller, Eds.). Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, S. J. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: a bioecological model. *Psychological Review*, 101(4), 568–86.
- Bronfenbrenner, U., & Evans, G. W. (2000). Developmental science in the 21st century: Emerging questions, theoretical models, research designs and empirical findings. *Social Development*, 9(1), 115–125.
- Browne, D. T., Meunier, J. C., O'Connor, T. G., & Jenkins, J. M. (2012). The Role of Parental Personality Traits in Differential Parenting. *Journal of Family Psychology*, 26(4), 542–553.

<http://doi.org/10.1037/a0028515>

- Brussoni, M., & Olsen, L. (2011). Striking a balance between risk and protection: Fathers' attitudes and practices toward child injury prevention. *Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics, 32*(7), 491–498.
- Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2014). Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento, 32*(76), 151–159. <http://doi.org/10.7213/psicol.argum.32.076.AO10>
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development, 71*(1), 127–136. <http://doi.org/10.1111/1467-8624.00126>
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar. In B. Carter & M. McGoldrick (Eds.), *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (2nd ed., pp. 7–29). Porto Alegre: Artmed.
- Caspi, A., Roberts, B. W., & Shiner, R. L. (2005). Personality development: stability and change. *Annual Review of Psychology, 56*, 453–484. <http://doi.org/10.1146/annurev.psych.55.090902.141913>
- Caspi, A., & Silva, P. A. (1995). Temperamental Qualities at Age Three Predict Personality Traits in Young Adulthood: Longitudinal evidence from a Birth Cohort. *Child Development, 66*, 486–498.
- Cervený, C. M. de O., & Berthoud, C. M. E. (2009). Ciclo vital da família brasileira. In L. C. Osorio, M. E. P. do Valle, & Colaboradores (Eds.), *Manual de terapia familiar* (p. 488). Porto Alegre: Artmed.
- Cia, F., & Barham, E. J. (2006). Influências das condições de trabalho do pai sobre o relacionamento pai – filho. *Psico-USF, 11*(2), 257–264.
- Cia, F., Barham, E. J. F., & Fontaine, A. M. G. V. (2012). Desempenho acadêmico e autoconceito de escolares: contribuições do envolvimento paterno. *Estudos de Psicologia (Campinas), 29*(4), 461–470.
- Cia, F., D’Affonseca, S. M., & Barham, E. J. (2004). A relação entre o envolvimento paterno e o desempenho acadêmico dos filhos. *Paidéia, 14*(29), 277–286. <http://doi.org/10.1590/S0103-863X2004000300004>

- Clark, L. a, Kochanska, G., & Ready, R. (2000). Mothers' personality and its interaction with child temperament as predictors of parenting behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(2), 274–285. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.79.2.274>
- Cordazzo, S. T. D., Martins, G. D. F., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2007). Perspectivas no estudo do brincar: um levantamento bibliográfico. *Aletheia*, 26(2003), 122–136.
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. (2.ed., Vol. 1). Porto Alegre: Artmed. <http://doi.org/10.1017/CBO9781107415324.004>
- De Fruyt, F., Mervielde, I., & Van Leeuwen, K. (2002). The consistency of personality type classification across samples and five-factor measures. *European Journal of Personality*, 16(S1), S57–S72. <http://doi.org/10.1002/per.444>
- de Haan, A. D., Deković, M., & Prinzie, P. (2012). Longitudinal impact of parental and adolescent personality on parenting. *Journal of Personality and Social Psychology*, 102(1), 189–199. <http://doi.org/10.1037/a0025254>
- de Haan, A. D., Prinzie, P., & Deković, M. (2009). Mothers' and fathers' personality and parenting: the mediating role of sense of competence. *Developmental Psychology*, 45(6), 1695–1707. <http://doi.org/10.1037/a0016121>
- Dessen, M. A., & Lewis, C. (1998). Como estudar a “família” e o “pai”? *Paidéia*, 105–121.
- DeYoung, C. G., Quilty, L. C., & Peterson, J. B. (2007). Between facets and domains: 10 aspects of the Big Five. *Journal of Personality and Social Psychology*, 93(5), 880–896. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.93.5.880>
- Donnellan, M. B., & Robins, R. W. (2010). Resilient, Overcontrolled, and Undercontrolled Personality Types: Issues and Controversies. *Social and Personality Psychology Compass*, 4(11), 1070–1083. <http://doi.org/10.1111/j.1751-9004.2010.00313.x>
- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In *La Paternité aux XXI siècle* (pp.

71–89). Canada, Québec: Les Presses de l'Université Laval.

- Dumont, C., & Paquette, D. (2012). What about the child's tie to the father? A new insight into fathering, father-child attachment, children's socio-emotional development and the activation relationship theory. *Early Child Development and Care*, 1–17. <http://doi.org/10.1080/03004430.2012.711592>
- Flanders, J. L., Leo, V., Paquette, D., Pihl, R. O., & Séguin, J. R. (2012). Rough-and-Tumble Play and the regulation of aggression: an observational study of father-child play dyads. *Aggress Behav*, 35(4), 285–295. <http://doi.org/10.1002/ab.20309>. Rough-and-Tumble
- Fleith, D. S., & Costa, A. L. J. (2005). Métodos de pesquisa em psicologia: O que é relevante considerar? In M. A. Dessen & A. L. Costa Junior (Eds.), *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras* (pp. 37–49). Porto Alegre: Artmed.
- Gangestad, S., & Snyder, M. (1985). “To carve nature at its joints”: On the existence of discrete classes in personality. *Psychological Review*, 92(3), 317–349. <http://doi.org/10.1037/0033-295X.92.3.317>
- Gaumon, S. (2013). *La relation d'activation père-enfant, les problèmes intériorisés et l'anxiété chez les enfants d'âge préscolaire*. Tese de Doutorado, Universidade de Montreal, Montreal, Canadá.
- Gaumon, S., & Paquette, D. (2013). The father-child activation relationship and internalising disorders at preschool age. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 447–463. <http://doi.org/10.1080/03004430.2012.711593>
- Goetz, E. R., & Vieira, M. L. (2009). Percepções dos filhos sobre aspectos reais e ideais do cuidado parental. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 26(2), 195–203. <http://doi.org/10.1590/S0103-166X2009000200007>
- Gomes, L. B. (2011). *Engajamento paterno e agressividade em crianças de quatro a seis anos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC.
- Gray, D. E. (2012). *Pesquisa no mundo real*. (tradução de Costa, R. C., 2 ed.). Porto Alegre: Penso.
- Grossmann, K. E., & Grossmann, K. (1998). Développement de l'attachement et adaptation psychologique du berceau au tombeau. *Enfance*, 3, 3–12.

- Haan, A. D. De, & Dekovic, M. (2011). Longitudinal Impact of Parental and Adolescent Personality on Parenting. *Journal of Personality and Social Psychology*, *102*(1), 189–199. <http://doi.org/10.1037/a0025254>
- Harris, K. M., Furstenberg, F. F., & Marmer, J. K. (1998). Paternal involvement with adolescents in intact families: the influence of fathers over the life course. *Demography*, *35*(2), 201–216. <http://doi.org/10.2307/3004052>
- Hendricks, J. W., & Payne, S. C. (2007). Beyond the Big Five: Leader goal orientation as a predictor of leadership effectiveness. *Human Performance*, *20*(4), 317–343. <http://doi.org/10.1080/08959280701521983>
- Hewlett, B. S. (1992). Father-child relations: cultural and biosocial contexts. New York: Aldine de Gruyter.
- Hoffman, M. (1975). Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. *Developmental Psychology*, *11*(2), 228–239. <http://doi.org/10.1037/h0076463>
- Hoghughi, M. S. (2004). Parenting: an introduction. In M. S. Hoghughi & N. Long (Eds.), *Handbook of Parenting Theory and Research for Practice* (pp. 1–18). Londres: Sage.
- Huver, R. M. E., Otten, R., de Vries, H., & Engels, R. C. M. E. (2010). Personality and parenting style in parents of adolescents. *Journal of Adolescence*, *33*(3), 395–402. <http://doi.org/10.1016/j.adolescence.2009.07.012>
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (2016). Infográficos: dados do município de Florianópolis. Disponível em <http://cod.ibge.gov.br/DKB>
- Jablonski, B. (2010). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. *Psicologia Ciência E Profissão*, *30*(2), 262–275.
- Jain, A., Belsky, J., & Crnic, K. (1996b). Beyond fathering behaviors: Types of dads. *Journal of Family Psychology*, *10*(4), 431–442. <http://doi.org/10.1037/0893-3200.10.4.431>
- James, G., Witten, D., Hastie, T., & Tibshirani, R. (2013). Clustering

- Methods. In *An Introduction to Statistical Learning: with Applications in R* (Vol. 103, pp. 385–396). New York: Springer. <http://doi.org/10.1016/j.peva.2007.06.006>
- John, O. P., & Srivastava, S. (n.d.). Big Five Inventory (BFI). *Handbook of Personality: Theory and Research*. (Vol 2, pp 102- 138). Nova York: Guilford Press. <http://doi.org/10.1525/fq.1998.51.4.04a00260>
- John, O. P., & Srivastava, S. (1999). The Big-Five Trait Taxonomy: History, Measurement, and Theoretical Perspectives. In *Handbook of personality: Theory and research* (2nd ed., pp. 102–138). New York: Guilford Press.
- Joreskog, K. G., & Goldberg, A. S. (1975). Estimation of a Model with Multiple Indicators and Multiple Causes of a Single Latent Variable. *Journal of the American Statistical Association*, 70(351), 631–639.
- Kendler, K. S., Sham, P. C., & MacLean, C. J. (1997). The determinants of parenting: An epidemiological, multi-informant, retrospective study. *Psychological Medicine*, 27(3), 549–563. <http://doi.org/10.1017/S0033291797004704>
- Kochanska, G., Aksan, N., Penney, S. J., & Boldt, L. J. (2007). Parental personality as an inner resource that moderates the impact of ecological adversity on parenting. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92(1), 136–150. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.92.1.136>
- Kochanska, G., Clark, L. A., & Goldman, M. S. (1997). Implications of mothers' personality for their parenting and their young children's developmental outcomes. *Journal of Personality*, 65(2), 387–420. <http://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1997.tb00959.x>
- Koller, S. H., Clara, M., & Couto, P. D. P. (2014). *Métodos de Pesquisa: Manual de Produção Científica*. Porto Alegre: Penso.
- Lamb, M. E. (1977). The development of mother-infant and father-infant attachments in the second year of life. *Developmental Psychology*, 13(6), 637–648. <http://doi.org/10.1037//0012-1649.13.6.637>
- Lamb, M. E. (1992). O Papel do Pai em Mudança. *Análise Psicológica*, 1, 19–34.
- Lamb, M. E. (1997). Fathers and child development: an introductory overview and guide. In *The role of the father in child development*

- (3rd ed., pp. 1–18). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal Behavior in Humans. *American Zoologist*, *25*, 883–894.
- Levy-Shiff, R., & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: Some further exploration. *Developmental Psychology*, *24*(3), 434–440. <http://doi.org/10.1037/0012-1649.24.3.434>
- Manfroi, E. C., Macarini, S. M., & Vieira, M. L. (2011). Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *Revista Brasileira de Crescimento E Desenvolvimento Humano*, *21*(1), 59–69.
- McAdams, D. P. (1992). The Five-Factor Model in Personality: A Critical Appraisal. *Journal of Personality*, *60*(2), 328–361.
- McBride, B. A. (1989). Stress and Fathers' Parental Competence: Implications for Family Life and Parent Educators. *Family Relations*, *38*, 385–389.
- McCrae, R. R., & Costa. (1999). The five-factor theory of personality. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 159–174). New York: The Guilford Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1987). Validation of the Five-Factor Model of Personality Across Instruments and Observers. *Journal of Personality and Social Psychology*, *52*(1), 81–90.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1997). Personality Trait Structure as a Human Universal. *American Psy*, *52*(5), 509–516.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2004). A contemplated revision of the NEO Five-Factor Inventory. *Personality and Individual Differences*, *36*, 587–596. [http://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00118-1](http://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00118-1)
- McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). An introduction to the five-factor model and its applications. *Journal of Personality*, *60*(2), 175–215. <http://doi.org/10.1111/j.1467-6494.1992.tb00970.x>
- Metsapelto, R., & Pulkkinen, L. (2005). The moderating effect of extraversion on the relation between self-reported and observed

parenting. *Applied Developmental Psychology*, 26, 371–384.
<http://doi.org/10.1016/j.appdev.2005.04.005>

Metsäpelto, R.-L. (2003). *Individual differences in parenting: The five-factor model of personality as an explanatory framework*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Jyväskylä, Finlândia.

Minuchin, S. (1982). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Monteiro, L., Fernandes, M., Veríssimo, M., Costa, I. P., Torres, N., & Vaughn, B. (2010). Perspectiva do Pai Acerca do seu Envolvimento em Famílias Nucleares . Associações com o que é Desejado pela Mãe e com as Características da Criança. *Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology*, 44(1), 120–130.

Morse, M. K. (2010). The determinants and consequences of empathic parenting: Testing an expansion of Belsky's model of parenting using SEM. Tese de Doutorado em Filosofia, Universidade North Texas, Texas, Estados Unidos.

Nunes, C. H. S. S. (2005). *Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. Retrieved from <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/8368>

Oliver, P. H., Guerin, D. W., & Coffman, J. K. (2009). Big five parental personality traits , parenting behaviors , and adolescent behavior problems : A mediation model. *Personality and Individual Differences*, 47(6), 631–636.
<http://doi.org/10.1016/j.paid.2009.05.026>

Paquette, D. (2004a). Dichotomizing paternal and maternal functions as a means to better understand their primary contributions. *Human Development*, 47(4), 237–238. <http://doi.org/10.1159/000078726>

Paquette, D. (2004b). La relation père-enfant et l'ouverture au mundo. *Enfance*, 56, 205–225. <http://doi.org/10.3917/enf.562.0205>

Paquette, D. (2004c). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193–219. <http://doi.org/10.1159/000078723>

Paquette, D., & Bigras, M. (2010a). The risky situation: a procedure for assessing the father-child activation relationship. *Early Child*
124

Development and Care, 180(1-2), 33–50.
<http://doi.org/10.1080/03004430903414687>

- Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: Defining and associated variables. *Infant and Child Development*, 9(4), 213–230. [http://doi.org/10.1002/1522-7219\(200012\)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0](http://doi.org/10.1002/1522-7219(200012)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0)
- Paquette, D., Carbonneau, R., Dubeau, D., Bigras, M., & Tremblay, R. E. (2003). Prevalence of father-child rough-and-tumble play and physical aggression in preschool children. *European Journal of Psychology of Education*. <http://doi.org/10.1007/BF03173483>
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013a). Is father-child rough-and-tumble play associated with attachment or activation relationships? *Early Child Development and Care*, 183(6), 760–773.
- Paquette, D., & Dumont, C. (2013b). The father-child activation relationship, sex differences, and attachment disorganization in toddlerhood. *Child Development Research*, 2013, 1–9. <http://doi.org/10.1155/2013/102860>
- Paquette, D., M., E. M., Dubeau, D., & Gagnon, M.-N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 99–119). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Paraventi, L., Bittencourt, I. G., Schulz, M. L. C., Souza, C. D. de, & Vieira, M. L. (n.d.). A percepção de pessoas sem filhos sobre a função paterna. *Estudos de Psicologia (Natal) (No Prelo)*, 1–26.
- Parke, R. (1996). *Fatherhood*. London: Harvard university Press.
- Pervin, L., & John, O. P. (2004). *Personalidade: Teoria e Pesquisa*. Artmed.
- Piccinini, C. A., Silva, M. D. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. D. C. S., & Tudge, J. (2012). Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 28(3), 303–314. <http://doi.org/10.1590/S0102-37722012000300006>
- Pillegi, P. M., & Munhoz, M. L. P. (2010). A importância da conduta paterna no processo de ensino e aprendizagem. *Cadernos de Psicopedagogia*, 8, 1–14.

- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: levels, sources, and consequences. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child development* (3rd ed., pp. 66–103). New York: John Wiley & Sons, Inc.
- Prinzle, P., Onghena, P., Hellinckx, W., & Grietens, H. (2005). Direct and indirect relationships between parental personality and externalising behaviour: The role of negative parenting. *Psychologica Belgica*, *45*(2), 123–145.
- Prinzle, P., Stams, G. J. J. M., Deković, M., Reijntjes, A. H. a, & Belsky, J. (2009). The relations between parents' Big Five personality factors and parenting: a meta-analytic review. *Journal of Personality and Social Psychology*, *97*(2), 351–362. <http://doi.org/10.1037/a0015823>
- Pulkkinen, L., & Metsapelto, R. (2003). Personality Traits and Parenting : Neuroticism , Extraversion , and Openness to Experience as Discriminative Factors. *European Journal of Personality*, *17*(August 2002), 59–78.
- Roberts, B. W., Kuncel, N. R., Shiner, R., Caspi, A., & Goldberg, L. R. (2007). The Power of Personality. *Perspectives on Psychological Science*, *2*(4), 313–345. <http://doi.org/10.1111/j.1745-6916.2007.00047.x>
- Rosseel, Y. (2012). lavaan: An R Package for Structural Equation Modelin. *Journal of Statistical Software*, *48*(2), 1–36. Retrieved from <http://www.jstatsoft.org/v48/i02/>
- Sameroff, A. (1975). Transactional Models in Early Social Relations. *Human Development*, *15*, 67-79.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lucio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa* (3rd ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Sancineto, C. H., Nunes, S., & Hutz, S. (2006). Construção e validação de uma escala de extroversão no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. *Psico-USF*, *2*, 147–155.
- Schulz, M. L. C. (2015). *A função paterna de abertura ao mundo na percepção de adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil.
- Schumacker, R. E., & Lomax, R. G. (2010). Multiple Indicator-Multiple Indicator Cause, Mixture, and Multilevel Models. In *A Beginner's Guide to structural equation Modeling* (3rd ed., pp. 293–325). New

York: Routledge. <http://doi.org/10.1002/9781118133880.hop202023>

- Silva, M. D. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 24(4), 561–573. <http://doi.org/10.1590/S0103-166X2007000400015>
- Silva, M. da R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561–574.
- Souza, C. L. C. de, & Benetti, S. P. da C. (2008). Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. *Contextos Clínicos*, 1(2), 61–71. <http://doi.org/10.4013/ctc.20082.02>
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria E Prática*, 10(1), 174–185.
- Trentini, C.M., Hutz, C. S., Bandeira, D. R., Teixeira, M. A. P., Gonçalves, M. T. A., Thomazoni, A. R. (2009). Correlações entre a EFN - Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP - Inventário Fatorial de Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 8(2), 209-217.
- Tudge, J. (2008). A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? In L. V. . Moreira & A. M. . (Orgs) Carvalho (Eds.), *Família e educação: Olhares da psicologia* (pp. 209–231). São Paulo: Paulinas.
- Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à l’engagement paternel: un bilan des connaissances. In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 39–70). Québec, Canadá: Les Presses de l’Université Laval.
- Van Aken, C., Junger, M., Verhoeven, M., Van Aken, M. A. G., Dekovic, M., & Denissen, J. J. A. (2007). Parental Personality, Parenting and Toddlers’ Externalising Behaviours. *Sex Roles*, 29(4), 137–152. <http://doi.org/10.1002/per>
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36–52.

- Volling, B. L., & Belsky, J. (1991). Multiple Determinants of Father Involvement during Infancy in Dual-Earner and Single-Earner Families. *Journal of Marriage*, *53*, 461–474.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, *21*(2), 181–186.
- Wilson, S., & Durbin, C. E. (2012). Dyadic Parent-Child Interaction During Early Childhood: Contributions of Parental and Child Personality Traits. *Journal of Personality*, *80*(5), 1313–1338. <http://doi.org/10.1111/j.1467-6494.2012.00789.x>

10 ANEXOS

Anexo 1

CÓDIGO: _____ DATA _____
PARENTESCO COM A CRIANÇA _____

QUESTIONÁRIO SOCODEMOGRÁFICO

1. Cidade de residência: _____

2. Número de pessoas (informar quem são as pessoas que moram na casa, sem contar os empregados? Incluir o respondente)

3. Quem vive na casa (anotar idade)

Respondente 1 IDADE: _____ Anos

Companheiro (a)..... 2 IDADE: _____ Anos

Filhos de 0 a 3 anos..... 3 Quantos? _____

Filhos de 4 a 6 anos..... 4 Quantos? _____

Filhos de 7 a 16 anos..... 5 Quantos? _____

Filhos com mais de 16 anos..... 6 Quantos? _____

Outras crianças e jovens menores de 18 anos (ex. enteados ou adotados, de criação, filhos de parentes e amigos)7
Quantos? _____

Outros parentes adultos 8 Quantos? _____

Amigos adultos 9 Quantos? _____

Quantos filhos frequentam a escola: _____ (contando a criança-alvo)

Em que período a criança alvo frequenta a escola? Manhã ();
Tarde (); Integral ()

4. Composição familiar:

Família nuclear pais biológicos de todos os
filhos.....1

Família nuclear pais adotivos da criança
alvo.....2

Família recasada com pais biológicos da criança
alvo.....3

Família recasada com madrasta da criança
alvo.....4

Família recasada com padrasto da criança alvo.....	5
Família recasada com mãe adotiva da criança alvo e padrasto.....	6
Família recasada com pai adotivo da criança alvo e madrasta.....	7
Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos.....	8
Família estendida com madrasta da criança alvo e outros parentes e amigos.....	9
Família estendida com padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos.....	10
Família estendida com pais adotivos das crianças e outros parentes e amigos.....	11
Família estendida com mãe adotiva e padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos.....	12
Família estendida com pai adotivo e madrasta da criança alvo e outros parentes e amigos.....	13

5. Escolaridade: Qual a sua e qual a escolaridade de seu
companheiro?

	Mãe	Companheiro
Não alfabetizado	1	1
Ensino fundamental incompleto: primário incompleto	2	2
Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto	3	3
Ensino fundamental completo	4	4
Ensino médio incompleto	5	5
Ensino médio completo	6	6
Ensino superior incompleto	7	7
Ensino superior completo	8	8
Pós-graduação	9	9
Não sabe	10	10

Quantos anos concluídos de escolaridade?
Mãe: _____ Pai: _____

	Respondente	Companheiro (a)
6. Profissão		
7. Atividade atual		
8. Jornada de trabalho semanal		

9. Você tem empregada/babá: () **Sim** () **Não**

10. Quem cuida da criança quando ela não está na escola: _____

11. Quem leva a criança para a escola: _____

12. Alguém da família faz uso de alguma medicação contínua

() **Sim** () **Não**

Quem? _____

Qual? _____

13. Renda familiar mensal

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar mensal?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Até R\$500,00 | <input type="checkbox"/> R\$4.001,00 a R\$4.500,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$501,00 a R\$1.000,00 | <input type="checkbox"/> R\$4.501,00 a R\$5.000,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$1.001,00 a R\$1.500,00 | <input type="checkbox"/> R\$5.001,00 a R\$5.500,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$1.501,00 a R\$2.000,00 | <input type="checkbox"/> R\$5.501,00 a R\$6.000,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$2.001,00 a R\$2.500,00 | <input type="checkbox"/> R\$6.001,00 a R\$6.500,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$2.501,00 a R\$3.000,00 | <input type="checkbox"/> R\$6.501,00 a R\$7.000,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$3.001,00 a R\$3.500,00 | <input type="checkbox"/> R\$7.001,00 a R\$7.500,00 |
| <input type="checkbox"/> R\$3.501,00 a R\$4.000,00 | <input type="checkbox"/> Acima de R\$7.501,00 |

14. Número de cômodos da residência: Quantos cômodos tem sua casa? (Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda): _____

15. Tipo de Casa:

Casa de alvenaria ()

Casa de Madeira ()

Casa Mista ()

11 APÊNDICES

Apêndice 1

Autorização enviada às instituições de educação infantil



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a justificativa do projeto de pesquisa intitulado: “Envolvimento Paterno no Contexto Familiar Contemporâneo”. Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa por meio da instituição:

_____.

Autorizo, também, a utilização dos dados coletados em eventuais trabalhos acadêmicos, publicações científicas, sem a identificação do local nem de seus profissionais.

Entendo que os pesquisadores, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, manterão sigilo sobre os dados e que, após sua utilização na consecução dos objetivos propostos pela pesquisa, os mesmos serão inutilizados.

Assinatura do responsável pela instituição

_____, ____ de _____ de _____

Identificação do responsável pela instituição:

Apêndice 2

Ficha de Contato Inicial



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

CARTA CONVITE

Prezados pai/padrasto e mãe/madrasta:

Gostaríamos de convidá-los a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em sua cidade sobre as relações do pai em famílias com crianças de 4 a 5 anos. Sua participação poderá ocorrer de duas maneiras: a) por meio de uma observação da criança com o pai e com a mãe na Universidade Federal de Santa Catarina, e respostas a questionários que abordam o tema da pesquisa, ou b) somente respostas do pai e da mãe a questionários que abordam o tema da pesquisa.

Os resultados dessa pesquisa ajudarão a pensar em formas de melhorar as relações familiares. Os participantes não serão identificados e esta pesquisa já teve aprovação no Comitê de Ética da Universidade. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações filmadas e/ou relatadas. A pesquisa se dará com a participação voluntária de vocês e sua opinião é de extrema importância para o sucesso da mesma.

Caso vocês aceitem participar, por favor preencham as informações abaixo e devolvam esta carta à escola de seu filho que entraremos em contato com vocês para agendar uma data e horário para realização da pesquisa.

Qualquer dúvida, vocês podem entrar em contato com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), através do telefone (48) 3721-8606 ou pelo e-mail maurolvieira@gmail.com. Nosso site é www.nepedi.ufsc.br.

A ser preenchida pelo participante:

Aceita participar no formato A B

Nome do participante pai/padrasto:

Nome da participante mãe/madrasta:

Nome e idade do(s) filho(s) :

Data de nascimento do(s) filho(s):

Endereço:

Telefone:

E-mail:

Apêndice 3 TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Vimos por meio deste convidar você a participar da pesquisa “Envolvimento paterno no contexto familiar contemporâneo II”, que tem como objetivo investigar as relações do pai em famílias com crianças de 4 a 5 anos. Esse estudo é importante para um maior aprofundamento do conhecimento sobre o envolvimento paterno e irá contribuir para melhorar as relações familiares. **Sua participação é voluntária, não remunerada** e acontecerá por meio de respostas sua e de seu/sua companheiro(a) a questionários sobre o tema. O material será utilizado somente para fins de pesquisa e só os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas, pois os questionários receberão apenas um código e as repostas vão ser somadas às repostas de outras 149 famílias. A sua participação na pesquisa pode permitir reflexões sobre suas vivências e sentimentos sobre ser pai ou mãe, o que pode gerar algum desconforto, caso seja necessário, você poderá ser encaminhado para o Serviço de Atendimento Psicológico (SAPSI) da UFSC ou a outro profissional mais próximo ao seu local de residência. Você pode recusar a participar, parar ou desistir da participação a qualquer momento, sem qualquer dano ou punição. A devolução dos resultados da pesquisa será feita em data a ser agendada. Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e aceitar participar do estudo, solicito sua assinatura em duas vias no referido Termo, sendo que uma delas permanecerá em seu poder. Esse projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina sob o número de parecer 1.514.798.

Eu.....
....., abaixo assinado, declaro através deste documento o meu consentimento em participar desta pesquisa.

RG: _____

Assinatura do participante da
pesquisa: _____

Data: _____

Pesquisador Responsável


Mauro Luís Vieira 52593665904

Fone: (48) 3721-8606

E-mail: maurolvieira@gmail.com

site: <http://www.nepedi.ufsc.br/>